

**INDICATIVO E SUBJUNTIVO EM ESPANHOL: NORMA E USO
NA IMPRENSA ESCRITA**

por

Iandra Maria da Silva

Curso de Pós-Graduação em Lingüística

Dissertação de Mestrado apresentada no Curso de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Luizete Guimarães Barros

FLORIANÓPOLIS

2005

INDICATIVO E SUBJUNTIVO EM ESPANHOL: NORMA E USO NA IMPRENSA ESCRITA

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de Mestre em Lingüística e aprovada em sua fase final pelo Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Luizete Guimarães Barros (UFSC)
(orientadora)

Profa. Dra. Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão (UEL)

Prof. Dr. Philippe Humblé (UFSC)

Profa. Dra. Edair Maria Görski (UFSC)

AGRADECIMENTOS

À professora Luizete Guimarães Barros, pela orientação sábia e paciente, pela confiança no meu trabalho, o que me faz confiar nele também.

Ao professor Philippe Humblé, pela grande disponibilidade em ajudar e pelo carinho com que sempre me atendeu.

À professora Edair Maria Görski, pela relevância das considerações na Banca de Qualificação e pelas observações durante a realização dessa pesquisa.

Ao professor Paulino Vandresen pelas sugestões dadas também na Banca de Qualificação.

À professora Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão, pela paciência com que sempre me atendeu e pela ajuda com empréstimo de livros.

À minha família, em especial a Ivanir, minha mãe querida, por seu exemplo de determinação e pela afeição que me dedica. À minha irmã e Gustavo, pelos abraços carinhosos e pelo companheirismo, formando minha família durante este período.

Ao Rodrigo, que entre idas e vindas, viveu comigo meus momentos de angústia, me impulsionando com seu carinho e trilhando ao meu lado essa etapa da minha vida.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo suporte financeiro através da concessão de bolsa de estudo.

A todos estes – e outros porventura não citados –, por todo o apoio oferecido, muito obrigada.

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar os modos indicativo e subjuntivo em espanhol, numa proposta de comparação entre normatização e uso, através da análise de emprego destes modos em jornais em espanhol coletados nos anos de 1998 e 1999, e normas provenientes da consulta a manuais didáticos de espanhol como língua estrangeira.

Utilizando uma amostra composta de 10.364 dados de textos jornalísticos, armazenados com o programa computacional Micro Concord, observamos o funcionamento dos itens: “*creer que*”, “*pensar que*”, “*saber que*” e suas negativas; “*es cierto que*”, “*es posible que*”, “*es necesario que*”, “*tal vez*”, “*quizá*”, “*seguramente*”, “*para que*”, “*a fin de que*”, “*después de que*”, “*cuando*” e “*aunque*”, de acordo com os pressupostos teóricos do Funcionalismo Lingüístico, com o objetivo de identificar semelhanças e/ou discrepâncias entre os níveis prescritivo e funcional.

Os resultados obtidos comprovam um comportamento sensível a motivações sintáticas, semânticas e pragmáticas, em contraste à explicação que se limita a condicionar o emprego do subjuntivo à subordinação sintática.

ABSTRACT

This research aims to analyze the indicative and subjunctive moods in Spanish within a proposal to compare their standardization and usage. This is done through the analysis of these moods in Spanish newspapers that were collected between 1998 and 1999 and, also, some norms given by didactic manuals in Spanish as a foreign language.

The corpus, consisting of 10.364 data from journalistic texts, was selected through the Micro Concord program, in which the functionalism of the following items were observed: “*creer que*”, “*pensar que*”, “*saber que*” and your negatives, “*es cierto que*”, “*es posible que*”, “*es necesario que*”, “*tal vez*”, “*quizá*”, “*seguramente*”, “*para que*”, “*a fin de que*”, “*después de que*”, “*cuando*” and “*aunque*”. According to theoretical presuppositions of the Linguistic Functionalism, the purpose was to identify similarities and/or discrepancies between their prescriptive and functional levels.

The results obtained demonstrate a sensitive behavior in relation to syntactic, semantic and pragmatic motivations, in contrast to explanations, which are limited to condition the usage of the subjunctive mood to the syntact subordination.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Sistema de classificação semântica (Terrell e Hooper, 1974)

Quadro 2: Códigos dos jornais de língua espanhola

Quadro 3: Uso dos modos verbais: “Creer que”

Quadro 4: Uso dos modos verbais: “Pensar que”

Quadro 5: Uso dos modos verbais: “Saber que”

Quadro 6: Uso dos modos verbais: “No creer que”

Quadro 7: Uso dos modos verbais: “No pensar que”

Quadro 8: Uso dos modos verbais: “No saber que”

Quadro 9: Uso dos modos verbais: “Es cierto que”

Quadro 10: Uso dos modos verbais: “Es posible que”

Quadro 11: Uso dos modos verbais: “Es necesario que”

Quadro 12: Uso dos modos verbais: “Seguramente”

Quadro 13: Uso dos modos verbais: “Quizá” (Posposto ao verbo)

Quadro 14: Uso dos modos verbais: “Quizá” (Anteposto ao verbo)

Quadro 15: Uso dos modos verbais: “Tal vez” (Posposto ao verbo)

Quadro 16: Uso dos modos verbais: “Tal vez” (Anteposto ao verbo)

Quadro 17: Uso dos modos verbais: “Para que”

Quadro 18: Uso dos modos verbais: “A fin de que”

Quadro 19: Uso dos modos verbais: “Después de que”

Quadro 20: Uso dos modos verbais: “Cuando”

Quadro 21: Uso dos modos verbais: “Aunque”

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Resumo da frequência de aparição dos modos segundo Mendrano (1999a)

Tabela 2: Total de construções analisadas na pesquisa

Tabela 3: Resumo das regras de uso dos modos das orações subordinadas substantivas

Tabela 4: Resumo das regras de uso dos modos das orações independentes

Tabela 5: Resumo das regras de uso dos modos das orações subordinadas adverbiais

Tabela 6: Resumo do uso dos modos das orações verificadas nos manuais e jornais de língua espanhola

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – O OBJETO EM ESTUDO.....	13
1. Colocação do Problema.....	13
1.1 Abordagem normativa.....	15
2. Pesquisas sobre modo verbal.....	20
2.1 Shawl (1975).....	20
2.2 Lunn (1989).....	21
2.3 Terrell e Hooper (1974).....	23
2.4 Smead (1994).....	25
2.5 Mejías-Bikandi (1994).....	26
2.6 Travis (2003).....	28
2.7 Silva-Corvalán (1994).....	29
2.8 Lunn (1995).....	30
2.9 Medrano (1999a).....	31
2.10 Serrano (1995).....	32
2.11 Goldin (1974).....	34
3. Objetivos e Hipóteses.....	37
3.1 Objetivos gerais.....	37
3.2 Objetivos específicos.....	37
3.3 Hipóteses.....	38
CAPÍTULO I I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	43
1. Funcionalismo Lingüístico.....	43
1.1 Modo x modalidade	46
1.2 Domínio Funcional da modalidade.....	51
CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	55

1. A amostra.....	55
2. A análise dos dados.	57
 CAPÍTULO IV – EMPREGO DOS MODOS VERBAIS: PRESCRIÇÃO.....	 59
1. Orações Subordinadas Substantivas.....	60
1.1 “Creer que”.....	60
1.2 “Pensar que”.....	61
1.3 “Saber que”.....	62
1.4 “No creer que”.....	62
1.5 “No pensar que”.....	64
1.6 “No saber que”.....	65
1.7 “Es cierto que”.....	66
1.8 “Es posible que”.....	67
1.9 “Es necesario que”.....	68
2. Orações Independentes.....	70
3. Orações Subordinadas Adverbiais.....	73
3.1 “Para que”.....	74
3.2 “A fin de que”.....	75
3.3 “Después de que”.....	76
3.4 “Cuando”.....	77
3.5 “Aunque”.....	78
 CAPÍTULO V – EMPREGO DOS MODOS VERBAIS: USO JORNALÍSTICO.....	 83
1. Orações Subordinadas Substantivas.....	83
1.1 “Creer que”.....	84
1.2 “Pensar que”.....	87
1.3 “Saber que”.....	90
1.4 “No creer que”.....	92
1.5 “No pensar que”.....	97
1.6 “No saber que”.....	102

1.7 “Es cierto que”.....	106
1.8 “Es posible que”.....	108
1.9 “Es necesario que”.....	111
2. Orações Independentes.....	114
2.1 “Seguramente”	114
2.2 “Quizá”	118
2.3 “Tal vez”	124
3. Orações Subordinadas Adverbiais.....	131
3.1 “Para que”.....	131
3.2 “A fin de que”.....	133
3.3 “Después de que”.....	135
3.4 “Cuando”.....	139
3.5 “Aunque”.....	143
CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	156
ANEXOS	160

INTRODUÇÃO

Esta dissertação consiste no estudo dos modos indicativo e subjuntivo na língua espanhola, abordando questão referente aos valores e funções que exercem esses modos prescritos por autores que tratam tal tema em comparação ao uso da língua escrita. A proposta consiste no cotejo entre normatização e uso, através da análise de jornais em espanhol dos anos de 1998 e 1999, consultados com a ajuda do programa computacional Microconcord (Mike Scott & Tim Johns), e de normas provenientes da consulta a manuais didáticos do espanhol como língua estrangeira.

Utilizando uma amostra composta de 10.364 dados jornalísticos, o estudo se dirige a explicar o funcionamento dos modos em orações substantivas, independentes e adverbiais, com interesse em elucidar mecanismos de seleção modal que operam nas orações analisadas.

Para essa investigação analisamos os itens “*creer que*”, “*pensar que*”, “*saber que*”, “*no creer que*”, “*no pensar que*”, “*no saber que*”, “*es cierto que*”, “*es posible que*”, “*es necesario que*”, “*tal vez*”, “*quizá*”, “*seguramente*”, “*para que*”, “*a fin de que*”, “*después de que*”, “*cuando*” e “*aunque*”. Estes elementos são analisados separadamente em manuais didáticos utilizados para o ensino de aprendizes do espanhol e nos dados da imprensa escrita.

Assumindo a expectativa de possíveis discrepâncias entre as regras normativas e o uso e de prováveis casos de variação nas construções estudadas, evidenciamos a frequência da utilização dos modos indicativo/subjuntivo num *corpus* composto de textos da imprensa atual, apresentada através de resultados numéricos.

Optamos por realizar um estudo dos modos indicativo e subjuntivo, em especial aos valores do modo subjuntivo, por ser o modo que traz dificuldades para os aprendizes brasileiros de espanhol, a fim de proporcionar uma teorização lingüística que possa repercutir na prática pedagógica de espanhol como língua estrangeira.

Reconhecemos a proliferação de estudos sobre o modo subjuntivo e a variedade de teorias sobre o uso desse modo em busca de suposta fórmula que dê conta do funcionamento do mesmo com o intuito de facilitar a aprendizagem.

Retomamos algumas dessas propostas e investigamos o indicativo e subjuntivo entendendo o domínio da modalidade como fator distintivo dos modos, abordando esta categoria sob a ótica funcionalista de linha givoniana baseada nos conceitos de *realis* e *irrealis* como fatores pertinentes na codificação dos modos (Givón, 1993, 1995), salientando oposições como a decorrência do contraste entre negativas e afirmativas, asserção *versus* pressuposição e consideração de valores pragmáticos (Givón, 1995, Terrell e Hooper, 1974).

A partir da análise do comportamento morfo-sintático, semântico e pragmático dos modos indicativo e subjuntivo, das unidades em uso da língua e de manuais didáticos, procuramos revisar concepções sobre valores dos modos verbais e sobre modalidade.

A apresentação desses conceitos está organizada nesta dissertação em cinco capítulos.

O primeiro capítulo está dividido em três seções. Na primeira delas, focalizamos pressupostos normativos, fazendo uma revisão dos conceitos da gramática tradicional, com a análise de lingüistas como Andrés Bello e Real Academia Espanhola, legitimadores de uma tradição nos estudos hispânicos. Na segunda seção, incluímos uma série de estudos realizados com o modo subjuntivo, que diretamente tem a ver com nossa pesquisa. Finalizando este capítulo, esboçamos os objetivos propostos e as hipóteses que orientam a investigação.

No segundo capítulo, discutimos e expomos a linha teórica do Funcionalismo Lingüístico que guia a pesquisa, fornecendo uma visão geral dos conceitos explorados aqui. Neste capítulo também focalizamos, em linhas gerais, a abordagem da prescrição gramatical acerca do modo subjuntivo, contrapondo a visão teórica de vários autores.

O terceiro capítulo é reservado à descrição da abordagem metodológica, e nele tecemos considerações sobre os métodos e materiais utilizados para a realização deste estudo.

No quarto capítulo expomos as concepções de modo verbal e as regras estabelecidas por manuais de cunho didático a respeito dos valores e usos dos modos.

E, finalmente, no último capítulo, destinado à análise e discussão dos dados, tratamos de apresentar os resultados das análises das amostras dos modos, vinculados ao uso da imprensa jornalística espanhola, estabelecendo estatisticamente as correlações entre o que está prescrito nos manuais e os dados coletados.

A este último capítulo seguem as considerações finais sobre os resultados obtidos, a bibliografia utilizada e os anexos referentes à pesquisa.

CAPÍTULO I: O OBJETO EM ESTUDO

No primeiro capítulo deste trabalho apresentamos os itens que compõem nosso fenômeno de estudo e justificamos a escolha dos itens em análise. Temos como intuito também discutir as considerações prescritas pela gramática para os usos dos modos, adaptando a descrição gramatical a algumas amostras reais da língua espanhola retiradas de jornais, analisadas de acordo com o tema.

Na segunda seção apresentamos algumas pesquisas já realizadas sobre os modos indicativo e subjuntivo, e em especial tratamos do emprego do subjuntivo de acordo com a abordagem: sintática, semântica, pragmática, entre outras.

Por fim, elencamos, na terceira seção, os objetivos gerais e específicos que guiam nosso trabalho e as hipóteses que estruturam esta proposta de dissertação.

1. Colocação do Problema

O tema desta pesquisa surge da observação de contextos de aprendizagem, graças ao contato que, por razão profissional, tivemos com estudantes de língua espanhola durante algum tempo, que nos despertou o interesse pela evolução de seus comportamentos lingüísticos em função da dificuldade com a utilização dos modos verbais, principalmente com o subjuntivo. Ao nos depararmos com situações em que as regras apresentadas em sala de aula não condizem com os contextos reais de uso da língua em questão, optamos por realizar um trabalho visando tratar de valores e os traços que motivam a alternância de modos, bem como a retenção de um deles, centralizando nossa atenção para a oposição indicativo/subjuntivo.

Selecionamos, para tanto, algumas categorias relevantes para o estudo desse fenômeno: “*creer que*”, “*pensar que*”, “*saber que*” e suas negativas, “*es cierto que*”, “*es posible que*”, “*es necesario que*”, “*tal vez*”, “*quizá*”, “*seguramente*”, “*para que*”, “*a fin de que*”, “*después de que*”, “*cuando*” e “*aunque*”.

O mecanismo de seleção modal que opera em algumas dessas construções são geralmente considerados, por aprendizes do espanhol como língua estrangeira, como um dos

pontos mais difíceis da gramática, sendo o subjuntivo, em seu uso conceitual, o modo que mostra maior dificuldade, devido à variedade de traços que fazem variar seu significado.

Quando optamos por realizar um trabalho visando a análise de materiais utilizados no ensino do espanhol como língua estrangeira a fim de verificar os usos e valores dos modos verbais, fizemos um apanhado dos elementos pertinentes no ensino do espanhol selecionando alguns manuais didáticos da língua espanhola.

Com o intuito de contrastar normatização e uso, realizamos uma análise prévia de três manuais selecionados para essa pesquisa, Borrego, *et al.* (1986), Álvarez (1987) e Porto Dapena (1991)¹, e verificamos se os dados jornalísticos selecionados estão de acordo com as regras prescritas por estes manuais. As amostras reais de escrita jornalística foram verificadas com a ajuda do programa computacional Microconcord, e o *corpus* reúne jornais dos anos de 1998 e 1999.

Ao realizar a análise e comparar com as regras de emprego de modo conforme prevê o padrão dos manuais selecionados, observamos contrastes de uso dos modos em algumas construções selecionadas para esta pesquisa, isto porque certas condições de uso de modo impostas pelos manuais nem sempre são idênticas aos dados reais de escrita jornalística. Amostras encontradas, por exemplo, com o item verbal “*creer*” precedido de negação, ilustram este contraste. Contrapondo-se às normas que prescrevem a utilização de ambos os modos, indicativo e subjuntivo, indistintamente, encontramos um percentual quase que exclusivo de emprego do modo subjuntivo, como a expressão “*no creer que*”².

Diferentes usos e valores dos modos encontrados nestes dois contextos, bem como a necessidade de outros enfoques de análise, atestam a importância do estudo do uso dos modos verbais. Por essa razão, trazemos à continuação o que dita a prescrição gramatical tradicional a respeito dos modos indicativo/subjuntivo.

¹ BORREGO, J.; ASECIO, J. G.; PRIETO, E. *El subjuntivo: valores y usos*. Madrid: Sociedad General Española de Librerías, 1986.

ALVAREZ, Jesús Fernández. *El subjuntivo*. 7ª ed. Madrid: Edi-6, 1987.

PORTO DAPENA, José Álvaro. *Del indicativo al subjuntivo: valores y usos de los modos del verbo*. Madrid: Arco/Libros, 1991.

² Fornecemos as análises dos dados jornalísticos, incluindo esta expressão, no capítulo V dedicado à verificação e análise dos resultados.

1.1 A abordagem normativa

Para dar uma visão de conjunto sobre as concepções dos modos verbais consideramos importante fazer uma revisão dos conceitos da gramática tradicional, representados por Andrés Bello e pela Real Academia Espanhola, legitimadora da tradição de estudos lingüísticos em espanhol.

Tradicionalmente apresenta-se a seleção das formas verbais indicativas e subjuntivas, pela análise que explica o uso do modo na forma subjuntiva pelo mecanismo de classificação de verbos da oração principal, expresso por listas de condições de uso incluindo verbos de dúvida (*dudo, sospecho*) e verbos volitivos (*deseo, quiero*). Este é o ponto de vista de alguns lingüistas, incluindo o gramático venezuelano, Andrés Bello.

Estudiosos como Bello (1988 [1847],112)³ contribuem com noções importantes para a teoria da categoria modal. Dentre elas, sustenta que tanto subjuntivo como o indicativo são modos subordinados, pois aparecem seguindo um subordinante explícito (indicativo e subjuntivo) ou implícito (imperativo). Na eleição do modo são combinados os critérios sintáticos (palavras regentes) e semânticos (verbos de afirmação, de dúvida, de possibilidade).

Para Bello (1988:158, §450) os modos são “*las inflexiones del verbo en cuanto provienen de la influencia o régimen de una palabra o frase a que esté o pueda estar subordinado*”.

Sendo o regime o que distingue os modos, Bello inova porque define o indicativo também como modo regido. Isto é, não só o subjuntivo é tido como modo subordinado. O indicativo é regido por verbos “*saber*” e “*afirmar*”, não precedidos de negação, e também pelos verbos de língua, como “*decir*”, “*contar*”, etc. Em oposição a ele, o subjuntivo é regido por verbos como “*dudar*” e “*desear*”, ou verbos assertivos na negativa, como “*no saber*” e “*no afirmar que*”.

No caso do subjuntivo, Bello subdivide este modo em subjuntivo “*común*” e “*hipotético*”, inovando também no número de divisão dos modos verbais. Para ele, são quatro modos verbais em espanhol: indicativo, subjuntivo comum, subjuntivo hipotético, e optativo, no qual se inclui o imperativo que não é tema deste trabalho. Esta classificação diz respeito à subordinação explícita em (a), (b) e (c) e à subordinação implícita em (d):

³ Utilizamos essa maneira de citação para informar o ano da publicação da obra consultada (entre parênteses) e o ano da primeira publicação da mesma (entre colchetes), seguido pela indicação da página onde se encontra a citação. Em outras referências, indicamos também o parágrafo da gramática relativa à parte citada. Exemplo: Bello (1988 [1847]:158, §450).

- a) “*indicativo*”: que se emprega em oração independente como “*llueve*”, ou oração subordinada como: “*La radio afirma que llueve hoy*” – assunto que nos interessa neste trabalho;
- b) “*subjuntivo común*”: inclui os casos que se subordinam a verbos de dúvida ou desejo (Bello, 1988:160, §457) – e faz parte do tema desta pesquisa;
- c) “*subjuntivo hipotético*”: inclui os casos em que se enuncia condição ou hipótese (Bello, 1988:160, §469);
- d) “*optativo*”: inclui as subjuntivas comuns que se empregam nas proposições independentes para significar o desejo de um fato positivo ou negativo (Bello, 1988:160, §464).

Segundo Bello, o modo “*hipotético*” é peculiar na língua castelhana, pois não houve em latim e não há em nenhum outro dialeto romance e tem duas formas próprias, a simples (*cantare, partiere*) e a composta (*hubiere cantado, hubiere partido*) (Bello, 1988:163, §470)⁴.

De acordo com a gramática publicada pela Real Academia, *Esbozo para una Nueva gramática de la lengua española* (1973:454) o modo verbal é definido: “*En varias ocasiones hemos distinguido el contenido de lo que se dice (dictum) de cómo lo presentamos en relación con nuestra actitud psíquica (modus). Entre los medios gramaticales que denotan la actitud del hablante respecto a lo que se dice, se encuentran las formas de la conjugación conocidas por antonomasia con el nombre tradicional de modos*”.

Retoma-se duas teorias para a explicação do modo de acordo com a gramática da Real Academia: a tradicional e a estruturalista. Nesta, o indicativo está relacionado à realidade e o subjuntivo à irrealidade. Naquela, o modo subjuntivo remete a uma ação duvidosa, possível, necessária ou desejada. No entanto, segundo Navas Ruiz (1990:126), a distinção entre as duas formas indicativo/subjuntivo se dá pela distinção latina entre subjuntivo potencial (dúvida, temor, emoção, possibilidade) e optativo (desejo, necessidade, vontade).

Dos três modos estabelecidos por esta gramática: indicativo, subjuntivo e imperativo, tratamos nesta pesquisa da oposição indicativo e subjuntivo e, em especial, desse último.

O modo indicativo identifica-se como expressão da realidade e como membro não marcado. O subjuntivo, como expressão da não realidade, e como elemento marcado da expressão (cf. GRAE, 1973:454).

⁴ Convém ressaltar que, em português, há o que Bello reconhece como “subjuntivo hipotético”, em exemplos como: “Se/Quando **houver** lotação suficiente, o barco abandonará o porto”.

Para a caracterização do modo subjuntivo parte-se da significação do termo “subjuntivo” como subordinado, estabelecendo-o como o modo de subordinação. A Academia distingue para o modo subjuntivo a divisão em “*común*” e “*optativo*” em que este compreende as ações necessárias ou desejadas, e aquele, as ações pensadas como duvidosas ou possíveis (cf. GRAE, 1973:455).

Essa caracterização responde a critérios sintáticos de aparição do verbo em orações subordinadas ou frases independentes. A este critério se une também o semântico, fazendo referência, no caso da subordinação, ao tipo de verbo subordinante, ou seja, se o verbo expressa dúvida ou necessidade, por exemplo, se justifica a eleição do modo subjuntivo.

Segundo Onieva Morales (1999:264-7), a gramática tradicional atribui à morfologia flexional de modo verbal a impressão de atitudes de certeza, dúvida, suposição, da pessoa que fala em relação ao fato, ou seja, a atitude do falante diante da ação verbal. Ao enunciar uma ação verbal podemos pensá-la como real, como ajustada à realidade objetiva, empregando o modo indicativo. Ao contrário, se a ação não se considera real, existindo apenas na mente do falante, ou é precedida por expressões de desejo, temor ou dúvida de que se realize a ação, temos neste caso o modo subjuntivo.

Vejamos alguns exemplos que especificam a diferença entre o uso do modo indicativo, em orações que representam fatos concretos, reais (a-b) e o uso do subjuntivo em orações que exprimem dúvida ou temor (c-d):

- a) “*Ya me **han pagado** el sueldo*”.
- b) “*Me **pagan** el sueldo correctamente*”.
- c) “*Quizás me **paguen** el sueldo*”.
- d) “*Temo que no me **paguen** el sueldo*” (Onieva Morales, 1999:265).

O modo indicativo e o modo subjuntivo são considerados, segundo a norma, membros da oposição realidade/não realidade. O uso do subjuntivo focaliza o fato como incerto, duvidoso ou até mesmo irreal, traduzindo uma ação ainda não realizada. Normalmente, o subjuntivo depende de outro verbo (*Temo que no me **paguen** el sueldo*), que envolve o verbo subordinado (*paguen*) na irrealidade que expressa.

O emprego do subjuntivo é resumido, portanto, na seguinte regra: usa-se o modo subjuntivo na oração subordinada sempre que o verbo principal expresse uma ação duvidosa, possível, necessária ou desejada (Onieva Morales, 1999:265).

Podemos identificar, portanto, o uso do modo subjuntivo espanhol na gramática normativa atrelado a fatores sintático e/ou semântico:

- a) Oração subordinada => fator sintático
- b) Valor da oração principal => fator semântico (inclui modalidade: dúvida, possibilidade, necessidade, desejo ou é captado pelo traço inerente do item verbal (“*duvidar*”, “*pode ser*”, “*desejar*”, “*ser necessário*”, etc...))

Tradicionalmente há a tendência em associar o modo indicativo com o que o falante considera como fato estabelecido e o subjuntivo associado com o que o falante não considera como certeza, como fato acontecido. Essa generalização explica o uso do subjuntivo em orações como:

1. “... **es cierto que** *China está entrando en una recesión ‘a la china’, que es un crecimiento inferior a la de dos dígitos que ha venido teniendo durante los últimos años*”. (Jornal *La Razón*: Argentina, 05/02/99)
2. “... **es probable que** *también se reduzca el precio mínimo fijado para las futuras privatizaciones*”. (Jornal *Clarín*: Argentina, 21/09/98)

No trecho (1), o falante considera a informação expressa no complemento da oração como verdadeira. Conseqüentemente o modo indicativo pode ser usado aí. Em (2), o falante não considera a informação expressa como um fato estabelecido utilizando, portanto, o modo subjuntivo.

O binarismo aparente da gramática tradicional em que se fundamenta a oposição indicativo/subjuntivo na correspondência realidade/irrealidade não dá conta de exemplos como:

3. “*Es mucho lo que invertimos, por eso nos duele que nos roben*”. (Jornal *El Debate*: México, 23/02/99)
4. “...**me alegra que me mencionen** *como el centerfielder regular en 1999 y que desde ya puedo jugar acá. Y lo haré dentro de dos o tres semanas*”. (Jornal *El Nacional*: Venezuela, 08/10/98)

5. “*Tal vez esa sea la razón por la que ganamos 114 juegos y estemos en la posición en que nos hallamos ahora*”. (Jornal *El Nacional*: Venezuela, 06/10/98)

Tendo em vista os dados reais exemplificados acima, notamos que a taxonomia imposta e defendida pela tradição gramatical não caracteriza satisfatoriamente o modo subjuntivo. A relação entre subjuntivo e irrealidade não é suficiente para explicar casos como os eventos expressos no modo subjuntivo nas orações (3) e (4), pois as mesmas se referem a ações reais, em que o falante considera um fato concreto “o roubo” em (3), e o fato de que “mencionam o jogador” em (4). No trecho (5), por outra parte, os limites indicativo/subjuntivo também se apresentam inseguros já que se sabe que os 114 jogos ganhos justificam a posição em que o time se encontra agora, e o emprego de “*tal vez*” faz com que se precise os limites entre realidade e irrealidade. Por essa razão, vemos que a definição dos modos verbais feitas pelas gramáticas de cunho tradicional merecem ser revistas, e este é o campo de nossa pesquisa.

A próxima seção detalha alguns outros estudos já realizados sobre os modos verbais, com preferência pelo uso do modo subjuntivo em espanhol, em desenvolvimento à tradição gramatical e em apoio à nossa pesquisa.

2. PESQUISAS SOBRE MODO VERBAL

O modo subjuntivo em espanhol é tema de vários estudos e encontrado na literatura em diferentes tipos de análise. Dentre os diversos trabalhos, destacamos os estudos desenvolvidos no campo da lingüística, na perspectiva sintática, com a análise de Shawl (1975); em termos da teoria da relevância, na visão de Lunn (1989); na perspectiva semântica, com trabalhos de autores como Terrell e Hooper (1974) e Smead (1994); no aspecto semântico-pragmático, temos as generalizações propostas por Mejías-Bikandi (1994) e a abordagem da semântica natural aplicada ao estudo do modo subjuntivo analisada por Travis (2003).

Além destas propostas, observamos estudos de autores que reconhecem a perda da distinção dos modos verbais, cujas análises se inserem no campo da pragmática, tratando de fenômenos lingüísticos que vem afetando o espanhol falado em algumas regiões, dentre os quais destacamos os estudos de Silva-Corvalán (1994), para o espanhol falado na cidade de Los Angeles, Lunn (1995) e Medrano (1999a). Também abordamos a pesquisa de Serrano (1995), correlacionando o modo ao campo da sociolingüística e estudo de Goldin (1974) em que podemos ver o modo subjuntivo retratado numa abordagem psicológica.

Os estudos não estão divididos especificamente por áreas, levando em conta que os limites entre as áreas lingüísticas nos trabalhos em questão são muito tênues. Alguns estudos, inclusive, fazem menção a mais de uma área, portanto, optamos por citá-los por autor.

2.1 Shawl (1975)

Numa interpretação a nível sintático, Shawl (1975) focaliza a análise e descrição sintática de certos tipos de oração em que o indicativo e o subjuntivo são encontrados. O autor aborda o fato de que alguns livros didáticos têm dado relevância a dados morfológicos e semânticos dos modos verbais. Afirma também que tradicionalmente os professores insistem em que os alunos memorizem algumas categorias semânticas, tais como antecedente negativo ou indefinido, ato ou evento futuro, dúvida, desejo, necessidade, para uso de um modo ou outro. No entanto, para Shawl tem sido dada pouca atenção às estruturas sintáticas em que o subjuntivo aparece.

Esse estudo do espanhol é feito sob análise da gramática gerativa em que o autor

seleciona algumas construções e propõe a consideração de quatro regras para o uso do subjuntivo. Estas regras são: experiência, posterioridade, influência e posterioridade indefinida⁵. Exemplos de usos destas regras são ilustrados abaixo:

- a) “*José busca una casa que tiene farolito*” [+experiência]
- b) “*José busca una casa que tenga farolito*” [-experiência]
- c) “*Rosa canta cuando él llega*” [-posterioridade]
- d) “*Rosa cantará cuando llegue él*” [+posterioridade]
- e) “*Yo encuentro que Rosa habla despacio*” [-influência]
- f) “*Yo quiero que Rosa hable despacio*” [+influência]
- g) “*José se quedará aquí hasta que Rosa salga*” [+posterioridade indefinida]
- h) “*José se quedó aquí hasta que Rosa había salido*” [-posterioridade indefinida] (Shawl, 1975:324-8)

A teorização de Shawl (1975) baseada no caráter sintático da análise do modo subjuntivo tem fins pedagógicos e, segundo o autor, a utilização dessas quatro regras facilitam o trabalho do professor no ensino de espanhol a falantes de inglês, principalmente.

2.2 Lunn (1989)

O modo subjuntivo também é tratado por Lunn (1989,1995) em diferentes perspectivas de análise. Em um dos estudos (Lunn, 1989), a autora introduz a noção de relevância na discussão do modo subjuntivo (cf. Sperber e Wilson, 1986) e o protótipo⁶ da assertividade.

O sentido particular da “teoria relevância” desenvolvida por Sperber e Wilson (1986) é a qualidade assumida como inerente aos atos de comunicação: “*cada ato de comunicação ostensiva comunica a suposição de sua própria relevância favorável*”⁷ (1986:158).

A relevância está correlacionada com a informatividade, ou seja, a relevância de uma nova informação para um indivíduo é valorizada em termos de melhorias produzidas para sua representação de mundo (Sperber e Wilson, 1986:103 apud Lunn 1989:690). Isto significa

⁵ [-experience] – [subsequence] – [+bias] – [+subsequence indefiniteness]

⁶ O protótipo se concebe como o caso mais típico ou mais comum de uma categoria.

⁷ “*Every act of ostensive communication communicates the presumption of its own optimal relevance*”. (Sperber e Wilson, 1986 apud Lunn 1989:690)

supor que a informação é relevante quando está codificada no modo indicativo e quando está no subjuntivo há uma posição de interpretação. Quando dados do espanhol são examinados sob a ótica da teoria de Sperber e Wilson, fica claro que o subjuntivo marca verbos de orações que são julgadas de pouca relevância no discurso.

Para a autora, no espanhol há duas categorias de informação não-assertiva: informação não verdadeira, que não se classifica como asserção porque não traz nada objetivo para a representação do mundo do ouvinte, e informação pressuposta, que também não se rotula como asserção por não trazer nada novo para a representação do mundo do ouvinte.

Lunn (1989) afirma que informação relevante aparece no modo indicativo, por outro lado, informação não-relevante, no modo subjuntivo.

A autora propõe como protótipo o traço da assertividade, em que alguns tipos de informações são mais assertivas que outras. Potencialmente, segundo Lunn, a informação nova e verdadeira é mais assertiva que a informação velha e não verdadeira.

Lunn (1989) relaciona o subjuntivo com o traço da não assertividade outorgando o status de protótipo a essa característica lingüística.

Em seu trabalho, Lunn faz menção à teoria de Terrell e Hooper (1974) que corrobora sua hipótese de que o indicativo espanhol é o modo da asserção e o subjuntivo é o modo da não-asserção. Sob essa perspectiva, as sentenças poderiam ser classificadas pela escolha do modo baseada na presença ou ausência da asserção e da pressuposição, inspirada na descrição semântica de modos.

A análise do subjuntivo feita pela autora diz respeito ao fato de que não há uma descrição única para a escolha do modo verbal, já que o subjuntivo é usado para marcar as informações que não são verdadeiras ou não realizadas contextualmente, como as orações subordinadas (1)-(3) e informação que são verdadeiras ou reais, como nas orações subordinadas (4)-(6):

1. *“No es verdad que lo tenga” (pres. subj).*
2. *“Te lo explicaré cuando vengas” (pres. subj).*
3. *“Queríamos que nos lo vendieran” (pret. subj).*
4. *“El hecho de que lo sepa (pres. subj) es deprimente”.*
5. *“Es digno de destacar que el propio Papa lo alabara” (pret. subj).*
6. *“Nos alegramos de que estés (pres subj) aquí”.* (Lunn, 1989:688)

2.3 Terrell e Hooper (1974)

Terrell e Hooper (1974) foram os primeiros autores a pontuar a distinção entre indicativo e subjuntivo em termos semânticos, utilizando as noções de asserção e pressuposição para explicar o uso destes modos. Fundamentalmente afirmam que nas orações independentes e nas substantivas, o modo indicativo se relaciona com a asserção e o subjuntivo com a não-asserção.

Nesta perspectiva, a escolha do modo verbal está diretamente correlacionada com o valor de verdade da proposição, ou seja, o falante deseja transmitir certa informação a respeito da verdade de uma proposição e elege uma determinada construção sintática para expressá-la. Dessa maneira, o enunciado pode ser: assertivo, em que o falante afirma o complemento oracional como verdadeiro, ou pressuposto, em que o falante não afirma o complemento, mas este se pressupõe como verdadeiro (Terrel e Hooper, 1974:485).

A análise envolve uma complexa relação entre os níveis sintático e semântico. Numa abordagem sintática os modos subjuntivo e indicativo não funcionam significativamente, porque a escolha do modo é determinada automaticamente pelo tipo de frase da oração principal. Ainda que as matrizes sejam classificadas em termos de seus significados, o resultado é considerado apenas sintaticamente: o modo do verbo exigido é meramente um reflexo morfológico da oração principal.

Numa análise semântica, o modo do verbo pode ser livremente escolhido e tal escolha determina um significado. Nessa abordagem, há varias atitudes básicas que o falante adota em relação à proposição. Essas atitudes governam a escolha do modo e depende também do modo do verbo da oração principal.

Os autores classificam as sentenças em seis critérios de acordo com certas atitudes que o falante possa vir a adotar, ou seja, a oração pode ter uma noção semântica de asserção podendo ser uma oração afirmativa ou um relato; pode ter uma noção de pressuposição podendo ser uma oração composta por verbo de conhecimento/crença ou um comentário; ou pode não ter nenhuma das noções semânticas relatadas, constituindo orações de dúvida ou apresentando-se no modo imperativo. Para cada uma dessas classes, os autores postulam o uso de um modo verbal. Vejamos o sistema de classificação no quadro seguinte:

Noção semântica	Classe	Modo
(a) Asserção	(I) Asserção	Indicativo
	(II) Relato	Indicativo
(b) Pressuposição	(III) Ato mental	Indicativo
	(IV) Comentário	Subjuntivo
(c) Nenhuma das duas	(V) Dúvida	Subjuntivo
	(VI) Imperativo	Subjuntivo ⁸

Quadro 1 – Sistema de classificação semântica (Terrell e Hooper, 1974)

A noção semântica de asserção é manifestada em dois diferentes tipos de sentença: asserções, que afirmam a proposição, e relatos, que descrevem a maneira como a informação afirmada foi transmitida. Exemplos:

- 1 “*Es seguro que María estudiará mañana*” - asserção - (Terrell e Hooper, 1974:485)
- 2 “*Le dije que María quería jugar tenis*” – relato - (Terrell e Hooper, 1974:486)

A noção semântica de pressuposição está correlacionada a outros tipos de sentença: sentenças que descrevem atos mentais ou que expressam comentários sobre a proposição. Exemplos:

3. “*Yo me doy cuenta de lo que quieren*” – atos mentais - (Terrell e Hooper, 1974:490).
4. “*Estoy contento de que María haya venido a visitarnos*” – comentário - (Terrell e Hooper, 1974:489).

E também há casos em que a proposição não é afirmada nem pressuposta. Isto ocorre

⁸ Assertion	(1) Assertion	Ind.
	(2) Report	Ind
Presupposition	(3) Mental Act	Ind
	(4) Comment	Subj
Neither	(5) Doubt	Subj
	(6) Imperative	Subj

quando a sentença expressa dúvida ou incerteza sobre a veracidade da proposição, ou quando expressa um mandato. As sentenças (5) e (6) constituem respectivamente exemplos deste tipo de sentença:

5. “*No creo que tiene suficiente dinero*” – dúvida - (Terrell e Hooper, 1974:491)
6. “*Venga muy temprano mañana*” - mandato - (Terrell e Hooper, 1974:487)

A hipótese postulada por esses autores - da correlação entre a noção semântica da asserção e o modo indicativo e a não-asserção e o modo subjuntivo - tem servido de base a vários estudos em que se testam diferentes idéias em torno ao conceito modal.

2.4 Smead (1994)

Smead (1994) investigou a eleição do modo em quatro tipos de orações avaliativas, denominadas: “Avaliativa Exclamação não-verbal” do tipo “*Qué bueno que*”, “*Ojalá que*”; “Avaliativa Exclamação verbal” do tipo “*Como me preocupa que...*”; “Avaliativa Estendida não-verbal” do tipo “*Lo malo es que...*”; “Avaliativa Estendida verbal” do tipo “*Lo que más deseo es que*”, entre falantes bilíngües - 57 México-americanos do Arizona e Texas e falantes monolíngües - 29 mexicanos - com o intuito de analisar a traço assertivo postulado por Terrell e Hooper (1974). Nesse estudo comprova que a assertividade não determina a alternância modal com essas orações. Smead apontou a importância da análise de traços como: influência da presença ou ausência de elementos verbais na oração principal, o aspecto verbal imperfectivo ou perfectivo da oração, além de outros fatores extralingüísticos.

Os resultados desse estudo indicam que o traço assertividade não se associa ao emprego dos modos verbais, pois tal valor se apresenta conjugado a outros, como o valor aspectual e a exclamação. Postula, portanto, que não há nenhuma característica que por si só determine a aparição do subjuntivo ou indicativo nas construções estudadas.

A ausência de padrões categóricos implica variabilidade inerente à eleição do modo. As tendências catalogadas nesse estudo são esclarecidas mediante o construto de um protótipo, como, por exemplo, a hipótese de Lunn (1989) de relacionar as orações avaliativas não-assertivas como traço prototípico de ocorrência do subjuntivo.

O protótipo se concebe como o caso mais típico e comum de emprego de uma

determinada categoria. Segundo Langacker (1987:17 *apud* Smead 1994:849), o protótipo tende a ser adquirido primeiro e ocorre mais frequentemente em nossa experiência diária.

Para Smead (1994), de acordo com a ocorrência em discurso natural, as orações volitivas são mais frequentes que as avaliativas, devido ao menor grau de variabilidade que evidenciam, desmistificando, portanto, a tendência de considerá-las como protótipos de uso do subjuntivo. Isto posto, se verifica a necessidade de seguir os estudos no sentido de responder em que casos o subjuntivo se faz presente com o maior índice de ocorrência de uso.

2.5 Mejías-Bikandi (1994)

Mejías-Bikandi (1994) também reexamina a teoria de Terrel e Hooper (1974) cuja generalização se baseia na noção de asserção. Em seu estudo, argumenta que o entendimento pragmático do contexto da expressão é crucial para caracterizar a distribuição do modo em espanhol.

O autor propõe uma análise baseada na definição pragmática da noção de asserção e as estruturas semânticas dos espaços mentais de Fauconnier (1985). Sob essa ótica, o modo indicativo é usado em complementos quando a intenção do falante é indicar que a informação expressa está contida no domínio de pontos de vista individuais sobre a realidade.

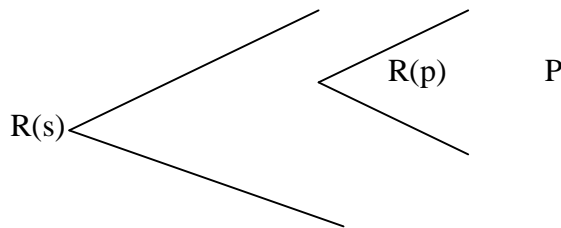
A teoria dos “Espaços Mentais” de Fauconnier (1985) parte da idéia de que as correspondências (mapeamentos) entre os domínios mentais estão no centro da faculdade cognitiva humana de produzir, processar e transferir significado. Tais mapeamentos introduzem e relacionam os espaços mentais (Fauconnier, 1985 *apud* Godoy e Dias, 2003:56).

Mejías-Bikandi discute a validade da generalização feita por Terrell e Hooper e considera a intenção comunicativa crucial para o entendimento da asserção. Então, se a proposição é afirmada independentemente de ser verdadeira ou falsa, são as intenções dos falantes que decidem sobre a expressão de uma informação a um público particular. Dessa maneira, o autor propõe a seguinte noção de asserção: um falante afirma uma proposição *P* quando sua intenção é indicar que *P* descreve o mundo como ele/ela percebe individualmente. Quando não há intenção do falante em indicar que *P* representa algum ponto de vista individual do mundo, o falante não afirma *P*. Essa definição de asserção faz uso da intenção do falante, desenvolvendo uma explicação pragmática sobre a distribuição dos modos em espanhol.

Essa teoria assume que o conhecimento que o falante tem sobre o mundo pode ser

representado na forma proposicional, ou seja, há um domínio $R(s)$ que contém as proposições que representam o que o falante considera como realidade objetiva. De igual modo, há um domínio $R(h)$ que representa o que o falante acredita ser a opinião de seu ouvinte de realidade. Em geral, para uma pessoa a há um domínio $R(a)$ que contém as proposições que descrevem o que o falante acredita como o ponto de vista da realidade de a . Consideremos como exemplo a sentença “*Pedro cree que Susana está enferma*”⁹:

O falante que produz essa sentença está indicando que, de acordo com sua perspectiva de mundo, no ponto de vista de Pedro do mundo, Maria está doente. Isto pode ser representado, segundo o autor por:



De acordo com esse esquema, “ $R(s)$ representa a perspectiva de mundo do falante e $R(p)$ representa (são o ponto de vista do falante) o ponto de vista da realidade de Pedro e P representa a proposição expressa pelo complemento da oração (ou seja, que Maria está enferma)”¹⁰ (Fauconnier ,1985 *apud* Mejías-Bikandi, 1994:895).

De acordo com Fauconnier (1985) “os domínios $R(s)$ e $R(p)$ são Espaços Mentais, podendo-se dizer que $R(p)$ está inserido em $R(s)$ e que $R(s)$ é a origem do espaço de $R(p)$ e ainda que P está contido em $R(p)$ ”¹¹. (Fauconnier ,1985 *apud* Mejías-Bikandi, 1994:895).

A noção de asserção considerada pelo autor faz referência à intenção do falante e a representação que o falante tem da sua e de outras representações da realidade. Nesta perspectiva, Mejías-Bikandi propõe a seguinte análise: o falante da proposição P tem o propósito de indicar que P está contido no mesmo espaço que R , ou seja, quando o falante tem o propósito de indicar que P dá informação sobre algum ponto de vista individual da realidade.

Para predizer o modo dos complementos das orações em espanhol é preciso levar em

⁹ “Peter believes that Susan is sick” (Mejías-Bikandi, 1994:894)

¹⁰ “... where $R(s)$ represents the speaker’s view of the world and $R(p)$ represents (the speaker’s view of) Peter’s view of reality and P represents the proposition expressed by the complement clause (that is, that Mary is sick) (Fauconnier ,1985 *apud* Mejías-Bikandi, 1994:895).

¹¹ “...I will call the domains $R(s)$ and $R(p)$ Mental Spaces, I will say that $R(p)$ is embedded in $R(s)$ and that $R(s)$ is the parent space of $R(p)$. I will also say that P is contained in $R(p)$ ” (Fauconnier ,1985 *apud* Mejías-Bikandi, 1994:895).

consideração a intenção do falante refletida no significado da oração principal. Se o falante tem o propósito em apresentar a proposição *P* como parte de algum ponto de vista seu sobre a realidade, *P* será afirmado e o modo indicativo será usado. Caso contrário, se ele não tem a intenção de apresentar *P* como parte de algum ponto de vista individual da realidade, *P* não é afirmado e o modo subjuntivo será usado.

Também gostaríamos de salientar que a teoria dos espaços mentais de Fauconnier (1985) vem sendo empregada em outros casos que não só a utilização indicativo/subjuntivo. O trabalho de Mejías-Bikandi vem ganhando projeção nos estudos verbais em espanhol, tanto que Godoy e Dias (2003) explicam os empregos dos pretéritos perfeito em espanhol pela diferença modal, seguindo estes autores.

As autoras investigam o uso dessa teoria com relação à oposição modal dos pretéritos perfeito simples e composto da língua espanhola¹².

2.6 Travis (2003)

Travis (2003) desenvolve um estudo baseado no espanhol colombiano, com dados de fala verificados por falantes nativos de Bogotá. Através de uma discussão semântica, Travis (2003) considera quatro contextos em que o subjuntivo é usado na língua espanhola, que são: “*querer*”, “*tal vez*”, “*no pensar*”, e “*no saber*”.

A autora apresenta uma análise do subjuntivo espanhol usado na *natural semantic metalanguage* (NSM), seguindo o princípio de que as estruturas sintáticas e léxicas que compreendem a metalinguagem são encontradas em todas as línguas do mundo.

A *natural semantic metalanguage* (NSM) tem sido desenvolvida também na pesquisa de Wierzbicka (1980 *apud* Travis, 2003:49). Essa teoria postula uma linguagem universal usada para compilar definições de conceitos traduzíveis universalmente, ou seja, sentenças básicas são traduzíveis em todas as línguas.

Tal teoria se fundamenta na premissa de que embora os sistemas semânticos das diferentes línguas sejam únicos e muitas palavras não tenham tradução direta nas outras línguas, há um pequeno conjunto de palavras, chamadas “primitivas”, que são encontradas em todas as línguas (Travis, 2003:49). Isto significa que poderia haver uma tradução exata equivalente para cada item lexical da NSM e para cada sentença da NSM em cada língua.

¹² O estudo pode ser encontrado no *Anuario brasileño de estudios hispánicos*. v. XIII, Embajada de España en Brasil – Consejería de Educación. Brasília: Thesaurus Editora, 2003. p. 53-65

A teoria apresenta uma maneira para definir palavras e conceitos via paráfrase. Isto implica usar um conjunto limitado de palavras e padrões sintáticos simples como a definição da linguagem para apresentar a paráfrase do significado.

Através de uma discussão semântica, a autora considera quatro contextos em que o subjuntivo é usado na língua espanhola, que são: “*querer*”, “*tal vez*”, “*no pensar*” e “*no saber*”, tentando mostrar que o subjuntivo pode ser usado nestes contextos, de acordo com as definições da *natural semantic metalanguage*.

Após serem feitos esses estudos, a autora conclui que o indicativo é a forma básica e o subjuntivo, a forma marcada em todos os contextos em que há variação e que uma mesma noção expressa em sentenças do espanhol com o verbo no subjuntivo pode aparecer em forma gramatical distinta em outras línguas. Isto comprova que diferentes estruturas sintáticas em diferentes línguas podem ser equivalentes semanticamente.

2.7 Silva-Corvalán (1994)

O estudo de Silva-Corvalán (1994) acerca do uso do subjuntivo no espanhol falado em Los Angeles investiga a fala de hispânicos emigrados aos Estados Unidos. Essa pesquisa indica um tratamento sintático-semântico e pragmático na escolha subjuntivo/indicativo. A autora aponta a perda da morfologia de modo subjuntivo no espanhol de Los Angeles em contextos categóricos de uso, e constata que o indicativo passa a ser a variável recorrente nesses contextos, independentemente do nível social ou da região em que mora o falante. A tendência à diminuição de uso do subjuntivo tem-se alargado devido, supõe-se, ao contato com o inglês e à redução de exposição a falas em espanhol.

Silva-Corvalán estuda o emprego de formas flexionais de modo de acordo a valores pragmáticos, propondo o traço assertivo para o modo indicativo e o não-assertivo para o subjuntivo. Consideramos os exemplos desse artigo (Silva-Corvalán, 1994:259-60):

- a) “*No creo que tiene (IND.) fiebre*”. => contexto assertivo
- b) “*No creo que tenga (SUBJ.) fiebre*”. => contexto não-assertivo

A autora apresenta resultados na direção do uso de ambos os modos verbais motivado pelo contexto sintático-semântico e pelo contexto pragmático da intenção comunicativa. Ainda constata que as matrizes de verbos volitivos (83,3%), de cláusula final (76,2%) e

concessiva (73,5%) são contextos preferenciais à retenção do modo subjuntivo, supondo, portanto, que apesar da influência do inglês, o espanhol de Los Angeles conserva o emprego do subjuntivo em casos precisos. São, portanto, característicos de subjuntivo: “*quiero que lo lea*” (Silva-Corvalán, 1994:259).

2.8 Lunn (1995)

O estudo desenvolvido por Lunn (1995) sobre a função avaliativa do subjuntivo espanhol também assume valores pragmáticos e semânticos e discute a incidência do modo indicativo para a asserção e do subjuntivo para a não-asserção. Segundo a autora, o modo é o dispositivo pelo qual o falante pode avaliar o valor da informação das orações, e desta forma tomar uma posição avaliativa com respeito à proposição, demolindo a identificação do subjuntivo com a subordinação sintática.

De acordo com Lunn (1995), a proposição pode não conter asserção porque:

a) o falante tem dúvida sobre a veracidade da mesma:

1. “*Dudo que sea (S) buena idea*”.

b) ou porque a proposição não é realizada:

2. “*Necesito que me devuelvas (S) ese libro*”.

c) ou porque a proposição é pressuposta:

3. “*Me alegra que sepas (S) la verdad*”. (Lunn, 1995:430)

A autora pesquisa também os usos jornalísticos do modo subjuntivo. No discurso jornalístico, Lunn pesquisa o uso do pretérito imperfeito do subjuntivo e afirma que o mesmo marca informações que ainda não são conhecidas pelos leitores, como em:

4. “*La pareja, que se hiciera (PS) famosa por interpretar el papel de marido y mujer en ‘El pájaro espino’, es en la vida real un matrimonio feliz*”. (Hola, 6.7.85 apud Lunn, 1995:433)

Neste caso, a informação proferida justifica-se com o modo subjuntivo, segundo Lunn, por ser uma informação não conhecida pelos leitores. Caso contrário, se as informações são

de conhecimento compartilhado, ou seja, informações velhas publicadas anteriormente, levam o modo indicativo¹³.

2.9 Medrano (1999a)

O estudo desenvolvido por Medrano (1999a) centra a análise na seleção de orações subordinadas substantivas em construções em presente num *corpus* de norma culta de Costa Rica. O autor faz um estudo da variação modal utilizando dados de fala de 36 entrevistas, nas quais participam 46 informantes de Costa Rica.

A análise dos enunciados segue critério sintático, e a interpretação se norteia por princípios semânticos e pragmáticos.

Medrano (1999a) retoma as concepções de Gili Gaya (1993) cuja análise deduz que o subjuntivo não tolera nenhuma significação por si mesmo, é apenas o reflexo de uma condição sintática e semântica que o verbo principal impõe ao complemento subordinado. Tendo em vista essa concepção, o autor seleciona alguns contextos de uso do modo subjuntivo a fim de verificar se há também o uso do modo indicativo no mesmo caso, vinculando tal variação a fatores pragmáticos.

Dentre as orações estudadas pelo autor estão: as subordinadas substantivas de sujeito, as subordinadas substantivas de complemento direto, as subordinadas optativas dependentes de verbo implícito, as interrogativas indiretas, e as subordinadas substantivas complementárias de substantivo, ilustradas respectivamente abaixo:

1. *“O sea, no es que vivan mal, pero tienen sus altibajos serios”.*
2. *“Yo no creo que sea la inteligencia propiamente de él”.*
3. *“Pero bueno, que las bases estén similares en todos los centros”.*
4. *“Y la maestra... que hasta tiene a veces que llevar a los hijos a la escuela porque no tienen quién se los cuide”.*
5. *“Rodó sugiere, por lo menos, la necesidad de que los latinoamericanos se incorporen virtudes que les hacen falta” (Medrano, 1999a:216-22)*

¹³ Segundo a autora tal uso, entretanto, não é encontrado na conversação e descreve como um estilo particular do jornalismo.

Apresentamos a seguir os resultados comprovados nesse estudo:

Tipo de oração	Freqüência	Total
Função de sujeito	58 - subjuntivo 6 - indicativo	64
Função de complemento direto	48 - subjuntivo 8 - indicativo	56
Optativas dependentes	35 - subjuntivo	35
Interrogativas indirectas	12 - indicativo 5 - subjuntivo	17
Complementárias de substantivo	15 - subjuntivo 3 - indicativo	18

Tabela 1 - Resumo da freqüência de aparição dos modos segundo Medrano (1999a)

De acordo com a tabela, verifica-se que as orações interrogativas indirectas são as únicas construções nas quais, diante da opção de ambos modos, existe uma maioria percentual de uso do indicativo.

Em seu estudo, Medrano conclui que na fala culta de Costa Rica o fator sintático ocupa um lugar importante como dispositivo de seleção modal. Destaca também que o fator semântico e pragmático ajuda a explicar os casos que parecem não se encaixar dentro da normativa, apesar de que o fator sintático continue sendo um fator determinante sempre que se quer fazer referência à seleção modal das subordinadas substantivas.

2.10 Serrano (1995)

Em outra perspectiva, estudos sociolingüísticos atestam a importância de relacionar as distintas variáveis sociais como forma de explicar a correlação dos fenômenos lingüísticos com os sociais.

O estudo desenvolvido por Serrano (1995) valoriza a incidência de fatores sociais no processo da mudança sintática em orações condicionais no tempo presente na comunidade de fala de Laguna (Santa Cruz de Tenerife, Espanha) e contrasta diferenças quanto à distribuição das variantes em função das variáveis sociais: sexo, idade e nível sócio-cultural.

Serrano analisou um total de 218 orações condicionais irrealis procedentes de um *corpus* de 1406 casos em que foram analisadas todas as variantes das formas verbais de período hipotético do tipo: “*Si tuviera dinero, viajaría a Francia*”. Tal construção é chamada

de “condicional irreal” porque se pressupõe que “não tenho dinheiro”.

A intersecção das variáveis sexo, nível sócio-cultural e idade são fatores que incidem no processo de mudança sintática das formas verbais das orações condicionais no tempo presente. Nas variantes encontradas alternam o modo indicativo, subjuntivo e condicional tanto na prótase como na apódose, como veremos a continuação nos exemplos hispânicos que ilustram esse estudo.

1. “*Si tuviera un hijo pequeño, me gustaría más*”. (subjuntivo-condicional)
(Serrano, 1994:179)

Esta é a forma considerada estándar e exposta como “correta” pela maioria das gramáticas de espanhol (Bello, 1988 *apud* Serrano, 1995).

Atualmente, segundo Serrano, a forma estándar da comunidade de fala é o seguinte exemplo:

2. “*Si fuera mayor, tuviera menos ganas de vivir*”. (subjuntivo-subjuntivo)
(Serrano, 1994:179)

Essa variante é muito frequente no espanhol de várias zonas da América, tais como: Venezuela, Buenos Aires, México e pouco usada no espanhol peninsular e catalão. Serrano documenta poucos casos dessa variante que não chega a ser representativa da fala de Tenerife.

A partir da análise dos dados, Serrano obtém a situação gramatical do espanhol de Canárias, constatando uma situação de mudança que parte da forma vernacular desta comunidade de fala com a utilização do modo indicativo na prótase e na apódose (3) e se dirige à forma do espanhol estándar com o subjuntivo na prótase e o condicional na apódose (1).

3. “*Si tenía doce hijos, los atendía a todos*”. (indicativo-indicativo) (Serrano, 1994:179)

Quanto aos resultados obtidos, a autora chega à conclusão de que essa situação sociolingüística de mudança sintática está relacionada com variáveis extra-lingüísticas como sexo, idade, nível sócio-cultural, contexto formal e infomal e atitude do falante, tais como o fato de que homens e mulheres dos níveis sócio-culturais mais elevados, por seus contatos exteriores, profissão e um desejo de abandonar a característica tradicional, iniciam uma

abertura para esses fenômenos de mudança.

2.11 Goldin (1974)

Como última proposta a ser abordada, apresentamos um resumo da leitura da abordagem sobre a crença dos falantes, elaborada por Goldin (1974).

Numa abordagem psicológica, Goldin (1974:296) aborda os dois princípios utilizados pelos falantes que afetam a escolha do modo. São eles: a reação e a pressuposição.

A reação, primeiro princípio, depende do verbo da oração principal, ou seja, ele determina se o verbo subordinado vai em subjuntivo ou indicativo de acordo com a reação avaliativa do indivíduo sobre o que diz. Em outras palavras, o indivíduo pode gostar, não gostar, assustar-se, horrorizar-se, ficar triste ou feliz sobre o fato que expressa.

Os exemplos de predicado que indicam reação são: “alegrar”, “odiar”, “sentir”, “bueno”, “lástima”. Em oposição os predicados que não indicam reação são: “creer”, “opinar”, “saber”, “dudar”, “verdad”, “posible”, “problable”, “claro”, “parecer”.

O segundo princípio afeta exclusivamente a proposição expressa na oração subordinada. Ela envolve a natureza da crença do falante sobre o estado ou evento expresso na oração. Essa crença é qualificada como pressuposição.

Goldin afirma a existência de três tipos de pressuposição:

1. pressuposição positiva: o falante tem pressuposição positiva sobre um estado ou evento de coisas que conhece ou pensa que é verdadeiro, porque já aconteceu ou acontecerá.
2. Pressuposição negativa: o falante tem pressuposição negativa sobre o que conhece ou pensa que o estado ou evento de coisas é falso porque não aconteceu ou não irá acontecer.
3. Pressuposição indefinida: se o falante não expressa a crença nem de uma maneira nem de outra.

O modo é relacionado à pressuposição da seguinte maneira: *“Quando o falante tem pressuposição positiva sobre um evento na oração subordinada, ele usa o modo indicativo.*

*Quando sua pressuposição é negativa ou indefinida, ele usa o modo subjuntivo*¹⁴ (Goldin, 1974:297).

As situações abaixo demonstram o uso destes modos:

- a) *“Estoy seguro de que tú no sabes nada”* (pressuposição positiva).
- b) *“No creo que el español sea un idioma bonito”* (pressuposição negativa).
- c) *“Es probable que mis hermanos vengan esta noche a cenar”* (pressuposição indefinida). (Goldin, 1974:297)

Estas diferentes abordagens demonstram o interesse das diversas áreas da lingüística pelo tema em questão. Reunimos alguns exemplos de estudos do subjuntivo de acordo com diferentes perspectivas, tais como: sintática, semântica, pragmática, sociolingüística e a psicológica, elaborada por um de seus representantes, Goldin.

A origem dos trabalhos selecionados nos permite salientar que estudos realizados por estudiosos norte-americanos tendem a uma teorização com fins pedagógicos ou comprobatórios de certos aspectos dos modos. Ao contrário da preocupação didática, dentro do mundo hispânico, os estudos estão orientados para um trabalho de campo, para o qual áreas como a sociolingüística tem oferecido instrumentos para a caracterização regional e social da língua espanhola.

A proliferação de artigos sobre o problema mostra tratar-se de fenômeno lingüístico digno de ser estudado e repensado também no trabalho com o ensino do espanhol como língua estrangeira, e isto justifica o presente estudo no Brasil.

De acordo com Navas Ruiz (1990) desde o século XIX se debate a possibilidade de que os usos do modo subjuntivo possam ser explicados a partir de um único conceito ou, pelo contrário, se é necessário a utilização de mais de uma definição.

Podemos perceber que a tendência que emerge com freqüência em estudos recentes sobre o subjuntivo é a explicação do uso desse modo por poucos princípios ou regras. Em contraste, manuais verificados nesta pesquisa de dissertação listam uma série de regras para o uso dos modos verbais. Em Borrego *et al.*, por exemplo, encontramos um total de setenta e sete regras (77) para a alternância modal subjuntivo/indicativo. Em contraposição, autores como Terrell e Hooper (1974) e Goldin (1974), por exemplo, listam duas regras para

¹⁴ “When a speaker has positive presupposition about an event or state in a subordinate clause, he uses the indicative mood. When his presupposition is negative or indefinite, he uses subjunctive mood” (Goldin, 1974:297).

ocorrência dos modos verbais, apesar da particularidade e especificidade do tratamento dado ao tema.

De acordo com as leituras expostas nessa subseção, alguns traços podem ser analisados no trabalho com nosso *corpus* jornalístico do espanhol, tais como: asserção/não-asserção, asserção/pressuposição, conforme estudos de Terrell e Hooper (1974), Silva-Corvalán (1994) e Lunn (1995). Diferentes linhas de pesquisa têm enfatizado a relevância destes fatores para o estudo de nosso objeto de estudo – assunto que destacamos também na presente análise do material pesquisado.

3. OBJETIVOS E HIPÓTESES

Nesta seção, elencamos os objetivos gerais e específicos que guiam nosso trabalho e as hipóteses específicas para a análise do emprego dos modos indicativo e subjuntivo da língua espanhola.

3.1 Objetivos gerais:

- (I) Analisar e descrever o emprego dos modos indicativo e subjuntivo da língua espanhola, observando e comparando o uso desses modos verbais em construções específicas utilizadas pela imprensa jornalística com as regras impostas por manuais de espanhol para verificar a existência de semelhanças ou diferenças entre norma e uso.
- (II) Fornecer subsídios que auxiliem o ensino dos modos verbais, na forma de material a ser pesquisado por professores de espanhol como língua estrangeira.

3.2 Objetivos Específicos:

- (I) Estabelecer e catalogar as funções e valores desempenhados pelos modos indicativo e subjuntivo, tendo como base a comparação de diferentes manuais da língua que tratam do tema, tais como Borrego *et al.* (1986), Álvarez (1987) e Porto Dapena (1991).
- (II) Averiguar amostras jornalísticas para verificar a utilização dos modos na imprensa em língua espanhola nos anos de 1998 e 1999. Para tanto, fazemos uso de dados extraídos de jornais em espanhol consultados com a ajuda do programa computacional Microconcord (Mike Scott & Tim Johns).
- (III) Comparar os dados de ambos contextos (regra x uso), a fim de detectar fatores lingüísticos que condicionam os contextos de uso e a escolha de cada

forma, contribuindo para a discussão do comportamento da alternância modal e da retenção dos modos em determinados contextos de uso.

- (IV) Refletir acerca da importância de pesquisar dados concretos no uso prático da língua, pressupondo que a verificação de amostras contribui para discussão do uso dos modos associado a questões sintáticas, semânticas e pragmáticas, oferecendo novas abordagens de análise da língua.

3.3 Hipóteses

A pluralidade de critérios lingüísticos para o conceito de modo revela a dificuldade de estabelecer um caráter distintivo entre os modos verbais, demonstrando que as condições que governam a ocorrência do indicativo em oposição ao subjuntivo dão a idéia do funcionamento de um mecanismo complexo de língua.

Nesse sentido o princípio da subordinação não pode ser tomado como um critério fundamental para as formas do subjuntivo. Entendemos dessa forma que a denominação de “modo da subordinação” não é adequado, pois não é distintivo da categoria modal no verbo espanhol. Uma mesma proposição subordinada pode aparecer com formas indicativas e subjuntivas, expressando diferentes valores, sendo esses explicados não apenas pela subordinação sintática, mas por questões de significação, como por exemplo a oposição entre as orações “*No creo que llueva hoy*” e “*No creo que llueve hoy*”.

Abordamos o domínio funcional da categoria modalidade, sob a ótica funcionalista de linha givoniana na medida em que nos fornece esclarecimentos acerca do modo subjuntivo em contraste ao indicativo baseada nos conceitos de *realis* e *irrealis* como fatores pertinentes na codificação destes modos¹⁵.

Segundo Givón (1995), diferentes atitudes do falante em relação ao conteúdo proposicional do enunciado podem incitar mudanças no uso dos modos verbais. O falante se posiciona, segundo seu julgamento diante da proposição, instaurando-se no discurso mediante determinadas estratégias lingüísticas disponíveis na gramática da língua no âmbito da modalidade *realis* ou *irrealis*. A dimensão *realis-irrealis* tem uma base funcional no julgamento do falante referente ao grau com que suas idéias estão de acordo com que eles acreditam ser a realidade objetiva (cf. Chafe, 1995:364).

¹⁵ O referencial teórico que guia esta pesquisa está no capítulo II

Propomos identificar o modo subjuntivo nessa linha funcionalista reconhecendo que o *irrealis* constitui um contexto favorecedor para a realização do modo subjuntivo, modalidade correlata a noções de futuridade, de hipótese, de condição. Nessa perspectiva, o uso do modo subjuntivo seria propiciado pelo traço de futuridade da modalidade *irrealis*, vinculados a eventos potenciais.

Além da oposição dos contextos *realis/irrealis*, evidenciamos nesta pesquisa a propriedade da marcação. Sob esta perspectiva reconhecemos os modos verbais estabelecidos dentro da língua espanhola com sua respectiva caracterização lingüística em que o indicativo expressa a realidade e é considerado um membro não-marcado e o subjuntivo é tido como o elemento marcado em contextos em que ocorre variação com o modo indicativo.

Segundo Givón (1995), a modalidade *irrealis* é mais marcada que a *realis*, pois, eventos que ocorreram em tempo e espaço reais estão mais salientes na mente do que eventos que não ocorreram ou poderão ocorrer.

Cognitivamente, a modalidade *realis* é menos marcada e mais acessível que a modalidade *irrealis*, uma vez que fatos já ocorridos ou que estão ocorrendo são de conhecimento do emissor, levando o informante a tratar de um fato sobre o qual já vivenciou e sabe o que realmente aconteceu ou não, usando, portanto, as formas do indicativo, ao passo que fatos possíveis ou futuros cuja realização ainda não é do seu conhecimento é codificado, costumeiramente, em subjuntivo.

Para Alarcos Llorach (1994), a distinção entre indicativo e subjuntivo se sustenta no princípio de que o subjuntivo é o elemento marcado, ou seja, o conjunto de formas verbais que “*envuelven la acción en un tinte subjetivo*” (1994: 62).

A pesquisa desenvolvida nesta dissertação aborda contextos de emprego dos modos indicativo e subjuntivo, focalizando orações substantivas, independentes e adverbiais, com exemplos que expressam crenças, atitudes ou pensamento sobre algo, cuja realização se refere aos tempos presente, passado e futuro.

Nesta proposta investigamos cláusulas subordinadas substantivas que completam expressões tipo: “*creer que*”, “*pensar que*”, “*saber que*” e suas respectivas negações. Essas construções selecionadas servem como exemplo para evidenciar o contexto da oposição dos enunciados afirmativos e negativos.

Para as cláusulas afirmativas prevemos o favorecimento do modo indicativo, propondo a correlação com os traços da pressuposição e também da asserção. A noção semântica da pressuposição, inerente aos verbos de ato mental, é relacionada ao modo indicativo, assim como a noção de asserção (cf. Terrell e Hooper, 1974:488).

Com os enunciados negativos prevemos a aparição do modo subjuntivo correlacionado ao traço da não-asserção.

O território entre asserção e não-asserção é ocupado por atitudes e julgamentos dos falantes em que a escolha do subjuntivo está relacionada a graus de menos certeza com respeito às proposições. A informação pode ser caracterizada pela união entre negação e modalidade *irrealis*. Sugerimos a correlação entre as formas do subjuntivo e negação (*irrealis*).

Terrell e Hooper (1974) afirmam que o fator que distingue os modos indicativo e subjuntivo quando ocorre a alternância modal se deve a que o indicativo marca a proposição expressa como asserida, e o subjuntivo marca como não asserida¹⁶.

Portanto, parte-se da hipótese de que o traço assertivo desempenha um papel na eleição do modo. O subjuntivo é tipicamente o modo que codifica menos compromisso com a noção expressa na proposição. Em outras palavras o subjuntivo codifica a não-asserção da proposição. Nessa perspectiva, propomos que o subjuntivo está para as negativas assim como o indicativo está para as afirmativas, ou seja, o modo subjuntivo codifica a não-asserção, ao passo que o indicativo codifica a asserção.

Além dessas construções, também tratamos das orações substantivas impessoais “*Es cierto que*”, “*Es posible que*” e “*Es necesario que*”.

As orações que completam os enunciados (*es cierto/ es posible*) retratam o contraste entre asserção e pressuposição. Essa pressuposição diferencia-se da anterior por fazer parte da classe “comentários”.

Prevemos uso do modo indicativo para as expressões seguidas por “*es cierto que*” favorecida pelo traço da asserção por tratar-se de contextos factivos. Ao contrário, as orações seguidas por “*es posible que*”, em que há dúvida sobre a ocorrência dos fatos, favorece a utilização do subjuntivo.

Para a construção “*es necesario que*” prevemos a incidência do subjuntivo por tratar-se de uma expressão que carrega um sentido de obrigação/necessidade, sendo, portanto, deôntica¹⁷ e *irrealis*.

O conteúdo proposicional dessas orações é tratado como um fato, e a intenção do falante não é afirmar a informação que já é conhecida, mas fazer um comentário subjetivo sobre a mesma. Segundo Terrell e Hooper (1974), pode-se chamar de subjetivo este tipo de

¹⁶ Convém salientar que a teoria de Terrell e Hooper (1974) está relacionada ao espanhol falado.

¹⁷ De acordo com Givón (1995), são atitudes avaliativas (desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação, manipulação) que se enquadram na modalidade deôntica.

comentário em que o sujeito da matriz é afetado psicologicamente pelo evento da proposição.

Paralelamente também controlamos a frequência de uso dos modos verbais em cláusulas independentes, tais como os advérbios de dúvida “*tal vez*”, “*quizá*” e “*seguramente*”

No caso dos advérbios de dúvida “*tal vez*” e “*quizá*”, a escolha entre as desinências não vai depender de regras mas do conhecimento do falante sobre o fato. No espanhol, as orações podem ser construídas com indicativo ou subjuntivo.

Para a análise destas construções, salientamos a interferência de dois grandes tipos de modalidades do discurso estabelecidos por Givón (1995) e Palmer (1986): a epistêmica e a deôntica. A primeira guarda relação com a evidência, através dos sentidos, principalmente com aquilo que se ouviu dizer. Se epistêmico, nos termos de Givón, remete ao julgamento de verdade, de probabilidade, crença. O segundo tipo é a modalidade deôntica, que está ligada a julgamentos avaliativos, à intenção.

Nessa perspectiva, consideramos a modalidade deôntica como o contexto favorecedor ao modo subjuntivo pelo caráter desse tipo de modalidade de impor condições para a realização de determinado evento. Ao contrário, a avaliação do falante acerca do conteúdo proposicional, na modalidade epistêmica, constitui um contexto favorecedor ao modo indicativo, permitindo a codificação das informações dentro de uma mesma estrutura sintática, segundo se trate de um evento factual ou hipotético, através da mudança de desinências modo-temporais. Prevemos ainda a preferência pelo uso do modo subjuntivo para as orações com “*tal vez*” e “*quizá*”.

Juntamente a estas orações, analisamos a expressão “*seguramente*”, tratada nos manuais de ensino do espanhol como língua estrangeira como advérbio de dúvida. No entanto, evidenciamos este advérbio com a utilização do modo indicativo. Devido ao caráter semântico do item lexical, o favorecimento do modo indicativo se daria devido à justificativa encontrada no comportamento do falante que credita veracidade à ação enunciada, correlacionada ao traço da asserção.

Por fim, dentre as cláusulas subordinadas adverbiais, nos propomos a analisar orações que completam expressões tais como: “*para que*”, “*a fin de que*”, “*después de que*” e “*cuando*”. Tais conjunções são significativas para a testagem das hipóteses que envolvem o contexto favorável à utilização do indicativo ligada aos eventos factuais (reais) e do subjuntivo aos eventos possíveis (irreais).

Postulamos para as orações adverbiais, a hipótese baseada numa oposição entre formas neutras e marcadas, estabelecendo uma conexão entre eventos reais e o modo indicativo, e eventos possíveis e o modo subjuntivo. A menção de fatos já concluídos, ou em

seqüência (passados, presentes ou habituais) justificariam o indicativo, pois permitem evidências sobre o que é dito, aproximando-se da modalidade *realis*. Por outro lado, o futuro, ligado à modalidade do *irrealis*, identificaria os eventos ainda não experimentados (Givón, 1993).

Ao contexto das cláusulas adverbiais, incluímos também a análise do conector adverbial concessivo “*aunque*”.

Com relação às concessivas, acreditamos que o emprego do modo subjuntivo diferencia as contrastivas efetivamente factuais das hipotéticas. Temos expectativa de que no caso de uma contrastiva factual, o verbo que segue o nexos “*aunque*” apresenta desinências do indicativo, introduzindo ao interlocutor uma nova informação. Nesse caso, o falante pressupõe que seu ouvinte desconhece o conteúdo proferido. Por outro lado, aludimos que as desinências modo-temporais de subjuntivo codificam construções hipotéticas e dá a entender que a informação dada já é de conhecimento do interlocutor, relacionando a atitude do falante acerca do grau de conhecimento e expectativa do cumprimento das ações mencionadas.

O caráter distintivo dos modos tomados para análise nesta dissertação evidencia como possíveis oposições de análise: a decorrência do contraste entre negativas e afirmativas, significados factivos e hipotéticos, asserção *versus* pressuposição e a consideração de valores pragmáticos arrolados nesta pesquisa.

O estudo acerca do uso dos modos indicativo e subjuntivo na língua espanhola centra-se, portanto, na análise dessas oposições, focalizando a alternância de uso destes modos, bem como contextos obrigatórios de uso. Sob essa perspectiva, consideramos que os contextos obrigatórios tendem a reter o modo subjuntivo, ao passo que os contextos em que é possível a escolha entre os modos verbais tendem a possibilitar a expansão do modo indicativo, num terreno interativo em que o uso dos modos verbais está motivado pelo contexto sintático, semântico e pelo contexto pragmático da intenção comunicativa.

Para a testagem dessas hipóteses, em nossa pesquisa controlamos um *corpus* composto por dados jornalísticos coletados no período de 1998 e 1999. Dentre as construções selecionadas somam um total de 10.364 dados cuja análise, resultados e discussões se encontram no capítulo cinco, propiciando a verificação de semelhanças e/ou discrepâncias entre os empregos dos modos verbais selecionados pela imprensa escrita em contraposição ao caráter prescritivo das regras impostas por livros didáticos.

CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo apresentamos o referencial teórico que guia nossa pesquisa, organizado em duas partes. Na primeira seção apresentamos as principais premissas e características do Funcionalismo Lingüístico, perspectiva teórica em que se insere este trabalho, em que fornecemos uma visão geral e destacamos conceitos como função, linguagem, gramática e discurso.

Na segunda seção, focalizamos os conceitos de modo e modalidade, especialmente com base em Givón (1993, 1995), Hernández Alonso (1984), Alarcos Llorach (1994), dentre outros autores, evidenciando os pressupostos funcionalistas na identificação de funções e valores das desinências modais do sistema verbal da língua espanhola.

1. Funcionalismo Lingüístico

O funcionalismo compreende a língua como mutável, e moldada a partir de pressões funcionais-adaptativas, exercidas por meio da performance lingüística. Através do uso da língua ocorre a variação e a indeterminação, elementos indispensáveis ao mecanismo que molda e remolda a própria competência lingüística (Givón, 1995:07).

O funcionalismo lingüístico concebe a linguagem como um instrumento de interação social e seu interesse de investigação vai além da estrutura gramatical. Os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática são relacionados e interdependentes. Juntamente com a descrição sintática, realiza-se a investigação das circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas lingüísticas e seus contextos específicos de uso (cf. Cunha *et al.*, 2003:29).

Essa teoria de organização gramatical das línguas tem como objeto de estudo a competência comunicativa, isto é, a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de interpretar essas expressões de maneira interacionalmente satisfatória, com o propósito de uma comunicação eficiente. Os universais lingüísticos, sob a luz dessa abordagem, se constituem de uma derivação da universalidade dos usos da linguagem nas sociedades humanas (cf. Moura Neves, 1997:15).

A proposta funcionalista estabelece uma correlação entre gramática e comunicação. Sob a perspectiva funcional as estratégias lingüísticas se adaptam aos padrões comunicativos da gramática. A gramática, por sua vez, emerge e muda de acordo com as alterações nos parâmetros gramaticais, comunicativos e cognitivos (Givón,1995:6-9).

Nessa abordagem, os usuários da língua fazem escolhas categoriais de forma sob pressão da comunicação social. Essas escolhas emergem em cada situação comunicativa e por isso a gramática não pode ser considerada como um conjunto rígido de regras, mas como um conjunto de estratégias que servem para produzir comunicação coerente, resultado de regularidades advindas das pressões de uso da língua, adaptada ao uso. Portanto, a gramática se define como provisória, flexível aos propósitos comunicativos dos falantes, situando o ato comunicativo como ponto de interação entre forma e função (Givón,1993:1-2).

A visão funcionalista da linguagem sobre língua, gramática e mudança pode ser caracterizada de acordo com Givón (1995) por princípios como:

- a) a linguagem é uma atividade sócio-cultural;
- b) a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas;
- c) a estrutura é não-arbitrária, motivada, icônica;
- d) a mudança e a variação estão sempre presentes;
- e) o sentido é contextualmente dependente;
- f) as categorias não são discretas;
- g) a estrutura é maleável e não-rígida;
- h) as gramáticas são emergentes (Givón, 1995:09).

Adotamos em nosso trabalho o aparato teórico funcionalista que considera o dinamismo e a emergência da gramática. A proposta de gramática em que nos baseamos para a pesquisa do comportamento dos modos verbais, indicativo e subjuntivo em textos jornalísticos em espanhol, é a da gramática emergente.

“A gramática na perspectiva emergente é uma atividade em tempo real, on-line, que emerge cotidianamente no discurso. No uso diário da língua, temos, por um lado, a repetição de fórmulas gramaticais (palavras, construções), reforçando-se assim sua regularização. Por outro lado, tais fórmulas são remontadas de modos diferentes a cada situação comunicativa, podendo dar origem a fórmulas inovadoras. Além das transformações internas à gramática, temos a possibilidade de migração de itens ou construções lexicais rumo a

funções no âmbito gramatical, também via regularização a partir do uso” (Tavares, 2003:15-6).

Para Hooper (1987), a gramática é emergente e por isso as estruturas lingüísticas não podem ser aprioristicamente definidas, nem fixas. A estrutura da língua é moldada pelo discurso. Assim, quanto mais se utiliza uma construção, mais ela tende a se estruturar em uma forma.

Em cada situação comunicativa os interlocutores analisam, fazem inferências a partir de suas experiências e de seu conhecimento de mundo, adaptando palavras e construções e dando origem a novos itens lexicais.

Dessa maneira, a gramática é vista como um conjunto de estratégias que serve a uma comunicação coerente, destituída de regras fixas, que devem ser preservadas para produzir sentenças gramaticais corretas, resultando, portanto, o uso lingüístico. A gramática para a comunicação adquire o estatuto de gramática provisória, flexível, adaptável aos propósitos dos participantes do ato comunicativo, de acordo com teóricos como Lehmann:

“Embora muitas mudanças gramaticais sejam oriundas da conversação, a fala coloquial não é a única fonte de mudança. Os meios de comunicação de massa, por exemplo, desempenham um papel importante na criação e difusão de novas construções, que seguem o rumo da gramaticalização. Além disso, inovações também surgem em registros formais, como textos jurídicos ou filosóficos, que podem nunca vir a alcançar registros mais coloquiais. As motivações para tais mudanças devem ser semelhantes às que exercem pressão sobre a fala e que os mecanismos de mudança envolvidos sejam os mesmos, talvez com adaptações específicas, dado o contexto algo diferenciado de produção de estilos formais, incluindo a escrita” (Lehmann, 1991:531 apud Tavares, 2003:59).

Nesta abordagem a linguagem humana consiste num instrumento destinado a codificar e comunicar informação, e dessa forma sua estrutura não está dissociada de sua função. Entendendo a gramática como um código comunicativo que serve de instrumento para a codificação lingüística, acreditamos que a abordagem funcionalista possa contribuir para a análise dos modos verbais em espanhol, fornecendo subsídios para entender as diferenças comportamentais e os aspectos variáveis no estudo da língua utilizada em dois contextos distintos selecionados para essa pesquisa: a imprensa escrita espanhola e manuais de cunho didático.

Esse estudo no âmbito gramatical da utilização dos modos verbais na escrita jornalística espanhola está apresentado através da análise da frequência com que são utilizados a fim de interpretar indícios de uso dos modos. É dentro da perspectiva da gramática como emergente que analisamos o uso dos modos verbais, pensando na fixação de valores e usos de determinadas construções sujeitas à mudança, e nos novos rumos tomados pela língua em seu uso diário, assumindo que a gramática do modo em espanhol “emerge” da complexa interação de muitos fatores (Hopper 1988, *apud* Lunn, 1995).

1.1 Modo *versus* Modalidade

A relação entre modo e modalidade é expressiva nas diversas línguas, embora muitas vezes estes critérios não sejam distinguidos um do outro.

A modalidade é usualmente definida como a atitude do falante no que se refere ao conteúdo proposicional do enunciado e é expressa, freqüentemente, através dos modos (Bybee & Fleischman, 1995).

O modo como categoria gramatical é definido em termos de relações semânticas que se estabelecem entre o falante e o enunciado, e as relações entre as diferentes instâncias sintáticas, sejam sintagmas verbais, nominais ou adverbiais.

O modo caracteriza-se como forma lingüística capaz de expressar a modalidade, como expressão da atitude do falante e como indicador da subordinação.

Segundo Lázaro Carreter (1962 *apud* Hernández Alonso, 280) “*la modalidad está constituida por la operación activa del sujeto hablante*”. Entendemos “operación activa del hablante” como a intenção de expressar uma idéia como possível, ou desejada. Algumas vezes, o interlocutor ordena o cumprimento de algo, ou então desaconselha seu cumprimento. Estas intenções expressam diferentes posições com respeito à modalidade.

Citamos anteriormente que a gramática da Real Academia Espanhola define modo (ou “*modus*”) como a atitude psíquica pela qual o falante apresenta o que diz, conhecido como “*dictum*”. A diferente conjugação dos modos verbais se deve, portanto, à atitude do falante com respeito ao que diz, segundo esta versão (GRAE, 1973:454).

Diversos autores propõem a separação entre modo e modalidade. Entre eles, Palmer (1986) e Lyons (1977).

Para Lyons (1977:848), “*o modo é uma categoria gramatical que é encontrada em algumas, mas não em todas as línguas. Não pode ser identificado com a modalidade ou força ilocucionária*”¹⁸.

A modalidade é usualmente definida como a avaliação do falante a respeito da proposição (cf. Lyons, 1977:452). Nos termos da prescrição normativa, a categoria de modalidade é identificada como atitudes do indivíduo acerca da enunciação e realiza-se no sistema gramatical de modo verbal, por estar associada ao verbo.

De acordo com as distinções no terreno da lógica, Lyons (1977:723) fala de três tipos de modalidade no plano lingüístico: a alética, indicadora de necessidade ou contingência (*María está en la escuela*); a epistêmica, que expressa certeza ou probabilidade (*Creo que María está en la escuela*); e a deôntica, que se refere à obrigação ou permissão (*María debe estar en la escuela*).

Para Palmer (1986:7), o modo é uma categoria gramatical da qual os modos indicativo e subjuntivo fazem parte, ao passo que a modalidade é nocional ou semântica. Para o autor, o modo é apenas uma das várias maneiras pelas quais a linguagem expressa modalidade. Por outro lado a modalidade é a noção semântica, manifestada em todas as partes da fala.

Palmer (1986:136-53) descreve as modalidades que aparecem com mais freqüência nas orações principais ou independentes de sentenças que têm um sintagma nominal. São elas: crença, evidência, inferência, conhecimento, ou citação de relatos de outros.

Nas orações principais, estas modalidades podem ser codificadas com desinências do modo indicativo. As desinências de modo subjuntivo seguiriam as cinco modalidades em que aparecem na oração principal, modalidades como: dúvida, avaliação, reação, citação de ordens ou volição.

O autor estabelece também dois tipos de modalidades do discurso: a epistêmica e a deôntica. A primeira poderia aplicar-se não simplesmente ao sistema modal que envolve as noções de possibilidade e necessidade, mas a um sistema modal que indica o grau de compromisso do falante com o que diz. Em particular, guarda relação com a evidência através dos sentidos; com aquilo que se ouviu dizer (“boato” ou “relato”) e com a possibilidade ou necessidade de ocorrência de um fato. As matizes de crença, verdade, conhecimento do falante a respeito do que enuncia se enquadram também na modalidade epistêmica (Palmer,1986:51).

¹⁸ “mood is a grammatical category that is to be found in some, but not all, languages. It cannot be identified with either modality or illocutionary force.” (Lyons, 1977:848)

A modalidade deôntica está ligada à volição ou ao afetivo. Os significados associados a esta modalidade são diferentes daqueles da modalidade epistêmica, e dizem respeito a questões subjetivas que entram no terreno dos desejos do falante (Palmer, 1986:96).

O modo verbal - indicativo e subjuntivo - são tratados nesta dissertação desde critérios de ordem semântico ou pragmático e puramente formal ou sintagmático, com o objetivo de estabelecer um paradigma modal do espanhol, ou seja, os distintos modos e seus valores correspondentes. Fixar um conceito de modo que tenha validade geral é muito difícil, segundo Hernández Alonso (1984:282), pois não existe unanimidade entre os lingüistas sobre este ponto.

Este tema costuma ser tratado sob diversos aspectos: sintático, semântico ou pragmático. As diferentes interpretações sobre esse assunto podem ser agrupadas de acordo com três concepções básicas: a) como efeito do regime exercido por uma palavra dentro do enunciado (nível sintático), b) como tipo de comunicação estabelecida entre o falante e o ouvinte (nível semântico ou pragmático) e c) como atitude do falante diante dos fatos a que se refere (nível pragmático).

Convém ressaltar que, enquanto alguns lingüistas baseiam a distinção modal em apenas um destes três critérios, outros utilizam dois e até mesmo os três critérios juntos.

O ponto de vista sintático na concepção de modo verbal está preconizado na tradição gramatical por gramáticos como o venezuelano (do século XIX) Bello (1988), para quem as diferenças de modo são produto exclusivo do regime. Em outras palavras, o uso das formas modais é governado pela presença de um verbo principal que, para o modo indicativo, seria um verbo de língua do tipo “dizer”, “afirmar”; e para o modo subjuntivo, verbos como “desejar” ou “duvidar”.

Bello é conhecido como um gramático inovador no sentido em que postula a regência como princípio norteador dos modos, tanto do subjuntivo quanto do indicativo. Para ele, não só o subjuntivo é modo regido por verbos como “*dudar*”, “*esperar*”, mas também o indicativo se subordina aos chamados “verbos de língua”, tais como “*decir*”, “*contar*”. O imperativo, chamado por ele de “optativo”, se define por uma subordinação subjacente, isto é, “*Ven a verme*” implica a elipse de um verbo regente, equivalente a “*Ordeno que vengas a verme*”.

Contra a convenção de que apenas o subjuntivo é um modo regido, há autores como Mariner Bigorra (1971) que frisam que:

1. *“Que las subordinadas debieran ir en subjuntivo. Y esto no se cumple en absoluto en nuestra lengua, en la que tanto aparecen en un modo como en otro (ejemplos: Haré lo que me manden / Haré lo que me mandan).*
2. *Que el subjuntivo, por sí sólo, sin necesidad de transpositores, implicase subordinación; es decir, que entrase en las proposiciones subordinadas precisamente y sólo en ellas.*
3. *Que el subjuntivo no expresase modalidades propias de otros modos”.*
(Mariner Bigorra, 1971 *apud* Hernández Alonso, 1984:283)

O critério sintático associa subordinação ao subjuntivo, e tem sido critério único repetido nas gramáticas, conforme mencionado anteriormente.

Com referência ao segundo critério, de ordem semântico ou pragmático, o modo se vê como expressão ou marca da modalidade oracional. Pertencendo às distintas modalidades ao campo da pragmática, estas vêm dadas por uma série de relações que o falante estabelece com o ouvinte, com a realidade e com o código lingüístico empregado em seu discurso.

O número de possibilidades de relação com o falante e o que o rodeia são múltiplas. A expressão da modalidade não é algo privativo dos modos verbais, já que a posição do falante diante do enunciado e do ouvinte pode ser representada de diversas formas. Assim o modo pode ser visto como uma marca da modalidade oracional, mas não a única, pois, esta pode ser expressa mediante palavras ou frases inteiras, em meios como, por exemplo, o tempo verbal (*Serán las ocho*), os auxiliares modais (*Deben de ser las ocho*), os complementos modais (*Probablemente han dado las ocho*), etc (Hernández Alonso, 1984:281).

Alguns lingüistas, como Lyons (1977), preferem ver a modalidade oracional como reflexo do pensamento lógico, conferindo, por uma parte, um carácter eminentemente subjetivo e equivalendo, por outra, a relacioná-la com as diversas funções da linguagem. Quando um indivíduo fala pode, efetivamente, não só transmitir uma informação, mas também expressar sua atitude frente ao que diz ou tratar de influenciar seu ouvinte.

Entre os gramáticos espanhóis que seguem o ponto de vista em que o modo é reflexo da atitude ou postura que o falante adota ante o processo indicado pelo verbo, podemos mencionar autores como Gili Gaya (1993), Hernández Alonso (1984) e Alarcos Llorach (1994).

Segundo Hernández Alonso (1984:280), o modo está baseado na relação falante-enunciado, em relação à postura objetiva ou subjetiva do falante, dualidade na qual reside a natureza modal.

No caso do modo, para o autor, o enfoque pode se referir ao grau de verificação ou cumprimento, tratando-se de uma oposição modal baseada na oposição realidade/irrealidade com base do sistema indicativo/subjuntivo (Hernández Alonso, 1984:288).

Mas este critério é insuficiente devido ao fato de que existem casos em que o subjuntivo não indica irrealidade, como, por exemplo, a frase “*Aunque sea mi hijo, le castigaré*”. Apesar de expressa em subjuntivo, se trata de “meu filho”. Portanto, o critério real/irreal se mostra insuficiente para a explicação deste caso. Além disso, a irrealidade ou realidade são fatores extralingüísticos, cuja comprovação se dá no referente, não no signo, critério insuficiente, portanto, para quem parte da análise lingüística de dados (Hernández Alonso, 1984:288).

Tendo em vista a dificuldade de análise baseada em razões extralingüísticas, surgem autores que preferem centrar o estudo em graus de subjetividade ou de “representação mental”, opondo dessa maneira as formas modais do verbo em termos de objetividade/subjetividade.

Segundo Gili Gaya (1993:131-2), a atitude mental do falante gira em torno das idéias de realidade que corresponde ao emprego do indicativo e de irrealidade, representada pelo subjuntivo. Sua definição se baseia em critérios semânticos em que com os modos verbais se expressa um “punto de vista subjetivo ante la acción verbal que enunciamos”.

De acordo com Castronovo (1990:76), Gili Gaya se serve de certos critérios estruturalistas em sua determinação dos modos verbais, afirmando que verbos como “*saber*” regem o indicativo, enquanto verbos como “*desear*”, próprios da irrealidade, regem o subjuntivo.

Alarcos Llorach (1994:193) acrescenta a este enfoque a abordagem de que as oposições modais se baseiam na atitude do falante diante dos fatos que este comunica, e são gramaticalmente configuradas em três zonas diferenciadas por significantes distintos:

- a) *La de los hechos estimados reales o cuya realidad no se plantea por ser indiferente en la situación del hablante.*
- b) *La de los hechos cuya realidad es factible siempre que se cumplan ciertas condiciones (el paso del tiempo, el cambio de circunstancias u otros factores).*
- c) *La de los hechos ficticios, cuya eventual realidad se ignora o cuya irrealidad se juzga evidente (hechos que se imaginan, se desean, se sospechan, etc. (Alarcos Llorach,1994:193)*

Portanto, para este autor existem três modos diferentes com significados diversos que resumimos com as seguintes palavras:

1. O indicativo compreende as variações *cantas*, *cantabas*, *cantaste* (distinguidas entre si por outros morfemas) e os significantes correspondentes de cada pessoa. É o modo de maior amplitude de uso; designa a “não-ficção” do que foi denotado pela raiz léxica do verbo, isto é, tudo o que o falante estima real ou cuja realidade não se questiona.
2. O subjuntivo inclui as formas *cantes*, *cantases*, *cantaras*, *cantares* (diferenciadas entre si por outros morfemas) junto com suas variações de pessoa e número. É o modo de menor capacidade de aplicação e assinala o caráter fictício, não real, do que denota o significado da raiz verbal.
3. O condicionado (conhecido como potencial ou condicional) inclui as formas *cantarás* e *cantarías* (com suas variações de pessoa e número), e designa fatos aludidos pela raiz verbal como submetidos a fatores que os farão possíveis (Alarcos Llorach, 1994:192-3).

O modo como atitude se refere a um dos múltiplos tipos de relação de modalidade vistos, relação que não é a estabelecida entre o falante e o enunciado, mas entre o enunciado e a realidade indicada por ele.

Assim, seguindo esses três pontos de vista, caberia entender o modo num sentido amplo assumindo a postura de que o modo é a correlação de três características, ou seja, é atitude do falante, é marca de modalidade e, às vezes, pode vir exigido contextualmente por razões sintagmáticas. Em razão da necessidade de estabelecer os contextos específicos do uso dos modos verbais, e, particularmente, do subjuntivo é que se coloca a problemática deste trabalho cujo intuito é analisar o uso do indicativo/ subjuntivo em determinados contextos, a partir da sintaxe, semântica e pragmática.

1.2 Domínio Funcional da Modalidade

Focalizamos nessa seção a proposta funcionalista de linha givoniana na consideração da modalidade, considerando a correlação entre as modalidades *realis* e *irrealis*, sob a

perspectiva funcional, definindo o contraste no paradigma modal entre os modos indicativo e subjuntivo, codificados por estados/eventos reais e irreais.

Compete à modalidade assinalar a atitude do falante em relação ao conteúdo proposicional (Givón, 1993:169). Por “atitude” o autor significa dois tipos principais de julgamento, perspectiva ou atitudes concernentes à informação dada na oração, denominados sub-modos *irrealis* epistêmico e deôntico (avaliativo):

- a) atitudes epistêmicas (verdade, crença, probabilidade, certeza, evidência);
- b) atitudes avaliativas (desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação, manipulação)¹⁹ (Givón, 1995:112).

Pelo legado da tradição lógica, a modalidade é considerada uma propriedade de proposições, desconectada de seu contexto comunicativo natural. As quatro modalidades epistêmicas tradicionais são: verdade necessária, verdade factual, verdade possível e não verdade. A interpretação comunicativo-pragmática dessas modalidades redistribui papéis em termos de estados epistêmicos e objetivos comunicativos do falante e ouvinte na situação comunicativa. Essas modalidades são interpretadas e redefinidas por Givón respectivamente em pressuposição, asserção do *realis*, asserção do *irrealis* e negação da asserção (Givón,1995:114).

Ao redefinir modalidade em termos de *realis* e *irrealis*, o autor muda a perspectiva de análise em dois aspectos importantes:

- a) cognitivamente: de verdade para certeza subjetiva;
- b) comunicativamente: de sentido voltado para o falante para sentido interativo, socialmente negociado (cf. Givón, 1995)

Para Givón (1995:114), a asserção do *realis* tem a propriedade de afirmar fortemente a proposição como verdadeira, em que o desafio do ouvinte é julgá-la apropriada, embora o falante possua evidências para defender suas crenças. Por outro lado, na asserção do *irrealis* a proposição é fracamente asserida como sendo possível, provável, incerta, (sub-modos epistêmicos) ou necessária, desejada (sub-modos deônticos). Nesse caso, o falante não possui

¹⁹ Epistemic attitudes: truth, belief, probability, certainty, evidence. Valuative attitudes: desirability, preference, intent, ability, obligation, manipulation (Givón, 1995:112)

evidências para defender a informação proposicional e o desafio do ouvinte é esperado ou até mesmo solicitado.

A distinção das modalidades *realis* e *irrealis* está no julgamento que o falante ou ouvinte atribui à realidade. Dessa forma, diferentes atitudes dos falantes em relação ao conteúdo proposicional do enunciado podem incitar mudanças nos usos dos modos verbais.

O contraste *realis* e *irrealis* pode ser distinguido nas três áreas do critério da marcação de Givón:

- a) Complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa que a correspondente não marcada;
- b) Distribuição de frequência: a categoria marcada tende a ser menos freqüente, portanto mais saliente cognitivamente que a correspondente não-marcada;
- c) Complexidade cognitiva: a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa que a não marcada, em termos de: esforço mental, de demanda de atenção ou de tempo de processamento (cf. Givón, 1995:28).

Esses três critérios para definir um item como marcado se entrelaçam e interatuam. O item marcado é mais complexo em termos estruturais e cognitivos e menos freqüente que seus pares.

Givón (1995) admite que uma mesma estrutura pode ser marcada num contexto e não-marcada em outro, e acrescenta que, desse modo, a marcação é um fenômeno dependente do contexto, devendo, portanto, ser explicada com base em fatores comunicativos, socioculturais, cognitivos ou biológicos²⁰.

De acordo com Givón (1990:964, 1993:180) o status cognitivo não-marcado da modalidade *realis* é provavelmente explicado por fatores cognitivos e sócio-culturais. Se *realis* é cognitivamente a modalidade não-marcada, deve, então, assumir que eventos que ocorrem em tempo e espaço reais, ou estejam ocorrendo no tempo da fala, são mais salientes na mente do que eventos que não ocorreram ou podem ocorrer em tempo futuro (*irrealis*). A base para essa consideração está em propriedades da percepção e memória humanas.

Nesse sentido, eventos já transcorridos ou simultâneos ao momento da fala (eventos reais) são mais salientes e são facilmente acessados na memória do falante. Em contraposição, eventos futuros, hipotéticos, ainda não vivenciados não podem ser ativados da mesma forma.

²⁰ Segundo Givón (1995) a marcação não se restringe apenas às categorias lingüísticas, mas pode estender-se a outros fenômenos, como a distinção entre discurso formal e a conversação espontânea.

A modalidade *irrealis* exige recursos lingüísticos complexos. Givón estabelece uma conexão entre os componentes tempo-aspecto-modalidade (categorias do TAM) e a modalidade epistêmica, representados da seguinte forma (Givón, 1993:171; Givón, 1995:116):

- a) passado/perfectivo => *realis* (ou pressuposição)
- b) perfeito => *realis* (ou pressuposição)
- c) presente-progressivo => *realis*
- d) futuro => *irrealis*
- e) habitual => *irrealis* ou *realis*²¹

Como podemos observar através das correlações feitas pelo autor, passado e presente estão relacionados à modalidade *realis* por assinalarem eventos experienciados, em seqüência ou já concluídos. Por outro lado, o futuro, ligado à modalidade do *irrealis*, identifica os eventos ainda não experienciados.

Verifica-se uma conexão intrínseca entre modalidade deôntica e futuridade, já que os julgamentos deônticos sempre estão relacionados com o futuro, desde que somente o futuro pode ser mudado ou afetado como resultado. Diferentemente da modalidade epistêmica que não exibe traço de futuridade, podendo indicar o grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição (cf. Palmer 1986:97).

Para Givón (1993:172, 1995:121) há um traço em comum entre os dois sub-modos epistêmicos e deôntico - o traço da incerteza epistêmica. Segundo o autor, esse traço se caracteriza na modalidade epistêmica por apresentar baixa probabilidade e na modalidade deôntica por carregar um significado inerente de futuridade, ou seja, de incerteza epistêmica, já que segundo o autor “o futuro é por definição um modo *irrealis*”.

O estudo desenvolvido nesta dissertação apresenta-se sob a ótica funcionalista de linha givoniana em que consideramos a modalidade *irrealis* como um contexto favorecedor ao uso do modo subjuntivo, e evidenciamos a motivação pragmática e o critério da marcação como mecanismos pertinentes na análise do uso dos modos.

²¹ Past/perfective => *realis* (or presupposition)
 Perfect => *realis* (or presupposition)
 Present-progressive => *realis*
 Future => *irrealis*
 Habitual => *irrealis* or *realis*

CAPÍTULO III: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo é dedicado a explicitar os procedimentos metodológicos adotados para a verificação do emprego dos modos indicativo e subjuntivo, delimitando o estudo com a coleta de um banco de dados em forma eletrônica.

Propomos uma análise qualitativa, na qual se observam os dados a partir das teorias propostas, e quantitativa, na qual os resultados são descritos a partir dos totais resultantes de procedimentos estatísticos.

1. A amostra

Os dados utilizados para a realização dessa dissertação foram coletados de textos escritos em língua natural, armazenados eletronicamente em *corpus* e analisados através de um programa de computação capaz de selecioná-los e ordená-los.²²

Este banco de dados é constituído por jornais eletrônicos em língua espanhola, referentes aos anos de 1998 e 1999, coletados e organizados pelo Professor Philippe Humblé²³, e consultados com a ajuda do programa Microconcord (Mike Scott & Tim Johns).

Esta coleta de dados teve como objetivo principal organizar *corpora* em espanhol para resolver problemas de dicionários bilíngües utilizados por estudantes de espanhol como língua estrangeira. Estes dados foram obtidos através da junção de vários periódicos. As amostras são constituídas e armazenadas com dados de 240 jornais de 20 países diferentes²⁴.

Fazem parte deste material os seguintes países hispânicos: Argentina, Bolívia, Chile, Colombia, Costa Rica, Cuba, El Salvador, Equador, Espanha, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Paraguai, Panamá, Porto Rico, Peru, Uruguai, Venezuela e República Dominicana.

Estes países estão representados por jornais conhecidos como: *Clarín*, *El Día*, *La Nación*, da Argentina; *Última Hora*, *El Día*, do Paraguai; *El País*, *La Noticia*, do Uruguai;

²² A ferramenta computacional chamada “Concordancer” é um programa capaz de produzir listas de orações, em que uma palavra ou um conjunto de palavras aparecem centralizadas. Estas aparecem em contextos incompletos, mas podem ser ampliados para obter a oração completa, ou seja, o parágrafo no qual está inserido o texto da qual foi extraída.

²³ Professor Doutor na Universidade Federal de Santa Catarina, a quem agradecemos a colaboração.

²⁴ Ao final do trabalho estão relacionados os jornais utilizados na montagem desse *corpus*.

ABC, El País, El Mundo, da Espanha, além de outros citados em anexo no final deste trabalho.

As citações destes jornais são apresentadas pela notação que exemplificamos no quadro 2 abaixo:

Códigos utilizados para representar o <i>corpus</i> do espanhol			
<ul style="list-style-type: none"> • O dia do mês está representado por dois dígitos: 01,02, 03, 10... • O mês representado por letras do alfabeto: Janeiro A, fevereiro B, Março C, Abril D... • Ano: 1998 =>8, 1999 =>9 • O nome do país está representado por duas letras: 			
Argentina	AR	Honduras	HO
Bolívia	BO	México	MX
Chile	CH	Nicarágua	NI
Colômbia	CO	Panamá	PN
Costa Rica	CR	Paraguai	PY
Cuba	CU	Peru	PE
Equador	EC	Porto Rico	PR
El Salvador	AS	República Dominicana	RD
Espanha	ES	Uruguai	UR
Guatemala	GU	Venezuela	VE
<ul style="list-style-type: none"> • O nome dos jornais também representado por letras (geralmente as iniciais dos jornais): 			
México		Espanha	
# El Nacional	NA	# ABC	AB
# El Financiero	EF	# Diario de León	LN
# Vanguardia	VA	# Diario de las Palmas	DP
# La Jornada	LJ	# El Mundo	MU
#Novedades Yucatán	NY	# Diario de Noticias	DN

Quadro 2 – Códigos dos jornais de língua espanhola

Estas indicações, portanto, são lidas da seguinte maneira:

Exemplo 1: **UREP10J8.TXT**

UR => país (Uruguai) , **EP** => Jornal (El País), **10** => dia do mês, **J** => Mês do ano (outubro), **8** => ano (1998) **TXT**²⁵ => uma extensão de arquivo que indica um arquivo de texto.

Exemplo 2: **ASEF15E9.TXT**

AS => País (El Salvador) , **EF** => Jornal (El Financiero), **15** => dia do mês, **E** => Mês do ano (maio), **9** => ano (1999) **TXT** => uma extensão de arquivo que indica um arquivo de texto.

²⁵ Além da extensão (TXT) o *corpus* também possui a extensão (ASC).

Exemplo 3: **COMU28J8.TXT**

CO => País (Colômbia), **MU** => Jornal (El Mundo), **28** => dia do mês, **J** => Mês do ano (outubro), **8** => ano (1998) **TXT** => uma extensão de arquivo que indica um arquivo de texto.

Convém salientar que os demais códigos dos outros jornais utilizados nessa pesquisa encontram-se em anexo, divididos de acordo com os países de onde provêm.

Para esta pesquisa utilizamos a amostra referente a cláusulas substantivas, independentes e adverbiais²⁶. Selecionamos algumas construções para cada uma das cláusulas e verificamos a incidência das mesmas na linguagem da imprensa escrita eletrônica. Segue na tabela abaixo, as construções analisadas e o total de orações encontradas no programa:

Cláusulas	Itens em estudo	Total de dados analisados
Substantivas	“Creer que”	1712
	“Pensar que”	455
	“Saber que”	748
	“No creer que”	199
	“No pensar que”	12
	“No saber que”	35
Substantivas (expressões impessoais)	“Es cierto que”	201
	“Es posible que”	157
	“Es necesario que”	91
Independentes	“Seguramente”	340
	“Quizá” (Posposto ao verbo)	279
	“Quizá” (Anteposto ao verbo)	448
	“Tal vez” (Posposto ao verbo)	289
	“Tal vez” (Anteposto ao verbo)	445
Adverbiais Finais	“Para que”	1558
	“A fin de que”	85
Adverbiais Temporais	“Después de que”	179
	“Cuando”	1675
Adverbial concessiva	“Aunque”	1456
Total		10.364

Tabela 2 – Total de construções analisadas na pesquisa

2. Análise dos dados

O caráter exploratório e delimitado do estudo previu a discussão dos resultados obtidos, apresentados em duas etapas:

²⁶ Selecionamos certas expressões que são objeto de estudo deste trabalho. Não incluímos as orações adjetivas neste rol, devido às dificuldades de análise de adequação do concordanciador ao exame do *corpus*.

- 1) a análise lingüística do sistema de modo verbal da língua espanhola, onde são detalhadas as regras impostas por manuais da língua
- 2) a verificação dos dados jornalísticos com relação às normas estabelecidas sob uma abordagem quantitativa de fenômenos lingüísticos, através do exame de textos heterogêneos, oriundos da língua escrita jornalística de período recente.

O procedimento de coleta e a verificação dos dados jornalísticos permitem discutir se as prescrições que as gramáticas consultadas postulam para o espanhol condizem com textos atuais da imprensa escrita.

Através da análise das freqüências de uso dos modos nas construções analisadas, observamos o comportamento dos itens em estudo, através da manipulação dos dados facilitada pelo concordanciador descrito, submetendo os dados às hipóteses propostas nesta dissertação e fazendo generalizações a respeito dos usos dos modos indicativo e subjuntivo.

CAPÍTULO IV: EMPREGO DOS MODOS VERBAIS: PRESCRIÇÃO

Um dos objetivos elencados neste trabalho diz respeito à verificação das regras impostas pelos manuais de espanhol como língua estrangeira. A partir daqui, trabalhamos com três manuais de cunho didático que tratam do estudo específico dos modos verbais, seguidos geralmente por uma relação de exercícios de fixação das regras abordadas. Os exemplares para nossa investigação seguem detalhados abaixo:

- a) BORREGO, J., ASECIO, J.G., PRIETO, E. (1986) *El subjuntivo: valores y usos*. Madrid, Sociedad General Española de Librería;
- b) ALVAREZ, Jesús Fernández. (1987). *El subjuntivo*. Madrid, Edi-6.
- c) PORTO DAPENA, José Álvaro. (1991) *Del indicativo al subjuntivo: valores y usos de los modos del verbo*. Madrid, Arco Libros;

Como regra geral, podemos dizer que a eleição do modo depende basicamente de dois fatores: da modalidade oracional nas orações independentes, e do tipo de dependência sintática estabelecida entre a oração principal e secundária no caso das subordinadas ou dependentes.

Com o propósito de organizar a conceituação teórica de cada autor, optamos por uma apresentação que se fundamenta nos seguintes critérios: 1. orações substantivas, 2. orações independentes e 3. orações adverbiais.

O exame desse tipo de construções possibilita a conclusão da existência de três grupos: orações que não admitem alternância (usos exclusivos para o modo indicativo e para o modo subjuntivo) e orações que admitem alternância. Os manuais reconhecem três grupos de construções: aquelas que admitem o indicativo, as de subjuntivo, e as que admitem alternância de emprego. No entanto, não vamos nos basear nessa divisão devido ao fato de que os diferentes autores postulam alguns empregos diferentes. Para cada um dos itens analisados, apresentamos as expressões analisadas na ordem estipulada anteriormente.

1. Orações subordinadas substantivas

Conforme Porto Dapena (1991:91-4), chamamos de subordinadas substantivas aquelas orações que desempenham função própria de substantivo em relação a outra oração, denominada principal. Toda oração substantiva caracteriza-se por levar o verbo no infinitivo, no indicativo, subjuntivo ou no potencial, precedidos pela conjunção ‘que’. A eleição do modo nas orações subordinadas substantivas depende de vários fatores como o contexto semântico, a coincidência referencial do sujeito do verbo da principal e da subordinada, e a função desempenhada pela subordinada no conjunto oracional.

As cláusulas subordinadas substantivas analisadas nessa pesquisa são as que completam expressões como:

- a) “**Creer que**” => verbo de atividade mental
- b) “**Pensar que**” => verbo de atividade mental
- c) “**Saber que**” => verbo de atividade mental (com entendimento)
- d) “**No creer que**” => verbo de atividade mental precedido de negação
- e) “**No pensar que**” => verbo de atividade mental precedido de negação
- f) “**No saber que**” => verbo de atividade mental precedido de negação

Orações substantivas subjetivas que completam orações principais com expressões que indicam juízo de valor, tais como:

- g) “**Es necesario que**”
- h) “**Es lógico que**”

Neste primeiro momento, nos ocupamos dos enunciados que fazem parte das orações substantivas.

1.1 “Creer que”

Referindo-se em primeiro lugar às orações afirmativas tomamos para estudo o verbo de atividade mental “*creer*”. Temos como ilustração o enunciado (1):

(1) “**Creo que mis pendientes están por aquí**”. (Borrego *et al.*, 1986:193)

Segundo Porto Dapena (1991:97-8), expressa-se em indicativo o verbo de uma oração substantiva quando esta atua como objeto direto ou complemento preposicional de um verbo de atividade mental, como: “*creer*” e “*darse cuenta*”.

Álvarez (1987:29) acrescenta que o falante se limita a constatar ou verificar um fato quando manifesta uma afirmação por meio de um “*creo que*” introdutório, por isso o verbo dependente aparece em indicativo.

Opondo-se aos autores mencionados, Borrego *et al.* (1986:83) afirma que os verbos de percepção física ou mental, quando em forma afirmativa, pedem o modo indicativo. No entanto, uma lista não limitada de verbos tais como: *parecer, admitir, conceder, aceptar, suponer, sospechar, imaginar, creer*, e outros, admitem ambos os modos. Os de percepção física, tais como: *ver, oír, notar, mirar, percibir* abarcam os verbos indicadores de algo que é detectado pelos sentidos; os de percepção mental, tais como: *saber, recordar, averiguar, darse cuenta de*, incluem os que indicam conhecimento, e os outros verbos listados são, segundo o autor, de afirmação atenuada, ou seja, apresentam fatos não como realidades absolutas, mas como verdades que fazem parte da opinião do falante como: *opinar, pensar, parecer, sospechar*.

Para Borrego *et al.* (1986:85), expressões iniciadas pelo verbo “*creer*” têm sentido de “*en mi opinión*”. Dada a subjetividade de tal fato, o emprego do subjuntivo seria a forma esperada para este autor que apregoa dupla possibilidade para este caso. No entanto, o mesmo autor aconselha o uso do indicativo quando se trata de oração afirmativa com “*creer que*”.

1.2 “**Pensar que**”

O próximo item a ser analisado é o verbo “*pensar*”.

(2) “**Pienso que viene**” (Álvarez, 1987:29)

De acordo com Álvarez (1987:29) quando o sujeito do verbo principal se limita a constatar ou verificar fatos, o verbo dependente deve aparecer no modo indicativo. Neste caso, verbos como “*pensar*” e “*creer*” já exemplificado, são verbos de atividade mental e se limitam a constatar acontecimentos.

O modo indicativo aparece quando a oração subordinada é sujeito de uma atribuição de veracidade, ou seja, quando o falante se pronuncia, mediante a oração principal, acerca da verdade do que foi dito na subordinada que pode ser tanto afirmativa quanto negativa. Neste sentido, a oração principal atua semanticamente como um índice de modalidade da oração subordinada.

Segundo Porto Dapena (1991:97-8), expressa-se em indicativo o verbo de uma oração substantiva quando esta atua como objeto direto ou complemento preposicional de um verbo de atividade mental, como “*pensar*”.

Para Borrego *et al.* (1986:83-4) os verbos de percepção mental como o verbo “*pensar*”, quando em forma afirmativa, admitem ambos os modos, em oposição aos demais autores que colocam uma única possibilidade neste caso: o emprego exclusivo do indicativo.

1.3 “Saber que”

O último verbo de percepção mental analisado é o verbo “*saber*”. Como exemplo temos:

(3) “**Sabemos que todos somos iguales ante la ley**”. (Porto Dapena, 1991:98)

De acordo com Borrego *et al.* (1986:83) os verbos de percepção física ou mental, quando vão em forma afirmativa, pedem o modo indicativo na oração subordinada. Entre os verbos de percepção mental inclui os que indicam conhecimento, como o verbo “*saber*”.

Segundo Porto Dapena (1991:97) o verbo de uma oração substantiva se expressa em indicativo quando ela atua como complemento proposicional de um verbo de afirmação ou atividade mental. O verbo “*saber*”, de percepção mental, é um destes casos.

De acordo com Álvarez (1987:31) os verbos de percepção mental, como “*saber*”, exigem o modo indicativo. Quando este verbo aparece na oração principal, o falante se limita a constatar acontecimentos e, portanto, o modo indicativo se faz presente.

1.4 “No creer que”

Das orações substantivas precedidas por negação, analisamos primeiramente o verbo “*creer*”. Como exemplo ilustrativo temos a oração que se segue:

- (4) “No cree que Dios gobierna /gobierne todas las cosas”. (Porto Dapena, 1991:120)

Para Borrego *et al.* (1986:86), “cuando los verbos VI²⁷ de percepción física o mental van en forma negativa permiten la alternancia indicativo-subjuntivo en el V2, pero con una delimitación de funciones: lo propio del indicativo es aportar al oyente una carga informativa, un cierto compromiso del hablante con la verdad de la subordinada. Con el subjuntivo en cambio, el hablante no se compromete sobre el valor veritativo de la subordinada, no da a entender si es cierta o no”.

O intercâmbio de modos produz, em geral, mudança de significado. Em relação com esta regra, comparemos entre si os dois membros da frase:

- a. “Juan no cree que hay un peligro inminente”.
- b. “Juan no cree que haya un peligro inminente”.

Segundo Borrego *et al.* (1986:86), a diferença que se percebe entre *a* e *b* é que com *a* o falante dá a entender ao seu ouvinte “que hay un peligro inminente”, mas que “Juan no lo cree”. Com *b*, por outro lado, também está dito “que Juan no cree”, mas o falante não se manifesta sobre a verdade da oração que segue, porque não sabe se é verdade ou não, pela possibilidade de que seu interlocutor já saiba, ou porque não considera necessário manifestar-se.

Para Borrego *et al.* (1986:86), o verbo “creer” funciona pelo menos de duas maneiras distintas. Uma delas equivale a um verbo de dúvida, exigindo o modo subjuntivo. Como exemplo temos:

- a) “Lucas no cree que existan los extraterrestres”.
- (≅ Lucas duda de su existencia, Lucas se inclina a creer que no existen)

No outro caso, se usa no sentido de “aderir-se a uma determinada proposição”, ou seja:

- b) “Lucas no cree que existen los extraterrestres”.

²⁷ Utilizamos V1 e V2 para referirmos ao verbo da oração principal e o da cláusula subordinada, respectivamente.

(≅ Lucas no se adhiere a la proposición de que existen, no cree en su existencia)

Porto Dapena (1991:119-20) também concorda com Borrego quando diz da possibilidade de utilização de ambos os modos nessa construção, motivado por diferenças semânticas. Com o indicativo, o falante manifesta sua conformidade com a verdade do que foi expresso pela oração subordinada e com o subjuntivo o falante é indiferente a esta verdade.

Álvarez (1987:35), diferentemente dos autores mencionados, afirma que os verbos de atividade mental, como “*creer*”, quando vão em forma negativa, normalmente levam subjuntivo. Relacionamos um par de oposições citados pelo autor:

- a) “*Creo que no viene*”.
- b) “*No creo que venga*”.

Ao negar o verbo principal ou o verbo dependente, há para o falante espanhol uma diferença clara. Com a afirmativa, o falante apresenta um fato qualquer da oração subordinada com segurança, com a negativa, ao contrário, a dúvida está presente e este matiz de incerteza propicia, em maior ou menor grau, o uso do subjuntivo. O autor crê que este é o mecanismo que impõe o subjuntivo nas construções precedidas de negação.

Deparamo-nos, novamente, com pontos de vista diferentes entre os autores. Enquanto para Álvarez usa-se o modo subjuntivo com as orações negativas, os outros autores analisados indicam o uso dos dois modos com uma distinção de sentido e de compromisso com o fator veracidade dos fatos enunciados na subordinada.

1.5 “No pensar”

A construção com “*no pensar*” tem como exemplo a frase abaixo:

(5) “**No pienses sólo en que te aprueben**”. (Porto Dapena, 1991:123)

Para Álvarez (1987:35-6), os verbos de atividade mental quando em forma negativa passam a levar o subjuntivo. Ao negar o verbo principal ou o verbo dependente, há para o falante espanhol uma diferença clara. Com a afirmativa, o falante apresenta um fato qualquer

da oração subordinada com segurança. Com a negativa, ao contrário, a dúvida está presente e este matiz de incerteza propicia, em maior ou menor grau, o uso do subjuntivo. O autor crê que este é o mecanismo que impõe o subjuntivo nas construções precedidas de negação.

Esse autor afirma que os verbos de atividade mental como “*pensar*”, em orações precedidas por negação, costumam aparecer com o modo indicativo, sobretudo em cláusulas interrogativo-negativas, tais como: “*No cree usted que me llamaré/calle, ¿verdad?*”. (Álvarez,1987:36)

Segundo Borrego *et al.* (1986:86), quando os verbos de atividade mental como “*pensar*” estão em forma negativa, permitem a alternância dos modos indicativo e subjuntivo na oração subordinada com uma delimitação de funções: com o indicativo, o falante aporta ao ouvinte uma carga informativa, um certo compromisso do falante com a verdade do conteúdo proferido; e com o subjuntivo o falante não se compromete sobre o valor de verdade da subordinada²⁸.

Porto Dapena (1991:119-20) também confirma a possibilidade de utilização de ambos os modos nessa construção, motivado por diferenças semânticas. Assim como foi exposto na regra prescrita por Borrego *et al.*, com o indicativo, o falante manifesta sua conformidade com a verdade do que foi expresso pela oração subordinada; e com o subjuntivo, o falante é indiferente a esta verdade.

1.6 “No saber”

Concluindo as expressões precedidas por negação, apresentamos a construção “*no saber*” que tem como exemplo:

(6) “**No sabía que habías venido/hubieras venido**”. (Porto Dapena, 1991:124)

Segundo Álvarez (1987:37), o verbo “*saber*” se constrói com oração dependente em indicativo quando está no tempo presente, como por exemplo “*Ellos no saben que es muy difícil conocer bien una lengua extranjera*”.

²⁸ O item “*no pensar*” está inserido no mesmo quadro de regras que o item anterior “*no creer*”.

No entanto, se este verbo está em outro tempo que não seja o presente, o dependente se constrói com indicativo ou subjuntivo indistintamente como, por exemplo: “*Yo no sabía que estabas/estuvieras aquí*”.

Porto Dapena (1991:124) menciona a utilização de ambos os modos, mas apresenta restrições de alternância para o verbo de conhecimento “*saber*” precedido de negação. Estas restrições, segundo o autor, ocorrem quando o verbo está na primeira pessoa e neste caso a alternância só é possível quando as duas orações, matriz e subordinada, se referem ao pretérito, como no exemplo citado como ilustração deste item.

Com referência ao presente, prefere-se a construção interrogativa com a conjunção “*si*” e indicativo, como no exemplo “*No sé si has aprobado*” (Porto Dapena, 1991:124).

Para Borrego *et al.* (1986:86) valem as mesmas regras postuladas para os itens “*no creer*” e “*no pensar*” verificados em seções anteriores, em que a mudança modal implica alternância no comprometimento da verdade do fato enunciado por parte do falante.

Em conclusão, afirmamos que os autores admitem a utilização de ambos os modos nas construções com o verbo de atividade mental em construção negativa, em que o modo indicativo reflete o compromisso com a veracidade dos fatos proferidos pelo falante, ao passo que com o subjuntivo o falante não se compromete com o valor de verdade da subordinada.

1.7 “**Es cierto que**”

Iniciamos a análise das substantivas impessoais com a estrutura que se refere aos verbos copulativos seguidos de um adjetivo ou substantivo indicador de existência ou veracidade. Temos como ilustração para essa análise o enunciado seguinte:

- (7) “**Es cierto que tiene mucho más dinero del que declara**”. (Álvarez, 1987:173)

Segundo Porto Dapena (1991:93), a eleição do modo nas orações subordinadas vem determinada por uma compatibilidade semântica com o conteúdo da oração principal, que pode implicar ou não o cumprimento ou existência do fato manifestado pela subordinada, cuja possibilidade é capaz de se pressupor.

O modo indicativo, para o autor, aparece quando a oração subordinada é sujeito de uma atribuição de veracidade, ou seja, quando o falante se pronuncia mediante a oração principal acerca da verdade daquilo que é dito na subordinada.

Referindo-se, pois, ao enunciado, em que se tem uma oração principal iniciada pelo verbo *ser* (podendo ser também *estar* ou *parecer*), cujo sujeito é uma oração substantiva e o predicado nominal um adjetivo que indique verdade, tem-se o uso exclusivo do indicativo. Trata-se, portanto, de subordinadas introduzidas por “*es cierto que*”, “*parece verdad que*”, “*está seguro que*”, etc.

Segundo Borrego *et al.* (1986:100), as expressões impessoais constituídas por *ser*, *estar* ou *parecer*, em terceira pessoa do singular, indicando veracidade, certeza ou segurança, pois acompanhada de adjetivos como: “*cierto*”, “*seguro*”, “*verdad*”, levam sempre o indicativo na oração subordinada. Borrego discute a razão pela qual se difunde o termo “impessoal” para denominar tais construções. Segundo o autor (1986:35), “impessoal” significa “carente de sujeito gramatical”, pois o sujeito está desempenhado pela subordinada. Como estas orações não apresentam agente explícito com verbo conjugado em terceira pessoa do singular, este autor designa-a de “impessoal”.

Assim também Álvarez (1987:32) indica que existe um grupo de expressões que levam indicativo, porque a língua as trata como puras constatações. É o caso de “*es cierto que*”.

1.8 “**Es posible que**”

A construção seguinte expressa juízo de valor e tem como exemplo ilustrativo:

(8) “**Es posible que llueva**”. “(Álvarez, 1987:32)

Para Porto Dapena (1991:104) todas as estruturas constituídas por um verbo copulativo (*ser*, *estar* ou *parecer*) com um substantivo ou adjetivo, precedidos ou seguidos de uma oração substantiva que atua como sujeito, supõe o uso do subjuntivo. Dentre os adjetivos que aparecem nestes contextos está o que indica possibilidade “*Es posible que*”.

Segundo Borrego *et al.* (1986:33) quando o verbo da oração principal expressa caráter provável ou possível o fato expresso na oração subordinada vai em subjuntivo. Este é o caso da expressão “*es posible que*”.

Álvarez (1987:28-32) postula para as orações substantivas a regra: verbo principal + que+ verbo dependente no modo indicativo ou subjuntivo. A oposição para os modos no verbo dependente trata da oposição “constatação” (indicativo) e “juízo de valor” (subjuntivo). Desse modo, a expressão “*es posible que*” se constrói com o modo subjuntivo por tratar-se de apreciação ou juízo de valor.

1.9 “Es necesario que”

A proposta de análise com verbos que expressam apreciação ou juízo de valor, conclui-se com a análise da expressão “*es necesario que*”. Ilustrando nossa proposta temos a oração (09):

(9) “**Es necesario que el gobierno imponga su autoridad**”. (Porto Dapena, 1991:273)

Segundo Borrego *et al.* (1986:32), quando o verbo principal expressa apreciação ou juízo de valor sobre o que se indica na oração do verbo subordinado, este vai em subjuntivo.

O grupo de orações que constitui essa regra são expressões do tipo –*ser, estar, parecer, considerar*, seguido de adjetivo, substantivo e advérbio portador de valoração. Trata-se, portanto, de expressões como: *es necesario que, es lógico que, es una pena que, está bien que, parece adecuado que, es lamentable que*, etc.

Para Álvarez (1987:32), nas orações substantivas impessoais ocorre a oposição indicativo/subjuntivo em que o primeiro indica constatação, e o outro juízo de valor. Segundo o autor, a maior parte das orações impessoais se constrói com subjuntivo por se tratar de apreciações: *es necesario que, es mejor que, es una lástima que*, etc.

Além de expressar um juízo de valor, segundo Porto Dapena (1991:103-4), se usa obrigatoriamente o subjuntivo nestas orações, sempre que o predicado nominal não seja um substantivo ou um adjetivo indicador de existência ou verdade.

“Lo que ocurre en tales casos es que el hablante dice algo – y centra toda su atención en ello – acerca del contenido de la oración subordinada, la cual, por otro lado, no es dada como una información, sino como algo meramente virtual, esto es, con independencia de su realidad existencial. De ahí que a veces aun refiriéndose a hechos plenamente reales y vistos como tales tanto por el hablante como por el oyente, se utilice el subjuntivo, lo que

supone, como puede observarse, una neutralización indicativo/subjuntivo, la cual es, por tanto, obligatoria y depende, por cierto, de circunstancias contextuales no fáciles de concretar” (Porto Dapena, 1991:103)

Dessa maneira, toda estrutura constituída por verbos copulativos seguidos de substantivo ou adjetivo²⁹, seguidos de uma oração substantiva que atua como sujeito, supõe, em princípio, o uso do subjuntivo.

Para concluir o estudo das orações substantivas, segue abaixo a tabela 3, na qual relacionamos os autores e as regras propostas em seus manuais para uso de cada uma das formas previstas nesse capítulo.

Orações subordinadas substantivas	Autores		
	BORREGO	DA PENA	ALVAREZ
“Creer que” – O. S. S. A ³⁰ . – verbo de atividade mental	Ind. e Subj.	Ind.	Ind.
“Pensar que” - O. S. S. A. – verbo de atividade mental	Ind. e Subj.	Ind.	Ind.
“Saber que” - O. S. S. A. – verbo de atividade mental	Ind.	Ind.	Ind.
“No creer que” - O. S. S. N ³¹ . – verbo de atividade mental	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.	Subj.
“No pensar que” - O. S. S. N. – verbo de atividade mental	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.	Subj.
“No saber que” - O. S. S. N. – verbo de atividade mental	Ind. e Subj.	Ind. e Subj. ³² .	Ind. e Subj. ³³
“Es cierto que” - O. S. S. – verbo copulativo + substantivo	Ind.	Ind.	Ind.
“Es posible que” - O. S. S. – verbo de apreciação	Subj.	Subj.	Subj.
“Es necesario que” - O. S. S. – verbo de apreciação	Subj.	Subj.	Subj.

Tabela 3– Resumo das regras de uso dos modos nas orações subordinadas substantivas.

²⁹ O adjetivo que aparece neste contexto indica necessidade “*Es necesario*”.

³⁰ A partir desse momento indicaremos as “Orações subordinadas substantivas afirmativas” com a abreviatura (O.S.S.A.)

³¹ A partir desse momento indicaremos as “Orações subordinadas substantivas negativas” com a abreviatura (O.S.S.N.)

³² Conforme vimos na seção 1.6, Porto Dapena, a alternância só é possível quando o verbo está na primeira pessoa e as duas orações estão codificadas no passado.

³³ Conforme vimos nas regras expostas na seção 1.6, Álvarez postula o uso do indicativo quando da utilização do tempo presente. Caso esteja em outros tempos, ambos os modos são aceitos.

2. Orações Independentes

Nessa seção se incluem as estruturas em que o subjuntivo se justifica por causas alheias à subordinação, porque outra das maneiras de eleger o modo verbal, como regra geral, é através da modalidade oracional presente em orações independentes.

Segundo Porto Dapena (1991:56-7), a modalidade é o fator determinante na eleição do modo verbal em oração independente, o que não quer dizer que a cada modalidade oracional deva corresponder um modo diferente, nem sequer que a modalidade venha dada unicamente pelas variações modais do verbo. Para tratar da eleição do modo nestas orações, selecionamos especificamente três tipos de expressões que se encontram em orações independentes:

Orações independentes:

- a) “**Seguramente**” => Expressão de possibilidade e probabilidade
- b) “**Quizá**” => Expressão de possibilidade e probabilidade
- c) “**Tal vez**” => Expressão de possibilidade e probabilidade

Para as orações independentes, tratamos de contextos com advérbios de dúvida ou possibilidade, detalhando as escolhas modais de cada autor, esquematizadas em exemplos como:

(10) “**Seguramente** se **ha ido** a pasar unos días al campo”. (Álvarez, 1987:101)

(11) “**Quizá** él **esté/está** enfermo”. (Álvarez, 1987:100)

(12) “**Tal vez** ya **sepas / sabes** que llegan mañana”. (Álvarez, 1987:99)

As orações enunciativas³⁴ supõem um pronunciamento por parte do falante acerca do valor do *dictum*: verdade, falsidade ou possibilidade. Do ponto de vista do uso do modo verbal, toda oração enunciativa pode construir-se com indicativo. Este uso é obrigatório no caso das afirmativas e negativas, enquanto a probabilidade alterna os modos potencial e subjuntivo, segundo Porto Dapena (1991:56-9).

Os modos indicativo e subjuntivo, no caso das orações independentes, não expressam por si só modalidade potencial, mas essa vem dada pela utilização de uma partícula ou expressão como os advérbios de dúvida ou possibilidade, *quizá(s)*, *acaso*, *posiblemente*,

³⁴ Denominação para as orações independentes na teoria de Porto Dapena (1991:56)

probablemente, seguramente, ou as locuções semânticas equivalentes *tal vez, a lo mejor* (cf. Porto Dapena, 1991:57)

De acordo com o autor, com o item “*seguramente*” a neutralização da oposição é obrigatória, exigindo o modo indicativo. No entanto, este item é considerado por Porto Dapena como um advérbio de possibilidade. De acordo com Porto Dapena, o advérbio “*seguramente*” não indica afirmação, mas é sinônimo de “*posiblemente*” e dá como exemplos:

- a) “*Seguramente están ahora en clase*”.
- b) “*Seguramente vendrá a verte Pepe*”. (Porto Dapena, 1991:59)

Tendo em vista estes advérbios como modalizadores, poderia pensar na existência de um regime modal. Neste caso, o regente seria um advérbio ou expressão equivalente, o qual, sintaticamente, se encontra num plano hierárquico inferior ao verbo que, neste caso, seria o termo regido. A questão da regência ambígua pode ser resolvida partindo da idéia de que estes elementos não são na realidade modificadores do verbo, mas de toda a oração, atuando como elementos predicativos³⁵. Alarcos Llorach (1984:307) discute exemplos como:

- a) *Posiblemente te ha sentado mal la comida = Es posible que te haya sentado mal la comida.*

Nas orações enunciativas de possibilidade com advérbios – *quizás, a lo mejor, tal vez*, etc.- pode ocorrer a alternância de modos: indicativo, subjuntivo e potencial, segundo Álvarez (1991:99). No entanto, caso o verbo da oração preceda as partículas “*quizá*” e “*tal vez*” é obrigatório o uso do modo indicativo (cf. Porto Dapena, 1991:60).

Para Álvarez (1987:99) “*la presencia de cualquiera de estos adverbios de duda quizá(s), tal vez, acaso, puede provocar la aparición del subjuntivo en las oraciones principales e independientes*”. No entanto, segundo o autor, neste caso não é exigido obrigatoriamente o modo subjuntivo, sendo também freqüente o emprego do indicativo. Apesar da liberdade para escolher entre os dois modos, o autor enfatiza: “*aunque no deje de existir una manifiesta preferencia en el habla cuidada por el subjuntivo*”.

³⁵ Cf. E. Alarcos Llorach. Aditamento, adverbio y cuestiones conexas. In *Estudios de gramática funcional del español*, Madrid, Gredos, 1984, p.307.

O autor separa os advérbios de dúvida “*tal vez*”, “*quizá*”, do outro advérbio testado, “*seguramente*”, afirmando que este se comporta de maneira diferente dos anteriores, sendo sempre seguido pelo modo indicativo.

Álvarez (1987:99) entende que o uso do subjuntivo com “*tal vez*” e “*quizá*” é redundante porque a noção de dúvida é inerente a estes advérbios.

Por outro lado, de acordo com Álvarez (1987:99), quando estes advérbios de dúvida seguem ao verbo, este se emprega sempre com o modo indicativo.

Borrego *et al.* (1986:179-80), em contraposição aos outros autores, admite a presença dos modos indicativo e subjuntivo para orações com advérbios de dúvida ou possibilidade - *quizá, quizás, tal vez, acaso, posiblemente, probablemente, seguramente* – quando estes vão colocados diante do verbo. Caso contrário, se os advérbios vão colocados detrás do verbo, o indicativo é obrigatório. Salvo “*a lo mejor*” que sempre se constrói com indicativo, os outros advérbios de dúvida admitem os dois modos.

Temos, portanto, para os três enunciados a possibilidade de utilização de ambos os modos, sendo que a preferência pelo indicativo ou subjuntivo parece depender do grau de possibilidade creditado pelo falante, ou por variável posicional, segundo Borrego.

Borrego *et al.* (1986:180) trata dos tempos do subjuntivo, onde o *grau menor de dúvida* é expresso através dos tempos presente ou futuro (presente do subjuntivo), do passado (forma de pretérito imperfeito do subjuntivo) e o grau maior de dúvida, no presente ou no futuro (forma de imperfeito) e no passado (forma de mais-que-perfeito). Vejamos alguns exemplos retirados do manual do autor:

Grau menor de dúvida:

- (a) Quizá nos **estén** esperando. (presente)
- (b) Quizá Pedro **gane** las próximas elecciones. (futuro)
- (c) Quizá le **hayan tocado** esta semana las quinielas. (passado)
- (d) Quizá le **tocaran** las quinielas la semana pasada. (passado)

Grau maior de dúvida: dúvida acentuada sobre fatos que não se produziram:

- (a) Quizá nos **estuvieran** esperando ahora mismo, pero seguro que se han marchado. (presente)
- (b) Quizá mañana ya no **estuviese** allí. (futuro)
- (c) Quizá les **hubiera convenido** tener más hijos. (passado)

Assim como os demais autores, Borrego *et alli.* (1986:180) afirma que, se estes advérbios vão colocados detrás do verbo da oração, é obrigatório o uso do indicativo.

Na tabela 4 temos as regras enunciadas pelos autores para cada uma das orações independentes.

Orações Independentes	Autores		
	BORREGO	DA PENA	ALVAREZ
“Seguramente” - Or. independente de possibilidade	Ind. e Subj.	Ind.	Ind.
“Quizá” (Anteposto ao verbo) - Or. independente de possibilidade	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.	Ind. e Subj. ³⁶
“Quizá” (Posposto ao verbo) - Or. independente de possibilidade -	Ind.	Ind.	Ind.
“Tal vez” (Anteposto ao verbo) - Or. independente de possibilidade	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.	Ind. e Subj. ³⁷
“Tal vez” (Posposto ao verbo) - Or. independente de possibilidade	Ind.	Ind.	Ind.

Tabela 4– Resumo das regras de uso dos modos das orações independentes

3. Orações Subordinadas Adverbiais

Segundo Porto Dapena (1991:180), as orações subordinadas adverbiais desempenham função adverbial com respeito à oração principal. A Real Academia Espanhola prefere chamá-las de “circunstanciais”.

Sob a etiqueta de “complemento circunstancial”, a gramática tradicional abrange uma ampla e heterogênea série de elementos oracionais tanto por seu conteúdo semântico, como por seu conteúdo formal. E assim, tomando por base o ponto de vista semântico, se vem classificando este tipo de oração como “*temporales, locativas, modales, consecutivas, condicionales, causales*”, entre outras, por expressarem circunstâncias de tempo, lugar, modo, conseqüência, condição, causa, respectivamente (Porto Dapena, 1991:180-1).

As conjunções introdutórias destas orações regem indicativo ou subjuntivo, dependendo da categoria a que pertencem, e algumas delas desempenham distintas funções dentro da oração, e por isso podem aparecer em duas ou mais categorias.

Dentre as cláusulas subordinadas adverbiais nos propomos a analisar orações finais iniciadas por “*para que*”, “*a fin de que*,” as temporais iniciadas por “*después de que*” e

³⁶ Segundo o autor, existe preferência na fala culta pelo subjuntivo.

³⁷ Segundo o autor, existe preferência na fala culta pelo subjuntivo.

cuando” e a concessiva *“aunque”*. Tais conjunções são significativas para a explanação sobre a questão modal e vêm relacionadas abaixo, conforme segue:

1. **“Para que”** => Expressa finalidade
2. **“A fin de que”** => Expressa finalidade
3. **“Después de que”** => Expressa tempo
4. **“Cuando”** => Expressa tempo
5. **“Aunque”** => Expressa concessão (dificuldade, limitação)

3.1 “Para que”

São denominadas finais as orações que expressam a finalidade do que foi dito na oração principal. Sintaticamente se realizam mediante diversas estruturas, das quais a mais comum consiste em subordinação mediante preposição *“para”* ou *“a fin de”* seguidas de *“que”*. Temos como exemplo a oração abaixo:

- (13) **“Juan trabaja para que sus hijos puedan alimentarse”**. (Porto Dapena, 1991:209)

Segundo Porto Dapena (1991:208), a utilização exclusiva do subjuntivo em orações finais se justifica pelo motivo de que o fato nelas expresso não pode ser visto como algo virtual, pois se trata de uma meta, objetivo ou intenção futura, contemplados no momento em que se realiza a ação do verbo principal.

Com relação à dependência, pode-se dizer que uma oração final é um elemento periférico com respeito à oração principal. No entanto, pode ocorrer também, como nas subordinadas substantivas e adjetivas, que funcione como um componente nuclear da principal ou complemento de um constituinte oracional (Porto Dapena, 1991:210):

- (a) *“Los libros son para estudiar o leer”*.
- (b) *“El alcalde inauguró un nuevo tramo de carril para que circulen las bicicletas”*. (Porto Dapena, 1991:210)

Porto Dapena (1991:210) explica tais casos dizendo que as orações introduzidas por “*para que*” não expressam a finalidade da oração principal, e portanto, não são elementos periféricos, mas nucleares. Para ele, no exemplo (a) “*para estudiar*”, é um constituinte da oração principal já que o enunciado ficaria incompleto sem ele, e no exemplo (b) “*para que circulen*”, é complemento de “*un nuevo tramo de carril*”.

Segundo Borrego *et al.* (1986:49-51), quando o sujeito da oração final não é o mesmo que o do verbo da principal, estas se constróem com subjuntivo.

Os nexos finais mais típicos são: *para que, a que, a fin de que, con (el) objeto de que, con (el) fin de que, con (el) propósito de que, con (la) finalidad de que, porque (no causal)*, etc. Borrego *et al.* (1986:49) explica também que as orações finais apresentam uma estrutura **A** nexa **B**, onde **B** expressa a finalidade que motiva **A**, ou o propósito pelo que se produz **A**:

(a) “Los masones han conspirado **para que** las negociaciones fracasen”.

A nexo B

Para Borrego, o emprego do subjuntivo no exemplo acima se explica porque o sujeito do verbo principal “*los masones*” é distinto do sujeito do verbo subordinado “*las negociaciones*”. Por essa razão, a única construção permitida no espanhol é o uso do modo subjuntivo após o nexo final, neste caso.

Talvez isso se deva, segundo a opinião do autor, a que toda oração final (B) é sempre futura com respeito à principal (A); **B** tem com relação a **A** um significado prospectivo e, além disso, hipotético, com o sentido de que nunca se afirma com certeza se a finalidade chegará a ser alcançada. Dessa maneira, o falante não se compromete acerca do cumprimento do fato enunciado.

Segundo Álvarez (1987:60), para as orações finais se utiliza sempre o subjuntivo. Exemplo: “*Lo compro para que te lo pongas*”.

3.2 “A fin de que”

Temos como ilustração para este item, o enunciado (14):

(14) “**Te lo cuento a fin de que lo sepas**”. (Álvarez, 1987:60)

De acordo com Álvarez (1987:60) as partículas finais, com o item “*a fin de que*”, só admitem o modo subjuntivo porque todas as ações que introduzem não são experimentadas pelo sujeito.

Para Borrego *et al.* (1986:137-8), assim como a oração final analisada na seção 3.1, o conector “*a fin de que*” também admite apenas o modo subjuntivo se o sujeito da oração final não é o mesmo que o do verbo principal.

Porto Dapena (1991:209) também postula a utilização exclusiva do modo subjuntivo para estas orações³⁸.

3.3 “Después de que”

Como exemplo ilustrativo para o item “*después de que*”, temos:

(15) “**Saldremos poco después de que amanezca**”. (Porto Dapena, 1991:191)

Segundo Borrego *et al.* (1986:137-8), “*llevan subjuntivo las oraciones temporales que se refieren a acciones o situaciones futuras o cuando menos posteriores a un momento del pasado que se toma como punto de referencia temporal*”.

A função das orações temporais é assinalar referências temporais para situar a ação ou a situação descrita na oração principal, da qual depende. A relação temporal estabelecida entre uma e outra pode indicar anterioridade, simultaneidade ou posterioridade.

Quando o nexos introdutor de uma oração temporal (no caso “*después de que*”) faz menção a ações ou situações futuras com respeito ao presente ou a um passado que é tomado como ponto de referência temporal, o verbo da oração vai em subjuntivo. Dessa forma, independentemente de que tais ações sejam passadas ou futuras, o subjuntivo se justifica pela posterioridade que se indica com respeito ao ponto que toma como eixo de referência temporal.

Para Porto Dapena (1991:191) qualquer que seja a partícula temporal, o emprego do indicativo e subjuntivo assinala a norma geral de utilizar o primeiro quando a oração se refere a fatos consumados ou que pertencem a nossa experiência, ou seja, quando os verbos se referem ao presente ou passado (fatos reais) em relação ao momento da elocução. Caso

³⁸ As considerações feitas na seção 3.1 para o item “*para que*” são válidas para a partícula “*a fin de que*”

contrário, quando nos referimos a fatos não consumados, vistos numa perspectiva de futuro, se utiliza o subjuntivo.

Com respeito aos modos, sua utilização depende se o que foi expresso pela oração subordinada forma parte ou não de nossa experiência, de tal maneira que se refere a algo realizado, cumprido ou experimentado, se usará indicativo, em caso contrário subjuntivo. Dito de outra forma, se utiliza indicativo quando o verbo da subordinada (V2) se refere ao presente ou pretérito em relação com o momento da elocução, e é simultâneo ou anterior a V1, e pelo contrário, se usa o subjuntivo quando o V2 alude a um tempo posterior ao verbo principal (V1). Desta forma, resumimos as definições como visão real ou experimentada (indicativo) e irreal, eventual ou não experimentada (subjuntivo).

O funcionamento da partícula temporal “*después de que*” segundo Álvarez (1987:56), segue as características apresentadas pelos outros autores acima citados. É preciso entender a oposição experiência X não experiência, ou seja, o indicativo (experiência) é empregado quando o falante experimentou ou conhece com certeza o fato introduzido pela partícula, enquanto o subjuntivo (não experiência) é usado quando o falante não tem experiência pessoal da ação ou ainda que tenha, prefere apresentá-la como duvidosa, e em consequência, como não experimentada.

3.4 “Cuando”

Ilustrando a conjunção adverbial temporal “cuando”, temos o enunciado abaixo:

(16) “**Cuando ellos divisaron las torres de la ciudad, descabalgaron**”. (Borrego *et al.*, 1986:138)

Segundo Porto Dapena (1991:182), nas orações adverbiais se usa o modo indicativo quando o falante alude a um tempo ou lugar específico e, portanto, se compromete com a verdade do que foi dito na oração subordinada. Caso contrário, o modo elegido será o subjuntivo.

Para o autor, “*lo que da carácter adverbial a estas oraciones no es la simple presencia de un adverbio relativo en la subordinada, sino el hecho de que ésta por si sola o acompañada del antecedente desempeñe el papel de complemento locativo o temporal dentro de la oración principal*” (Porto Dapena, 1991:182).

Álvarez (1987:56-58) parte do funcionamento das partículas e locuções adverbiais e divide as temporais na regra de admissão de ambos os modos. Para o autor, a partícula “*cuando*” é a mais representativa de seu grupo. Utilizando-se da terminologia de W. E. Bull, explica que a oposição indicativo-subjuntivo que oferecem os usos com essa partícula é o de experiência X antecipação. Por antecipação, entende-se o fato de que o verbo da oração subordinada expressa uma ação que ainda não teve lugar, ou seja, que o falante antecipa o acontecimento expressado pelo verbo dependente.

Para Álvarez, em alguns casos esta oposição se torna difícil para alunos estrangeiros, mas é a que determina o uso de um modo ou outro.

Borrego *et al.* (1986:137-139) também postula a utilização de ambos os modos no caso das temporais. Segundo o autor, levam subjuntivo as orações temporais que se referem a ações ou situações futuras ou posteriores a um momento do passado que se toma como ponto de referência temporal. Para Borrego *et al.*, a função das orações temporais é assinalar referências temporais para situar a ação ou situação descrita em outra oração chamada principal, da qual depende. A relação temporal que se estabelece entre uma e outra pode indicar anterioridade, simultaneidade ou posterioridade, assim como acontece com os outros nexos temporais, como “*después de que*”, anteriormente citado.

3.5 “**Aunque**”

Das orações adverbiais, concluímos a análise com a conjunção “*aunque*”. Como exemplo ilustrativo temos a oração que se segue:

(17) “**Aunque todos hemos/ hayamos de morir un día, nos preocupamos muy poco de ello**” (Porto Dapena, 1991:233).

Para Álvarez (1987:57-60), a partícula “*aunque*” é a mais representativa do grupo das concessivas. Para explicar o funcionamento da mesma é preciso, segundo o autor, variar o critério aplicado ao conector “*cuando*” no sentido de extendê-lo à oposição “experiência x não-experiência”, também utilizada por Bull.

Isto quer dizer que o indicativo (experiência) é empregado quando o falante experimentou ou conhece com certeza o fato introduzido por “*aunque*”; enquanto o subjuntivo (não experiência) se usa quando o falante não tem experiência pessoal da ação, ou

ainda que a tenha, simplesmente prefere apresentá-la como duvidosa e, em conseqüência, como não experimentada. Neste último caso sucede correntemente em contextos socialmente conflitivos nos quais se prefere o modo subjuntivo, em exemplos como:

- a) “*Aunque estés/estás gordo, te quiero*”.
- b) “*Aunque ahora tenga/tengo mucho dinero, seguiré trabajando*”. (Álvarez, 1987:59)

Para Borrego *et al.* (1986:166) o uso do modo indicativo ou subjuntivo é determinado por dois fatores: 1) o caráter do fato possível ou não e 2) o caráter informativo ou não da prótase, ou seja, da oração encabeçada por “*aunque*”.

Com o indicativo são retratados eventos conhecidos, experienciados (fato real) e de alguma maneira o falante pensa ou pressupõe que seu ouvinte a desconhece (ou considera pertinente informar), ou seja, com o indicativo se suministra informação ao ouvinte. Efetivamente, nas frases concessivas se usa subjuntivo quando o falante conhece (fato real) a ação e, de alguma maneira ou por alguma razão, pensa ou pressupõe que seu ouvinte também a conhece (ou não se considera necessário informar).

Para Borrego *et al.* (1986:169), emprega-se o subjuntivo nas frases concessivas além de quando o falante e o ouvinte conhecem o fato, nos casos em que o falante desconhece a ação expressada pelo verbo que vem atrás do conector “*aunque*”, aplicando-se o seguinte esquema:

- **para referir-se ao presente ou ao futuro:**
 - de cumprimento possível: forma de presente do subjuntivo
 - de cumprimento difícil em opinião do falante: forma de imperfeito do subjuntivo;
- **para referir-se ao passado:**
 - de cumprimento possível: forma de pretérito perfeito ou de imperfeito do subjuntivo
 - de cumprimento difícil em opinião do falante: forma de “pluscuamperfecto del subjuntivo”.

Resumindo, segundo o autor:

- ***Aunque* + indicativo**

- o falante conhece o fato ;
- o falante pressupõe que o ouvinte o desconhece;
- proporciona-se informação tanto na principal (apódose) como na subordinada (prótase);

Exemplo: “*Aunque estoy enfermo sigo trabajando*” (Borrego *et al.*,1986:166)

➤ ***Aunque* + subjuntivo**

- o falante conhece o fato;
- o falante pressupõe que o ouvinte também o conhece;
- proporciona-se informação somente na principal (apódose)

Exemplo: “*Aunque ayer estuviera enferma, fui al cine contigo*” (Borrego *et al.*,1986:167)

- o falante desconhece o fato (hipótese)
- pode considerá-lo como de cumprimento possível (formas de presente para o presente e o futuro, e de pretérito perfeito ou de imperfeito para o passado) ou de cumprimento muito difícil (formas de imperfeito para o presente e o futuro, e de “pluscuamperfecto” para o passado)

Exemplo: (En la cama, antes de levantarse, con la persiana bajada) “*Aunque ahora mismo haga buen tiempo, yo no me muevo de casa*” (Borrego *et al.*,1986:167)

- o falante sabe que o fato não está se cumprindo (imperfeito) ou não se cumpriu (pluscuamperfecto)

Exemplo: *Carmen:* “*Está lloviendo a mares.*

Enrique: *A mí me da igual, porque aunque ahora mismo hiciera buen tiempo, yo no me habría movido de casa*” (Borrego *et al.* 1986:168).

E concludindo, para Porto Dapena (1991:232), as orações concessivas se produzem alternando o uso do indicativo e do subjuntivo. A eleição do modo, todavia, não depende propriamente do nexos escolhido, mas da atitude do falante, que “*adoptará el indicativo cuando se refiere a un obstáculo real, conocido o experimentado, mientras que preferirá el subjuntivo si dicho obstáculo y objeción pertenece al mundo de lo desconocido y, por lo tanto, representa una mera hipótesis posible o imposible*”.

Segundo o autor, existem contextos que não podem admitir mais que uma única interpretação, como real ou como impossível e, então, não cabe mais que o indicativo ou o subjuntivo, como nos exemplos que se seguem:

- a) “*Aunque soy varón me preocupo por los derechos de la mujer*”.
- b) “*Aunque fuera mujer tendría la misma profesión*” (Porto Dapena, 1991:233)

No exemplo (a), o falante é um homem e diz a frase como parte de sua realidade. Em (b), o falante é homem e coloca essa frase como hipotética e impossível.

Os contextos que admitem indiferentemente os modos indicativo ou subjuntivo e, portanto, permitem a neutralização destes modos são, em geral, aqueles em que a oração subordinada expressa um fato real suficientemente conhecido pelo ouvinte, não aportando nenhuma informação nova. Assim:

- a) “*Aunque la tierra es (=sea) redonda, no lo parece*”. (Porto Dapena, 1991:233).

Às vezes também se usa o subjuntivo para expressar fatos que são perfeitamente conhecidos pelo falante, mas que por diversas razões lhe interessa apresentar como puramente hipotéticos, assim por exemplo:

- a) “*Aunque te sobre algún kilo, no es para considerarte gorda*”.
- b) “*No debes preocuparte, aunque tengas mala cara*” (Porto Dapena, 1991:233).

E ainda, segundo o autor, o subjuntivo é freqüente também nas réplicas, cujo caso expressa inibição por parte do falante quanto à aceitação de algo dito pelo ouvinte. Vejamos alguns exemplos:

- a) “*Aunque eso sea cierto, no me conformo*”.
- b) “*Aunque hayas hecho lo que dices, tendrías que haberte preocupado más*” (Porto Dapena, 1991:234)

Para encerrar a análise das regras prescritas pelos manuais didáticos apresentamos na tabela abaixo o resumo do uso dos modos verbais nas construções adverbiais.

Orações Subordinadas Adverbiais	Autores		
	BORREGO	DA PENA	ALVAREZ
“Para que” - O. S. A. ³⁹ Final	Subj.	Subj.	Subj.
“A fin de que” - O. S. A. Final	Subj.	Subj.	Subj.
“Después de que” - O. S. A. Temporal	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.
“Cuando” - O. S. A. Temporal	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.
“Aunque” - O. S. A. Concessiva	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.

Tabela 5– Resumo das regras de uso dos modos das orações subordinadas adverbiais

Concluindo, esta pesquisa investiga nove tipos de orações subordinadas substantivas, cinco subordinadas adverbiais e três advérbios em oração independente considerados, pelos autores consultados, ambiente propício para o exame do comportamento modal indicativo/subjuntivo.

³⁹ A abreviatura (O.S.A.) especifica as “Orações subordinadas adverbiais”.

CAPÍTULO V: EMPREGO DOS MODOS: USO JORNALÍSTICO

Este capítulo traz à discussão os dados referentes à imprensa jornalística espanhola, no intuito de identificar os fatores lingüísticos que condicionam as escolhas modais.

Convém lembrar que estes dados foram analisados com a ajuda do programa Microconcord, e a verificação dos contextos de uso dos modos é feita de acordo com os itens expostos anteriormente. Foram levantados um total de 10.364 dados dentre as cláusulas analisadas.

A seguir, apresentamos a análise dos resultados concernentes às hipóteses previstas para esta pesquisa. Esta apresentação é feita em três seções: cláusulas substantivas, independentes e adverbiais.

Para fazer a apresentação desses dados, faremos uso de quadros que apresentam o número de ocorrências do indicativo/subjuntivo, possibilitando a verificação da frequência de uso seguindo a ordem de apresentação exposta no capítulo anterior.

Ainda nesse capítulo, buscamos identificar o comportamento das escolhas modais verificando os contextos de uso obrigatório e de alternância modal, e fazer a comparação entre esses usos com as regras prescritas pelos manuais, apontando possíveis semelhanças ou variação de uso.

1. Orações Subordinadas Substantivas

Neste item tratamos das orações subordinadas substantivas incluindo as construções: “*creer que*”, “*pensar que*”, “*saber que*”, e precedidas de negação, assim como as expressões impessoais “*es cierto que*”, “*es posible que*” e “*es necesario que*”.

1.1 “Creer que”

Iniciamos nossa análise evidenciando a oposição dos contextos afirmativos e negativos.

A primeira construção a ser analisada é composta pelo verbo de entendimento ou atividade mental “*creer*”.

De acordo com a hipótese prevista para este verbo em oração afirmativa, temos o favorecimento do uso do modo indicativo devido à presença do traço da pressuposição (cf. Terrell e Hooper, 1974).

Hooper (1975) classifica predicados como “*creo que*” como “asserção fraca” (*weak assertive*). Segundo Mejías-Bikandi (1994:900) isso explica, por um lado, o uso do indicativo em orações de complemento e por outro, a falta de certeza sobre a verdade da proposição expressa pelo complemento.

Nota-se, portanto, a necessidade de diferentes graus de asserção para acomodar o uso do indicativo, assim como havia proposto também Lunn (1989) em seu estudo.

Com base no quadro 3 que segue, apresentamos os resultados obtidos na pesquisa do item verbal “*creer que*” nos dados jornalísticos.

<i>Modos</i>	<i>Dados</i>
Uso do Indicativo	1710
Uso do Subjuntivo	02
Total	1712

Quadro 3: Uso dos modos verbais: “Creer que”

Antes de falarmos sobre os resultados da análise, cabe salientar que os dados apresentados na verificação dos itens correspondem a todas as pessoas do discurso.

Observando-se o número de casos no quadro acima, o verbo “*creer*”, em oração afirmativa, aparece quase que exclusivamente com o modo indicativo (há apenas dois casos com o modo subjuntivo).

Os dados abaixo exemplificam casos do modo indicativo encontrados no *corpus*:

1. “**Creo que** la presencia del General Pinochet **causa** un lógico malestar en muchas personas”. (CHCH04B9.TXT)
2. “Bueno, yo **creo que hay** un problema serio en el mundo del deporte, es el dramatismo que se genera, y los grupos que surgen entorno a él, los grupos violentos”. (UREP10J8.TXT)

3. “**Creemos que** el Paraguay que **queremos** lo tenemos que construir unidos. Todos aportamos nuestro granito de arena en el área en la que nos desarrollamos”. (PYDD03A8.TXT)
4. “**Creemos que** Cuba **ha obtenido** muchos logros en Medicina, Ciencias y Deportes, y nos alegramos por ello, como también acontece cuando se vislumbra que hay nuevas posibilidades de libertad, conquistada, ya por la "globalización" o por la necesidad de abrirse a las inversiones extranjeras”. (ECTE17L8.TXT)
5. “Inclusive **se cree que** los machos se **ayudan** entre sí para poder aparearse con la hembra. Copulan con más de una de ellas y parece no haber ningún lazo de unión entro machos y hembras ni entre éstos y sus crías”. (MXSCJ8.TXT)
6. “Entonces, yo **creo que** el hombre **necesita** a la mujer y la mujer necesita al hombre. No necesariamente tiene que venir el matrimonio en la relación, lo importante es amarse”. (ARLRB9.TXT)
7. “Para entrever qué puede pasar con la Argentina, Clarín entrevistó a 20 empresarios de primera línea, que contestaron tres preguntas clave . Los hombres de negocios coincidieron en que esta crisis supera al efecto de 1995, pero **creen que** hoy la Argentina **está** mucho más fuerte”. (ARCL14I8.TXT)

Falante e ouvinte parecem coincidir com a opinião de que “a presença de Pinochet causa mal-estar nas pessoas”⁴⁰ em (1), “o drama que ocorre no mundo dos esportes” em (2), e ainda que seja a opinião particular, parece haver consenso quanto “a necessidade de união das pessoas para a construção do Paraguai”, enunciado em primeira pessoa do plural em (3). Há informes de conhecimento do público em geral, como “as vitórias de Cuba no campo da medicina, ciências e esporte” em (4) e parece ser informação de cunho científico a “ajuda dos machos entre si para acasalar-se com a fêmea” em (5). Em (6) temos a informação de que “o homem necessita da mulher e a mulher do homem” e em (7), por sua vez, se mostra o resultado de uma pesquisa em que a opinião dos homens de negócios consultados é que “Argentina está mais forte”.

Conforme havíamos previsto, os resultados confirmam a expectativa da correlação entre o traço da pressuposição e o modo indicativo. Deduzimos, portanto, que o indicativo presente nestas cláusulas é influenciado pela presença da afirmação. Nos casos citados acima, os falantes estão afirmando estados/eventos como acontecimentos ocorridos ou que ocorrem codificando veracidade ao conteúdo proposicional. Dessa forma, o informante assume a

⁴⁰ Convém esclarecer que não temos a intenção de realizar uma tradução dos enunciados destacados tendo em vista que o par de línguas português/espanhol nem sempre tem correlações exatas nos usos dos modos verbais. No entanto, temos como objetivo abordar o conteúdo proposicional destas orações relacionando às hipóteses propostas para essa pesquisa.

responsabilidade da informação veiculada, e o ouvinte, ou o leitor, pode confiar na informação proposicional.

Para Mejías-Bikandi (1994:898), uma asserção é sempre feita de acordo com a perspectiva do falante. De acordo com o autor, uma proposição é afirmada intencionalmente, embora o falante pareça estar expressando incerteza sobre a verdade do complemento devido a presença do verbo “*creer*”.

Através dos verbos epistêmicos o falante pode codificar a subjetividade de fonte epistêmica e usá-los para relacionar matizes de compromisso ou certeza. Verbos epistêmicos, assim como o verbo “*creer*”, assinalam o modo do conhecimento, refletem as apreciações do falante sobre o status factivo dos estados/eventos e incluem dedução.

Segundo Palmer (1986), o falante pode dar suas informações indicando que as apresenta como opinião subjetiva, como uma dedução, como um rumor ou baseado na evidência dos sentidos.

Com o uso do indicativo, nos exemplos analisados, percebemos o engajamento do falante com relação ao conteúdo proferido. Os resultados obtidos, como observamos nos dados citados, trazem evidências em favor de que falante deseja afirmar o que ele acredita e está diretamente correlacionado com o que a sentença como um todo expressa sobre a verdade da proposição.

Seguimos nosso estudo do item verbal “*creer*”, listando os dois exemplos de eleição do modo subjuntivo abaixo:

8. “Si llego a estar sola, yo **creo que no hubiese salido** a la calle, por lo menos en muchos meses”. (VENT011C.ASC)
9. “La Visita al Presidente para invitarle a inaugurar la Feria. No solo no se ha conseguido sino que no sabemos si el Presidente va a asistir. **Creemos que** una Feria dedicada a la Educación **debiera tener el aval del Presidente**”. (UREP14J8.TXT)

As informações “*hubiese salido*” e “*debiera tener*” vêm expressas com uso do pretérito imperfeito do espanhol em que se subentendem valores de hipótese e probabilidade e, portanto, contextos significativos de uso do modo subjuntivo.

Nota-se, também, que ambos os trechos apresentam a conjunção “*si*”. A proposição introduzida por essa conjunção expressa, nos casos acima, condições irrealis.

No exemplo (8), o verbo no “pluscuamperfecto” do subjuntivo se refere a uma hipótese irreal porque “se eu chegasse a ficar sozinha não teria saído à rua” significa que “eu

não estou sozinha”. Já o dado seguinte se refere ao futuro “vai assistir”, e a morfologia do verbo em pretérito imperfeito do subjuntivo indica que a “feira não tem o aval do presidente”, mas deveria ter, segundo a opinião do enunciador de (9).

O contraste entre afirmação e negação ilustra a atuação dos critérios de marcação. Afirmar algo é cognitivamente mais simples e esperado e, portanto, mais freqüente. Isso se reflete também na estrutura lingüística, sendo que “*creo que*” representa a forma não-marcada. A negação, ao contrário, por ser mais complexa em termos cognitivos, é também menos freqüente e estruturalmente mais complexa porque apresenta um morfema a mais que a correlativa afirmativa, constituindo “*no creo que*” o caso marcado em relação ao indicativo não-marcado (cf. Cunha *et al.* 2003:35).

Nossos resultados indicam a correlação do item verbal “*creer*” em orações afirmativas com o modo indicativo. Tal verbo apresenta, portanto, uma incidência quase nula do modo subjuntivo.

Autores como Borrego *et al.* (1986), por exemplo, prescrevem que este verbo admite, em orações afirmativas, ambos os modos, numa visão variacionista deste uso verbal. Segundo o autor, o emprego do modo subjuntivo produz, no caso dos verbos que admitem a aparição de ambos os modos, alterações de significado.

Os outros autores analisados, Porto Dapena e Álvarez, prescrevem o modo indicativo para os usos do verbo “*creer*” em cláusulas afirmativas, corroborando os resultados encontrados nos dados jornalísticos e a hipótese da relação entre orações afirmativas e modo indicativo.

1.2 “Pensar que”

Assim como “*creer*”, o verbo “*pensar*” também é um verbo de atitude mental e permite a avaliação do falante a respeito do conteúdo proposicional.

De acordo com Terrell e Hooper (1974) quando o falante deseja transmitir determinada informação acerca da verdade de uma proposição, elege uma construção sintática de acordo. Dessa forma, um enunciado pode ser assertivo, em que o falante afirma como verdadeiro o complemento oracional; pressuposto, em que o falante não afirma o complemento mas se pressupõe como verdadeiro ou pode não ser nem assertivo nem pressuposto.

Vejam os resultados abaixo a fim de comparar com o verbo de atividade mental já mencionado “*creer*”:

<i>Modos</i>	<i>Dados</i>
Uso do Indicativo	453
Uso do Subjuntivo	02
Total	455

Quadro 4: Uso dos modos verbais: “Pensar que”

Conforme verificamos no quadro acima, o verbo “*pensar*” também apresenta maior frequência de uso do modo indicativo em construções afirmativas, um total de quatrocentos e cinquenta e três ocorrências.

Conforme havíamos previsto, os resultados confirmam a relação entre o traço da pressuposição e o modo indicativo.

Terrell e Hooper (1974:485) correlacionam os verbos de ato mental como “*pensar*” e “*creer*” com o modo indicativo vinculado à noção semântica da pressuposição. Os autores também denominam as orações em que aparecem estes verbos como “asserções qualificadas”, cujos eventos pressupostos são afirmados pelos falantes como verdadeiros em sua visão particular de mundo.

Considere os dados exemplificados abaixo no modo indicativo:

10. “ Yo **pienso que** ellos **trabajan** en unas condiciones que también se podrían mejorar para que... la relación con el paciente fuese más... más amable, más humana y en mejores condiciones y calidad de vida”. (ARCL14I8.TXT)
11. “Juanjo Gaviña es un vasco que **piensa que va a morir** en Latinoamérica... Él **piensa que** nuestro continente **tiene** mucho futuro en los próximos años y confiesa que ahora pasa más tiempo aquí que en su tierra”. (COMU28J8.TXT)
12. “**Pensamos que** Internet **es** una gran herramienta para el desarrollo de los individuos y las organizaciones, una gran red mundial que rompe paradigmas y cambia las ideas. Un universo de información, dentro de un mundo desinformado”. (VECR09K8.TXT)
13. “**Pienso que es** una oportunidad única para conseguir la Paz. Todos deberíamos poner un poco de nuestra parte, sobre todo el gobierno, para conseguir la PAZ. El Gobierno deberá escuchar al pueblo, no sólo a una parte de él.” (ESDN07A9.TXT)
14. “**Pensamos que** el presidente (Bill Clinton) **merece** un procedimiento justo, imparcial, limitado y rápido’, declaró el portavoz presidencial Joe Lockhart”. (VENA06J8.TXT)

15. “El mercado podría dedicarse a quemar el tiempo hasta mediados de enero. **Pienso que** la gente **espera ver** cómo se encuentra el terreno torno a los mercados asiáticos y la dirección de las tasas de interés”. (PYDD03A8.TXT)
16. “Por su parte, César Navarrete, presidente del Sur, **piensa que** los temores del deudor **tienen** su origen en la incertidumbre política y económica que vive el país”. (VENA08J8.TXT)

Nos exemplos descritos, o enunciador coincide com o sujeito da oração principal (eu, nós) que apresenta os fatos como verdade de acordo com sua opinião. As situações refletem estados mentais não volitivos. São dados que abordam situações em que os falantes crêem na verdade dos fatos ditos, dos quais o ouvinte pode compartilhar.

Na informação (10), por exemplo, o emissor é de opinião que “os médicos trabalham em condições que podiam melhorar” em que se espera que a condição presente se modifique. Tanto no exemplo (10) como em (13) e (15) se fala da situação atual com perspectiva para o futuro em que se encontrará paz (13) ou se mudará o mercado (15). Em (11), por exemplo, a expressão em futuro é literal “Juanjo pensa que vai morrer” em que se estima as intenções da pessoa referida.

Em trecho como (12) “a internet é uma grande ferramenta para o desenvolvimento dos indivíduos”, e (14) “o presidente Clinton merece um procedimento justo” são proferidas no intuito de compartilhar fatos que são do conhecimento de mundo do falante e que são atribuídos como verdadeiros e significantes.

Observemos a seguir, os únicos dois exemplos codificados com o modo subjuntivo para que façamos as comparações cabíveis:

17. “No puede pensarse en ningún tipo de solución, a través de una flexibilización de la posición europea, para el final de la Ronda Uruguay sin una modificación de la Política Agrícola Común (PAC). Mientras ella siga rigiendo en los mismos términos actuales, no hay posibilidades de ningún cambio en la posición comunitaria. No hay que olvidar, tampoco, que las decisiones en los organismos europeos deben tomarse por unanimidad, lo que nadie **piensa que pueda** lograrse en un futuro más o menos cercano”. (LP-ART.223)*⁴¹
18. “El país entra en un clima electoral y **pensamos que** todos los actores políticos **actúen** con la medida debida, más en los momentos que vive el país, la región y el mundo, y que decisiones políticas partidarias no vayan a interferir y no vayan a ser trabas de

⁴¹ Algumas das amostras do *corpus* não contêm as especificações necessárias para determinar o jornal e a que país pertence. Estas estão identificadas neste trabalho com um (*) acompanhando o código.

elementos que puede ayudar a generar posibles soluciones en el mediano plazo”. (UREP11J8.TXT)

Os trechos acima assinalam os poucos casos de opinião do falante em que o subjuntivo aparece. Neste caso o falante pode ter seus comentários com um menor grau de comprometimento com o valor de verdade das informações: “conseguir mudanças no futuro próximo na política agrícola do Uruguai” e “que os políticos atuem de maneira devida”, nos trechos (17) e (18), respectivamente.

Conforme o estudo realizado nos manuais, encontramos em Borrego *et al.* (1986:84) a informação de que o verbo “*pensar*” faz parte de uma lista de verbos que admitem também o modo subjuntivo. No entanto, ressaltamos que esse autor traz comentários a respeito desse uso, afirmando que o verbo “*pensar*” tem o significado de “em minha opinião”, “é verdade que”, e nestes casos o subjuntivo não soa bem para os falantes nativos de espanhol, sem explicar, no entanto, as razões que explicam este “não soar bem”. O autor também faz um comentário a respeito dos usos com estes tipos de verbo: “*a modo de resumen, y como consejo práctico, aquellas personas que no dominan el español harían bien en utilizar siempre el indicativo con este tipo de verbos cuando van en forma afirmativa*” (Borrego *et al.*, 1986:85).

Os outros autores consultados também prescrevem o modo indicativo com o verbo “*pensar*” em orações afirmativas, do mesmo modo que com “*creer*”.

1.3 “Saber que”

O terceiro verbo analisado com relação às orações afirmativas é o verbo “*saber*”. Este verbo é inerentemente pressuposicional e funciona sintaticamente como “*pensar*” em sentenças afirmativas. De acordo com nossa hipótese, os verbos subordinados destas orações levam o modo indicativo.

Segundo Givón (1995), “*saber*” é um verbo que instaura alta certeza epistêmica. O falante se envolve com o conteúdo proposicional assumindo a veracidade ou a falsidade de uma informação. A escolha do modo, portanto, dá-se devido à noção de certeza sobre o conteúdo que se afirma, em que “*sé que la tierra es redonda*”, por exemplo, há conhecimento de causa sobre a veracidade da informação.

Identificamos abaixo o número de ocorrências encontradas para cada um dos modos.

<i>Modos</i>	<i>Dados</i>
Uso do Indicativo	748
Uso do Subjuntivo	00
Total	748

Quadro 5: Uso dos modos verbais: “Saber que”

Os resultados obtidos, como podemos observar no quadro acima, também trazem evidências em favor da hipótese proposta nesta dissertação da correlação entre assertividade e o modo indicativo. Os dados codificados com o modo indicativo são exclusivos com a utilização do verbo “*saber*” em sentenças afirmativas..

Apresentamos alguns dos exemplos encontrados nos jornais com o modo indicativo:

19. “Yo **sé que tengo** buen corazón, pero no me gusta pensar en que soy bueno, porque me da por ser mejor y se me quitan las ganas de hacer lo que tengo gana y me da por regalar mis cosas, etc”. (ACON017.ASC)*
20. “Yo **sé que** mi editorial **es** muy seria, "Plaza y Janés", desde luego... Es una editorial con la cual yo llevo veintidós años... trabajando... o sea, eh... editando siempre con ellos precisamente por su seriedad”. (AENT020A.ASC)*
21. “El nacimiento de la oveja Dolly, el primer mamífero surgido de la ‘germinación’ de una célula diferenciada, marcó un antes y un después: ahor **se sabe que se puede** clonar un animal adulto”. (URBR09J8.TXT)
22. “... todos **sabemos que** el cerebro humano **tiene** una parte exterior, que son las células grises, las famosas neuronas de la corteza que, de alguna manera, están relacionadas con la inteligencia y que nos distinguen de los animales; pero luego, por dentro, nuestro cerebro está hecho igual que el cerebro de los demás mamíferos y tiene una serie de glándulas que gobiernan estrictamente el comportamiento que podríamos decir animal”. (BENT028H.TXT)*
23. “La tragedia de Badajoz de hace unas semanas despertó por muchas zonas de la Península la ansiedad de comprar lotería por estas tierras, porque ya **se sabe que** después de una catástrofe natural, la diosa fortuna **suele** compensar las desgracias”. (ESC704A9.TXT)
24. “Hoy **sabemos que** también los pueblos **pueden** elegir a sus héroes y que, en vez de buscarlos en las sangrientas batallas, resulta más humano encontrarlos en el ejercicio de la paz”. (GUSV1998.TXT)
25. “Fujimori ha opinado sobre un tema que conoce y que él **sabe que tiene** diferentes matices, por lo que no puede haber comparación entre la guerrilla colombiana y la experiencia peruana”. (PEGE05B9.TXT)

Estes são exemplos de cláusulas que envolvem o engajamento do falante com relação aos fatos que aconteceram ou que estão por acontecer. O informante estabelece uma conexão com os fatos afirmados, assumindo a veracidade ou a falsidade destas informações.

O verbo epistêmico “*saber*” assinala um modo de conhecimento e sua fonte, seja ela de dedução, de percepção, crença, etc.

A pressuposição apresenta o evento expresso como garantido, como ocorrido em um tempo específico. O *realis* demonstra fortes evidências para assegurar a veracidade de um evento.

Trechos como (19) e (20) têm implicações quanto à confiabilidade do conhecimento. Nestes casos os falantes tomam uma posição avaliativa diante das informações proferidas, dando uma opinião subjetiva e pessoal a respeito das situações: “ter um coração bom” e “a editora é um local sério de trabalho”, respectivamente. São pareceres pessoais, ainda que esta última possa ser também de conhecimento de outras pessoas.

Diferentemente, nos trechos (21-23), as informações proferidas têm relação com acontecimentos reais, divulgados e conhecidos por outras pessoas, tais como: “o nascimento da ovelha Dolly”, “o cérebro humano”, “a tragédia de Badajoz”. Em outras palavras, são conhecimentos científicos ou políticos, de ampla divulgação.

Ao contrário dos matizes de conhecimento científico e de juízos de valor encontrados nos exemplos acima, temos nos trechos (24) e (25) tipos de informação social, que tratam de temas como “a escolha de heróis” e “a guerrilha colombiana”.

Conforme vimos no capítulo 4 os três autores analisados postulam a utilização do modo indicativo em casos de cláusulas afirmativas com o verbo de atividade mental “*saber*”. Neste caso, a escolha dos modos verbais se assemelha em ambos os contextos analisados, tendo em vista que o número de orações codificadas com o modo subjuntivo é muito baixa – dois casos coincidentes para “*pensar que*” e “*creer que*”.

Passamos agora a análise das orações negativas.

1.4 “No creer que”

Em contraste às afirmativas, a primeira oração acompanhada de partícula de negação a ser analisada é a construção com o verbo de atividade mental “*creer*”.

É relevante lembrar que temos como hipótese para estas orações o uso do modo subjuntivo correlacionado à presença da negação na cláusula principal. Ao negar o verbo da

oração principal, a oração subordinada apresenta informações duvidosas e incertas. Essa característica favorece o uso do subjuntivo.

Rivero (1979 *apud* Medrano 1999a:217) sustenta a hipótese de que existe um conjunto de verbos cuja matriz exige o subjuntivo se são construídas com negação ou interrogação, dentro das quais se inclui “*creer*”. Para a autora, a diferença na seleção modal responde ao fato de que a oração codificada com o indicativo tolera uma atitude positiva com respeito ao valor de verdade do complemento e com o subjuntivo se associa a uma atitude neutra.⁴²

Essa visão também é assumida por Terrell e Hooper (1974:489) com respeito às matrizes subordinantes negativas em que “as matrizes assertivas passam a ser matrizes de dúvida sob negação”⁴³, explicando o uso do subjuntivo na subordinada como não afirmação nem pressuposição.

De acordo com os autores, o fato de que a oração precedida por negação deve levar o subjuntivo é uma consequência natural do significado da oração como um todo incluindo a negativa. Nessa perspectiva, orações negativas podem ser compatíveis com dúvida, no caso do uso do subjuntivo ou com asserção, no caso do indicativo.

Conforme verificamos através dos estudos realizados com o modo subjuntivo apresentados no primeiro capítulo dessa dissertação, vários autores mencionam o traço da não-asserção para explicar o favorecimento do subjuntivo. Dentre eles citamos autores como Terrell e Hooper (1974), Lunn (1989, 1995), Mejías-Bikandi (1994) e Silva-Corvalán (1994). Para estes autores, o emprego de formas flexionais de modo de acordo a valores pragmáticos, propõem o traço assertivo para o modo indicativo e o não-assertivo para o subjuntivo em orações que ocorrem a variação. Convém lembrar que, nestes trabalhos, a partir de valores pragmáticos para a morfologia flexional de modo, os autores ressaltam a característica da assertividade/não-assertividade em estudos desenvolvidos com observações da língua espanhola falada.

Em nosso caso não prevemos a alternância modal nas orações substantivas precedidas por negação, apenas consideramos o traço assertivo como contexto de influência na seleção do modo verbal. Nessa perspectiva, as cláusulas afirmativas são codificadas pelo modo indicativo.

⁴² Desde o ponto de vista tradicional, os contextos com o elemento da negação exigem o subjuntivo. Na fala popular se ouve freqüentemente orações do tipo “No creo que hay personas como ésas”, o que indica que não é a negação gramatical do subordinante o fator decisivo na seleção modal, mas a pressuposição semântica, ou seja, o falante tem uma crença negativa com respeito ao evento e, segundo seu conhecimento objetivo, é verdadeiro (Cf. Medrano, 1999a:227)

⁴³ “...assertive matrices become dubative matrices become assertive under negation” (Terrell e Hooper, 1974:489)

Vejamos no quadro 6 o resultado das construções que utilizam a negativa citada anteriormente:

<i>Modos</i>	<i>Dados</i>
Uso do Indicativo	05
Uso do Subjuntivo	194
Total	199

Quadro 6: Uso dos modos verbais: “No creer que”

Conforme verificamos, os dados indicam predominância do uso do modo subjuntivo para a construção “*no creer que*”, sendo que a porcentagem de uso do indicativo com a oração negativa é extremamente baixa.

Transcrevemos algumas das orações encontradas que se constróem com o modo subjuntivo:

26. “Al final, yo **no creo que** el Senado **juzgue** al presidente, con Monica Lewinsky como testigo. El sexo y las mentiras sobre el sexo no constituyen base para el impeachment”. (UREP2318.TXT)
27. “Jamás trabaja durante un día entero y siempre está borracho, pero **no creo que sea** feliz. Le da vergüenza ir a buscar sus cartas y manda a una muchacha (no sé si es la antigua esposa o la nueva)”. (MXDC03B9.TXT)
28. “**No creo que exista** otra profesión en la tierra donde la solidaridad y la ternura están tan presentes como en los hombres que han escogido el noble apostolado de curar a los enfermos”. (VENT17L8.TXT)
29. “No, yo creo que, para empezar, **no creo que** los celos **sean** una cuestión que deba vincularse exclusivamente a los hombres”. (VENT012B.TXT)
30. “No conozco con detalle los nuevos precios pero según tengo entendido, pueden salir a poco más de mil pesetas por partido. Yo **no creo que** esa cantidad **sea** exagerada”. (ESST24B9.TXT)
31. “Aclaró que **no cree que** los jubilados **reciban** lo suficiente, pero aclaró a la población que deben saber que muchos de los que hoy quieren sacar ventaja electoral del drama de los jubilados, cuando estuvieron en el gobierno les pagaron menos que ahora, en obvia alusión al radicalismo. (VENT17L8.TXT)
32. “El vicepresidente Luis Flores Asturias **no cree que** los hechos de violencia **estén** relacionados con el proceso electoral que se avecina, e insistió en que se trata de sucesos aislados que pueden ser controlados por las fuerzas de seguridad”. (GUSV1998.TXT)

O uso da negação nas orações ressaltadas tende a pressupor um conhecimento prévio do leitor a respeito dos fatos mencionados pelo informante. Ao contrário das orações

afirmativas, vistas anteriormente, estes enunciados não acrescentam informações novas, não compartilhadas pelo leitor.

Nos exemplos com o verbo “*creer*”, os informantes usam a estrutura com negação para negar o conteúdo proposicional das orações proferidas, a saber: “o senado julga o presidente sem Monica Lewinsky como testemunha” em (26), o indivíduo de quem se fala “não é feliz” em (27), “a profissão de médico é a mais solidária” em (28), “ciúmes não pertencem só aos homens” em (29), “mil pesetas por partida não é preço exagerado” em (30), “os aposentados não recebem o suficiente” em (31) e “fatos de violência se relacionam com as eleições” em (32).

Essas informações podem ser situações de conhecimento de outras pessoas, mas o informante, através do modo subjuntivo, quebra a expectativa do ouvinte a respeito dos fatos mencionados, assumindo sua posição avaliativa a respeito das situações - há de salientar o tom comparativo entre as profissões em (28), entre o salário dos aposentados em (31), por exemplo.

Segundo Givón (1984 *apud* Pimpão, 1999:103), o uso da negação na comunicação tende a pressupor um conhecimento prévio entre falante-ouvinte. De acordo com o autor, “*os atos de fala declarativo-afirmativas são usados para informar o ouvinte de P contra a ignorância do ouvinte acerca do conhecimento de P. Os atos de fala declarativo-negativos são usados para negar P contra a inclinação do ouvinte a acreditar em P, acreditar na probabilidade de P, na familiaridade com P*⁴⁴”.

Citamos, também, os poucos dados com o modo indicativo:

33. “No, pero yo **no creo que hay** gente que no aguanta un año y medio... todo el puto día y muchas horas al día”. (ACON030A.ASC)*
34. “Estoy haciendo ahorita la tesis en PDVSA, en un sistema completo presupuestal que **no creo que vale** la pena explicar en qué consiste”. (VENA06J8.TXT)
35. “... porque yo creo que nunca hay un momento ideal para tener un muchacho...es una experiencia bien interesante, **no creo que son** el centro de atracción de ningún matrimonio, ni un matrimonio es fértil o no se tiene hijos, no me parece, porque también hay parejas que no pueden tener hijos e igual son felices...”. (ECUN13K8.TXT)
36. “La CFC tiene una amplia autoridad y algunos creen que podría prohibir la venta del microprocesador, a pesar que el que jefe de la

⁴⁴ “The AFF-declarative speech-act is used to inform the hearer of P against the background of the hearer’s ignorance of P. The NEG-declarative speech-act is used to deny P against the background of the hearer’s presumed inclination to believe in P, believe in the likelihood of P or be familiar with P” (Givón, 1984:324).

agencia Robert Pitofsky afirmó con anterioridad a la AP que ‘como van las cosas, **no creemos que tenemos** la autoridad de hacerlo’.(MXEU03C9.TXT)

37. “ En la víspera se dió distinto, tuve que saltar yo porque dijeron que los montevidianos creemos que sabemos todo y los montevidianos **no creemos que sabemos todo**. Yo sé que no se un pito de nada, que yo soy simplemente un tipo que piensa en el momento y dice lo que está pensando”.(UREP17J8.TXT)

O uso do modo indicativo e não do subjuntivo nas orações (33-37) trazem como conteúdos proposicionais: “ninguém agüenta um ano e meio” em (33), “a tese consiste em algo que não vale a pena explicar” em (34), “os filhos não são o centro de atração de nenhum casamento” em (35), “não cremos que temos autoridade para proibir a venda do microprocessador” em (36) e “os montivideanos não sabem de tudo” em (37).

Os trechos acima exemplificam contextos assertivos e não-assertivos para o caso do verbo “*creer*”, ou seja, com o subjuntivo, visto anteriormente, as informações são codificadas pela posição avaliativa do falante. Nos casos com o indicativo, notamos claramente o traço de asserção exposto nos exemplos acima.

Analisando novamente os manuais selecionados, verificamos que Borrego *et al.* (1986:86) e Porto Dapena (1991:119), postulam a utilização dos modos indicativo e subjuntivo para tais casos. Tal duplicidade se deve à diferença de valores nas construções dependendo do modo como que se utiliza. Caso utilize o modo indicativo, o falante delimita uma carga informativa e um certo compromisso com a verdade do que está pronunciando. Ao contrário, ao utilizar o modo subjuntivo, o falante não se compromete a respeito da verdade expressa na oração.

Segundo Álvarez (1987:31), o verbo “*creer*” em negativa se emprega normalmente com o modo subjuntivo. Para o autor, os verbos de atividade mental como “*creer*”, em orações dependentes precedidas por negação, o verbo da oração subordinada costuma aparecer no modo indicativo, sobretudo em cláusulas interrogativo-negativas, tais como: “*No cree usted que me callaré/calle, ¿verdad?*” Álvarez (1987:36). Não temos exemplos interrogativos em nosso *corpus*, mas reconhecemos tom exclamativo dado o teor exagerado de “não há profissão mais solidária que a medicina” em (30).

1.5 “No pensar que”

O próximo item verbal a ser analisado é “*pensar*” em cláusulas negativas. São poucos os exemplos.

Conforme vimos é comum na literatura o reconhecimento do subjuntivo com a não-asserção. Um dos casos em que ela ocorre refere-se ao contexto de algo que não é verdadeiro, casos como as orações em que o verbo “*pensar*” aparece em contexto negativo.

No estudo realizado por Terrell e Hooper (1974:486), com o verbo “*pensar*”, assim como “*creer*”, a asserção é atribuída ao sujeito da sentença matriz. Para os autores, a oração precedida por negação leva o subjuntivo por ser uma consequência natural do significado da oração como um todo, incluindo a negativa.

Seguimos apresentando no quadro 7 as ocorrências deste caso:

<i>Modos</i>	<i>Dados</i>
Uso do Indicativo	05
Uso do Subjuntivo	07
Total	12

Quadro 7: Uso dos modos verbais: “No pensar que”

Com o verbo “*pensar*”, em oração negativa, foram encontrados doze (12) casos. Destes, sete estão codificados com o modo subjuntivo e cinco com o indicativo. É possível verificar que não há maior utilização do modo subjuntivo, como prevíamos em nossa hipótese. Apesar dessa vantagem numérica, percebe-se que há quase equiparação entre os dados com subjuntivo e indicativo.

Esse resultado, de certa maneira, rompe com nossa expectativa acerca da utilização do modo subjuntivo em todas as orações que levam a negação. Nossos dados apontam para o uso alternado de subjuntivo e indicativo indistintamente nestas sentenças, em que os modos estão em variação.

Ilustra-se à continuação, as construções com o modo subjuntivo primeiramente e logo após com o modo indicativo, para que apresentemos as análises com discussão dos resultados examinando a hipótese proposta.

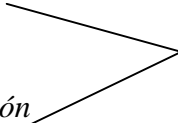
Considere os trechos abaixo:

38. “**No pienso que** el verso libre **sea** bueno o malo; simplemente, creo que ha perdido algo esencial que mostró la poesía europea de

- siempre: la medida de las sílabas y el caer de los acentos”. (PEECK8.TXT)
39. “Pensamos que el presidente (Bill Clinton) merece un procedimiento justo, imparcial, limitado y rápido”, declaró el portavoz presidencial Joe Lockhart. “**No pensamos que** aquí **haya** algo que justifique un procedimiento de destitución” del jefe de Estado, afirmó”.(VENA06J8.TXT)
 40. “La posición del sector productivo respecto al proyecto estatal se centra básicamente en pedir la reducción de las tasas de interés, se alarguen los plazos del refinanciamiento de los pasivos y se aumente la inyección de los recursos al sistema. Las tasas para solventar el problema de pasivos de las empresas nos parecen muy altas y los plazos cortos. **No pensamos que** esto **dé** liquidez a la banca, sostuvo Joyce de Ginatta. Sugirió que en lugar de siete años se amplíe el plazo de reestructuración de pasivos a diez años”.(EKUN12K8.TXT)*
 41. “**No pensamos que** la coalición en sí, como instrumento de gobierno formado por la disposición de las colectividades tradicionales para trabajar en concierto en la búsqueda de las mejores soluciones del interés público, **pueda** constituir un segmento temático que encienda el debate”. (UREP16J8.TXT)
 42. “Pero el presidente de la comisión peruana encargada de negociar con su similar ecuatoriana este documento, Drago Kisic, explicó que no existe ningún temor de que Ecuador llegue al río Marañón. Esto es parte del plan y no lo hemos escondido, porque **no pensamos que** los ecuatorianos **vayan** a venir en tanques sino en camiones para complementar los esfuerzos para el desarrollo”. (PECM23K8.TXT)
 43. “La otra característica que ordinariamente se atribuye al derecho de propiedad, o sea la exclusividad al menos tendencial en el goce del propietario, no debe considerarse esencial y absoluta por cuanto existen propiedades, como la propiedad de la hacienda donde los trabajadores tienen el derecho de participar en la gestión, en el goce de la misma. **No pensamos que resulte** un signo visceral del derecho de propiedad su pertenencia singular”. (DPCAP8)*
 44. “Por eso consideramos equivocado el discurso que pronunció el Presidente de la República. **No pensamos que sea** legítima la imputación que se le hace de violar, con esa intervención, la prohibición estatutaria de participar en la propaganda política de carácter electoral. Su exposición traduce una lógica inquietud por procedimientos que afectan el interés y hasta el prestigio del país frente a otras naciones”. (UREP16J8.TXT)

Os resultados evidenciados no quadro não indicam o favorecimento de um modo ou outro. Com o número de ocorrências vistas podemos salientar que nestes casos com o verbo “*pensar*” há a alternância dos modos.

Nos casos em que é possível a variação modal se justificam com princípios semânticos e pragmáticos, que resumidos nos termos de Klein (1990 *apud* Medrano, 1999a:225) seriam:

- a) *Indicativo = afirmación*  *del hecho expresado por el verbo.*
- b) *Subjuntivo = no afirmación*

Assim como o verbo “*creer*”, nos dados do item “*pensar*” com a forma subjuntiva a oração principal determina que o falante não está afirmando um fato. Isso relaciona-se com o “significado anti-cognitivo” do subjuntivo determinando que você não pensa algo que acontecerá implica que você não sabe se acontecerá ou não (cf. Travis, 2004:61). De acordo com Terrell e Hooper (1974) as orações com verbos de atividade mental quando precedidas por negação e codificadas com o modo subjuntivo expressam dúvida, ou opinião.

Em (38) a informação sobre “o verso livre ser bom ou mal” não é confirmada pelo falante. A opinião avaliativa a respeito do assunto é codificada com o modo subjuntivo em que o falante não ressalta nenhum dos lados.

Nos demais casos (39-44), a negação de “*pensar*” codificada com o modo subjuntivo ressalta eventos que não são tomados como factivos pelos falantes. A opinião do falante é que: “não há algo que justifique a destituição do presidente Clinton” em (39), “as taxas altas e os prazos curtos não dão liquidez ao banco” em (40), “a aliança não pode constituir um segmento temático dos debates políticos” em (41), “os equatorianos não virão em tanques, mas em caminhões” em (42), “o gerenciamento de uma única pessoa não resulta o direito à propriedade” em (43) e “não é legítima a imputação” no exemplo (44). Essas informações são pressupostas pelos informantes com posição avaliativa, e o conteúdo proposicional da subordinada é negativo.

A variação entre indicativo e subjuntivo, portanto, está de acordo com o significado que o falante deseja codificar. Para a análise desta afirmação, é necessário examinar os dados codificados com o modo indicativo, nos cinco exemplos que seguem abaixo:

45. “Estoy absolutamente en contra con la decisión del Tribunal Supremo ya que el video de ETA lo dejaron de emitir posteriormente de que se lo prohibieran, solo por esto **no pienso que no hay** delito si no que no cometieron ninguna falta en contra de la ‘ley española’, por supuesto me parece una falta muy grave que se puede todavía solucionar, con todo esto rechazo todo lo dicho y la sentencia del ‘tribunal supremo’. (ESMU12A9.TXT)

46. “Era un hombre lleno de energía, de sensualidad y atractivo... Después se produjo un contacto intenso de las miradas’, dijo Mónica en la grabación efectuada en Nueva York el 20 de febrero pasado. ‘Es un hombre muy sensual, que lucha con su propia sensualidad, porque **no piensa que está** bien, y trata de controlarla, pero no puede’, agregó’. (MXDYA4C9.TXT)
47. “Los Padres anotaron cuatro carreras contra Houston en la octava y ganaron 6-1. Si uno permite tres carreras limpias en 17 entradas, **no piensa que va** a perder muchos juegos. Johnson no gana un juego de postemporada desde 1995, cuando superó dos veces a los Yanquis lanzando con los Marineros. Seguidamente perdió el único juego que abrió contra los Indios en la final de la Liga Americana”. (VENA06J8.TXT)
48. “Incluir en el escenario ciudadano no solamente a la figura compulsiva de Santos Bandera, sino a un circo es un intento por animalizar su universo. El circo Harris se levanta bajo un cielo verde, y la función la protagonizan los políticos de la ciudad, son los payasos que al revés provocan risa, los animales que **no piensan que divierten** al público. El discurso que pronuncia allí el licenciado Sánchez Ocaña está lleno de sentido, mientras que el de Banderas y sus seguidores parece una voz hueca, incoherente y torpe”. (MXSTD8.TXT)
49. “H1 -Al día siguiente Sidney le devolvió el cuento, del que había hecho hacer una fotocopia.
H2 -¿Y? ¿Qué le pareció?
H1 -Excelente.
H2 -¿Ahora está más tranquilo? ¿Ya **no piensa que va** a colaborar con un chapucero?
H1 - Nunca lo pensé.
H2 - Me alegro. Por ser mi primer intento literario no está del todo mal ¿no cree?”(MDCAP2)*

Verificamos através dos exemplos transcritos que o comportamento das orações em que aparece o verbo “*pensar*” em orações negativas é diferente do caso analisado com o item verbal “*creer*”. Encontramos um número relevante de ocorrências com o modo indicativo nestes casos, tendo em vista a quantidade total de casos analisados.

Assim como o verbo “*creer*”, nos dados do item “*pensar*” com a forma indicativa também ocorre a presença do traço da assertividade, ou seja, o falante afirma o conteúdo proposicional expresso na oração como um fato. Ao escolher esse modo, o falante deseja codificar o conteúdo proposicional tomado como verdadeiro, enquanto com o uso do modo subjuntivo essa informação seria expressa como opinião ou dúvida para o falante.

Segundo King (1992 apud Travis, 2004:61) itens como “*no pensar*” trazem “opiniões assertivas” e o uso do indicativo implica que “*o falante não consegue acreditar no que ele de fato sabe que é verdade*”⁴⁵.

Verificamos nos exemplos acima, que o falante expressa opiniões contra a opinião dos ouvintes.

Em (45), o informante se posiciona a respeito do fato através do escopo da negação, em “Não pensar que não há delito”, se percebe que, em sua opinião, há um tipo de delito, refutando a provável opinião de seu interlocutor. Ressaltamos que também poderia ser o caso de que os ouvintes não acreditem na informação apresentada, mas o falante acredita e afirma sua posição em contraposição às expectativas.

No trecho em (46) a informação de que “o presidente pensa que está mal”, ou seja, “não pensa que está bem em sua sexualidade”. Através de evidências e de fatos reconhecidos e captados pela informante, a mesma se compromete com a opinião proferida de que o presidente tem dificuldades em controlar seus impulsos sexuais.

Assim como os demais exemplos, em (47) temos a informação a respeito de uma partida de beisebol entre os times “Los Padres e Los Marineros” em que o informante garante que “não pensa que vai perder muitos jogos” com a tática utilizada. Assume certo compromisso com a verdade do que está pronunciando - o ato de ganhar os jogos - e, portanto, utiliza-se do modo indicativo para codificar essa posição de quem confia na tática empregada.

O informante em (48) fala sobre o cenário do cotidiano da cidade do livro *Tirano Banderas*, no qual é incluído “um circo e figuras da política”. O emissor afirma através do uso do indicativo que “os políticos não pensam que divertem o público”.

Estes contextos são informações retomadas pelo informante contrariando o que provavelmente pensa seu interlocutor. O traço assertivo está presente nesses exemplos codificados pelo modo indicativo. Esse aspecto fica claro no último dos exemplos encontrados com este item verbal que traz a transcrição de uma conversa entre dois interlocutores. O primeiro informante (H1) “entrega um conto para o informante (H2)”. O falante (H2) pergunta “se o outro pensa que vai colaborar com um caloteiro”. Ao utilizar o modo indicativo, contrapõe a opinião que imagina ser a de seu interlocutor, e confirma a negativa em colaborar com o outro.

⁴⁵ “...that the speaker can’t believe what he in fact knows to be true” (cf. King, 1992 apud Travis, 2004:61)

Contrapondo estes resultados com as regras dos manuais, verificamos que Borrego *et al.* (1986:86) e Porto Dapena (1991:119) postulam também a utilização de ambos os modos com “*no pensar que*”.

Segundo Álvarez (1987:31) o verbo “*pensar*” também se emprega normalmente com o modo subjuntivo, quando está em forma negativa.

1.6 “No saber que”

O verbo “*saber*” é o último analisado nas orações substantivas em contextos de negação.

Já verificamos diferenças de uso dos modos verbais, principalmente nas orações com o verbo “*pensar*”. Passamos agora a verificação dos dados com este item verbal. Vejamos as ocorrências apresentadas no quadro 8:

<i>Modos</i>	<i>Dados</i>
Uso do Indicativo	31
Uso do Subjuntivo	04
Total	35

Quadro 8: Uso dos modos verbais: “No saber que”

Das trinta e cinco orações encontradas, verifica-se o uso do modo subjuntivo em apenas quatro delas. Essa confirmação refuta a nossa idéia de que a negação seria condição para o uso do subjuntivo em todas as cláusulas analisadas.

Tanto na afirmação quanto na negação o indicativo se usa para enunciar fatos muito conhecidos pelos falantes. Examinamos primeiramente os dados mais frequentes – casos com o indicativo. Temos como exemplos:

50. “Corrientemente vivimos nuestros argumentos racionales sin hacer referencia a las emociones en que se fundan, porque **no sabemos que** ellos y todas nuestras acciones **tienen** un fundamento emocional, y creemos que tal condición sería una limitación a nuestro ser racional”. (MXDQ12B9.TXT)
51. “La niña Margarita está enamorada. Mejor. La niña Margarita va a gozar por fin su pedazo de tontería. **No sabemos que somos** tontos hasta que nos enamoramos”. (ESEP1998.TXT)
52. “De acuerdo a los números que manejan las ex docentes, cerca del 60% de los jubilados están en la misma situación. Y estiman que

- ese porcentaje debe ser mayor, ya que todos los lunes se acercan nuevas personas para reclamar. ‘Somos varios los que pedimos que se haga justicia, pero hay muchos más que aún **no saben que** el Gobierno **tiene** dinero que nos pertenece’”.(ARDA03B9.TXT)
53. “La gente de acá me trató bien, cuando cumpla dos meses mi hija la voy a poner en una guardería, y luego vuelvo a trabajar, ojalá que no tenga problemas con todo lo que están diciendo de los peruanos”. Dijo que sus padres en Lima todavía **no saben que es** madre, “les voy a enviar fotos para que la conozcan”. (PERE08B9.TXT)
54. “Estoy muy seguro que ustedes, al hallarse lejos de su patria, sienten algo de tristeza y añoranza de ella. Pero **no saben que** orgullosos **nos sentimos** de la labor que realizan allá tan lejos, llevando el nombre del Perú muy en alto”. (PESIK8.TXT)
55. “Así ahorraré lo suficiente como para poder fumar un poco todos los días, pero sin decírselo al médico, claro está, que a diario insiste en lo lamentable que resulta la nicotina para mi úlcera, y **no sabe que** más daño le **hace** a mi estómago el no tener malanga o leche de vaca”. (MXCHD8.TXT)
56. “Tampoco ha conversado con nosotros para explicarle los problemas de los agricultores y, por tanto, **no sabe que** nosotros apenas **pagamos** el 10 por ciento de la tarifa de agua y esta suma no alcanza para asumir la magnitud de las obras”. (PERE08B9.TXT)

Nas orações acima, a atitude proposicional dos informantes é relatar situações tidas como verdadeiras, com forte inclinação para acreditar que o fato se realizou, se realiza no tempo presente ou pode vir a se realizar no futuro.

Em (50), o emissor quer enfatizar a crença equivocada de explicar nossas ações pelo racional. Para ele, ao contrário do que se prega, o fundamento de nossas atitudes é emocional, muito mais do que racional.

No trecho (51) se afirma que “só sabemos que somos tontos quando nos enamoramos”. Em (52), o falante informa que “o governo tem dinheiro que pertence aos aposentados” e assegura que muitos ainda não sabem desse fato.

No trecho seguinte (53), os avós não conhecem a neta, e tampouco sabem que sua filha é mãe, por isso a informante diz que eles “não sabem que ela é mãe”.

Em (54), a negativa significa que é impossível para o ouvinte supor o orgulho que os peruanos sentem, porque tal orgulho é exagerado. Em (55), o exagero da dependência do cigarro se conclui por “o médico não sabe que mais dano me faz ao estômago não ter cigarro do que todos os conselhos que deva seguir”. Assim o falante se excusa de continuar fumando.

E em (56) se compara o quanto há que pagar para o custeio da obra e o pouco que se paga de tarifa de água – “só pagamos 10%”, é o que se diz no enunciado. Com isso se vê que, mesmo negadas, as informações continuam sendo asserções.

Comparem estes exemplos com os poucos dados em subjuntivo:

57. “Puede ejercer por sí y ante sí la soberanía interior y exterior. Puede declarar guerras. Puede sofocar revoluciones. Puede disponer de todas las fuerzas militares de la Confederación. En la esfera de lo posible **no sé que** otra cosa le **sea** dado poder hacer a una autoridad humana, a la cual se le pone en una mano la plata y en la otra las bayonetas, y a cuyos pies se ponen el territorio, los hombres y las leyes”. (ACON019A.ASC)*
58. “Yo **no sé que haya** un empleo mejor de nuestras potencias que decir el terrón natal: cuando escribimos en la América con pretensiones de universalidad, suele parecerme un vagabundaje sentido, un desperdicio de la fuerza y un engaño infantil de nuestras vanidades criollas”. (GUPL25C9.TXT)
59. <H2> “¡Vaya, hombre! Pues un fin de semana majó. Oye, ¿Y... y a Marruecos estas Navidades?
<H1> ¿A Marruecos?
<H2> Sí.
<H1> Pues... **no sé que te diga**, macho. Yo creo que estas navidades casi no voy a tener vacaciones”. (ACON019B.ASC)*
60. <H2> No, pero es que el test es tan completo, que como <inteligível>...
<H1> Pero **no se sabe** que en "El Sol" **haya habido** bajas por infarto, ¿no?
<H3> No; infarto en tesorería; creo que <inteligível>
<H2> Hay unas bajas casa vez que cae uno y sube otro...” (ACON034A.ASC)*

O significado nestas orações codificadas com o modo subjuntivo é compatível com o contexto em que o falante expressa que não tem conhecimento de algo. Segundo Mejías-Bikandi (1994:899), com o subjuntivo, implica que o falante está convencido do fato.

No primeiro exemplo (57), o informante “não sabe outra coisa lhe seja dado poder fazer à autoridade humana” além das mencionadas, tais como “declarar guerras, sufocar revoluções e dispor de forças militares”, isto é, aí estão todas as possíveis coisas dadas a fazer à esfera militar.

Em (58) o falante expressa sua opinião a respeito do ato de escrever. O falante tem dúvida de “se há um emprego melhor que escrever sobre sua terra natal”.

Nos exemplos seguintes (59-60), temos a transcrição de duas conversações. Na

primeira delas, em (59), no momento da conversa, um dos informantes não sabe o que dizer sobre o fato de “passar o natal em Marrocos nas suas férias”. O uso do modo subjuntivo evidencia o uso do elemento da negação que já é uma pressuposição dos fatos, na expressão muito corrente em espanhol: “*no sé que te diga*”.

O outro exemplo (60), um dos informantes traz a informação de que “houve baixas em El Sol (um time de futebol)”. O não conhecimento deste fato favorece o uso do modo subjuntivo devido à incerteza das causas deste fato.

Direcionando a análise aos manuais, observamos que os autores como Borrego *et al.* (1986:86) e Porto Dapena (1991:124), prescrevem as mesmas características para o uso deste item verbal em oração negativa, estabelecendo regras idênticas aos demais itens: “*no creer que*”, “*no pensar que*”. Conforme vimos anteriormente ambos os autores admitem a alternância dos modos com delimitação de funções, em que o indicativo aporta ao ouvinte uma carga informativa, um certo compromisso com a verdade do conteúdo proposicional, o que não ocorre com o subjuntivo, em que o falante é indiferente a essa verdade, e dessa forma o comprometimento é anulado. Esse intercâmbio de modos, portanto, produz mudanças de sentido.

Contrariamente a essas diferenças semânticas, Álvarez (1987:37) propõe em sua análise que o verbo “*saber*” em negativa pede o indicativo quando está no tempo presente. No entanto, se estes verbos estão em outros tempos que não seja o presente, a oração subordinada se constrói com indicativo ou subjuntivo indistintamente, como: “*no sabe que orgullosos nos sentimos*”.

Como vimos, estes três itens são apresentados pelos três autores como um conjunto pertencente a uma única e mesma regra.

Retomando nossos resultados, verificamos grande quantidade de usos do modo subjuntivo para “*no creer que*”, equiparados a “*no pensar que*”, e a refutação de nossa hipótese de uso quase exclusivo de indicativo para “*no saber que*”. Em outras palavras, a hipótese de que o subjuntivo está correlacionado às orações precedidas pelo elemento da negação não é confirmada em todos os casos analisados nesta pesquisa porque o comportamento modal de complementos dos verbos “*creer*” e “*pensar*” em subjuntivo é diferente do emprego do indicativo com “*saber*”.

Também podemos confirmar o fato de que o elemento da negação favorece a utilização do modo subjuntivo nos casos analisados até o momento, no entanto, não é o fator determinante. Além disso, a alternância pode representar dois contextos: de asserção, quando o falante assume uma atitude de comprometimento com os fatos proferidos e de não-asserção,

quando o falante não se compromete com o valor de verdade do conteúdo proposicional.

Sob esse aspecto, o subjuntivo perde em subordinação sintática e ganha em subordinação semântico-pragmática, levando em consideração que as informações negadas nestas orações pressupõem um conhecimento prévio dos ouvintes.

1.7 “Es cierto que”

A próxima oração refere-se à subordinada substantiva que completa uma oração composta por um verbo copulativo, seguida de um adjetivo de significado positivo quanto à certeza ou veracidade do que lhe acompanha.

De acordo com Terrell e Hooper (1974:486), quando a matriz impessoal do tipo “*es cierto que*” é utilizada, a asserção no complemento é atribuída ao falante, diferenciando-se das orações “*creer que*” e “*pensar que*” em que a asserção é atribuída pelo sujeito da oração matriz.

No quadro 9 temos o número de ocorrências e as porcentagens de uso dos modos em dados jornalísticos, relativos à expressão “*es cierto que*”.

<i>Modos</i>	<i>Dados</i>
Uso do Indicativo	200
Uso do Subjuntivo	01
Total	201

Quadro 9: Uso dos modos verbais: “*Es cierto que*”

O número de ocorrências do modo indicativo na oração constituída pela construção “*es cierto que*” indica preferência pelo indicativo, em confirmação à hipótese proposta da correlação entre o traço da assertividade presente nestes contextos e o uso do modo indicativo. Como podemos ver no quadro, encontramos uma única oração com subjuntivo.

O número de ocorrências do modo indicativo vem ao encontro das normas prescritas nos manuais, conforme se lê nos exemplos abaixo:

61. “...con la urgencia que este caso requiere, revisen e impulsen un incremento en las miserables pensiones que reciben los viejitos, lo cual está demás decirles que no les alcanza para comer ni siquiera durante una semana. “**Bien es cierto que ellos cuentan** con

- atención médica y algunos otros servicios, pero si no comen por lo menos una vez al día, de nada servirá todo lo demás que se les ofrezca”. (VEEU05A9.TXT)
62. “Para algunos analistas brasileños, lo que está en tela de juicio ante la crisis es la reforma constitucional de 1988, que quitó poderes al gobierno central en desmedro de los estados. Ahora, **es cierto que** este esquema constitucional **es** incómodo, pero es el que está. Además, a lo mejor ese esquema constitucional pertenece a ese Brasil viejo”. (ARLRB9.TXT)
 63. “... **es cierto que estamos** en presencia de una revolución igualmente inquietante y capaz de cambiar no sólo el pensamiento sino el modo de pensar de ahora en adelante”. (MXCGF8.TXT)
 64. “**Es cierto que** Clinton **cuenta** con algunos aliados más fieles en el comité, especialmente el novato Robert Wexler, pero el presidente no dispone, entre ese equipo, con alguien de peso que haga de abogado de su causa”. (UREP12J8.TXT)
 65. “**Es cierto que** el país **cruza** por momentos difíciles y que es justamente por esa razón que se ha visto en el turismo uno de los medios para ayudar a su recuperación”. (VEEU05A9.TXT)
 66. “**Es cierto que**, desde 1992, se **había dado** libertad para festejar el aniversario del nacimiento de Jesucristo y que en los cinco años transcurridos aumentó el número de católicos que lo hacían ostensiblemente”. (URBR09J8.TXT)
 67. “**Es cierto que** el rock **ha sido** influido por el monopolio de los grandes países productores de cultura, que controlaron durante largo tiempo los medios de comunicación. Pero eso no lo descalifica como expresión nacional”. (VEEU05A9.TXT)

As informações apresentadas acima são seqüências que descrevem fatos que ocorrem no tempo presente, nos dados (61-65) ou ocorreram no passado, nos dados (66-67). Através da leitura destes exemplos verificamos que a menção de fatos como: “os velhinhos contam com atenção médica e alguns outros serviços” em (61), “a reforma constitucional de 1988 é um incômodo” em (62), “a presença inquietante de uma revolução” em (63), “Clinton conta com aliados” em (64), “o país da Venezuela passa por momentos difíceis” em (65) e “foi dado liberdade para festejar o nascimento de Jesus Cristo desde 1992” em (66) e “o rock foi influenciado pelo monopólio dos grandes países produtores de cultura” em (67), são transmitidos através do uso do modo indicativo.

Nestes casos os falantes tratam de contextos factivos, nos quais podemos verificar a correlação entre modalidade *realis* e o modo indicativo.

Esses resultados vêm ao encontro de nossa hipótese, tendo em vista que postulamos o favorecimento desse modo na codificação de orações assertivas como as demonstradas anteriormente.

Em continuação demonstramos a única exceção de caso do subjuntivo encontrado:

68. “**Es cierto que se haya dicho**, y no sin razón, que un maravilloso cielo estrellado preside burlonamente a estas aflicciones de la tierra; pero el terremoto del año 1906 ocurrió en una noche de cielo cubierto y de pequeñas lloviznas”. (CHCH02A9.TXT)

O dado com subjuntivo se explica pela contradição da opinião do informante à crença geral. O informante fala a respeito de que “um céu estrelado preside aflições” como uma opinião geral que é refutada à continuação porque o terremoto aconteceu em noite de céu encoberto. Apesar de uma crença geral, o informante enuncia algo que a contradiz.

As expressões “*es cierto que se diga*” ou “*es cierto que se haya dicho*” é como um clichê, em que o falante se apóia numa opinião conferida a outra pessoa para reforçar seu argumento.

O número de ocorrências do modo indicativo na oração constituída pela construção “*es cierto que*” indica a preferência pelo indicativo, em confirmação das normas prescritas nos manuais aqui analisados, ou seja, os três autores verificados concordam com a utilização do uso do modo indicativo nestes casos.

1.8 “**Es posible que**”

Em contraste com a oração anterior, verificamos que a expressão “*es posible que*” é utilizada em cláusulas que expressam incerteza.

Observe no quadro abaixo os dados encontrados no *corpus* para esta construção:

<i>Modos</i>	<i>Dados</i>
Uso do Indicativo	03
Uso do Subjuntivo	154
Total	157

Quadro 10: Uso dos modos verbais: “*Es posible que*”

Nota-se nítida preferência pelo uso do modo subjuntivo. Esse fato indica a correlação entre eventos não-factivos e o subjuntivo na codificação de fatos sob a modalidade *irrealis* confirmando a hipótese da correlação entre a pressuposição presente na classe dos contextos de comentários e o uso do modo subjuntivo.

Apresentamos a seguir exemplos da utilização deste modo:

69. “La doctora Bárbara de Angelis, directora del Centro de Promoción Personal de Los Angeles, apunta que **es posible que** las mujeres **tarden** más en enamorarse por ser más conscientes de sus sentimientos”.(ASPG05C9.TXT)
70. “**Es posible que** la situación ya no **requiera** carros de combate y cañones porque la guerra afortunadamente, ha terminado, pero sí puede requerir otro tipo de presencia adaptada a las nuevas circunstancias”. (ESEP15J8.TXT)
71. “¿Y si la crisis se prolonga? -**Es posible que** en el último trimestre **haya** más empleados suspendidos”. (ARCL16J8.TXT)
72. “Uno de los operadores de las Mesas de Dinero advirtió que, en caso de que llegue del exterior un reintegro de US\$100 millones o más, **es posible que** el dólar **registre** una caída sin precedentes, causando pérdidas a quienes han especulado en los últimos meses con el mercado”. (ESDP06B9.TXT)
73. “La Policía todavía no tiene pistas certeras sobre la identidad del sicópata. Los agentes que investigan el caso manifestaron que **es posible que** el autor **sea** Pedro Alonso López, más conocido como El monstruo de los Andes, pues moradores del lugar manifestaron que ha sido visto un sujeto con las mismas características”. (ECUN15J8.TXT)
74. “Carlos de Inglaterra ha asegurado siempre que su relación con ella “no es negociable”. Una vez roto el hielo, **es posible que** Camilla **conozca** también personalmente al príncipe Enrique, el hermano menor”. (ESEP10G8.TXT)
75. “Sin embargo, el señor presidente percibe algo extraño en el ambiente. Aunque fue contundente al sentenciar que frente a la guerrilla ‘no renunciaremos a parte de nuestro territorio, ni seremos asilo para narcotraficantes’, se vio en la obligación de advertir que con los Estados Unidos ‘no siempre estaremos de acuerdo y **es posible que tengamos** diferencias’”. (COTI29J8.TXT)

Conforme prevíamos nas orações completivas de “*es posible que*”, o falante determina sua posição duvidosa a respeito dos estados/eventos já que os mesmos não ocorreram e não estão salientes na memória, impossibilitando o comprometimento com a veracidade destes fatos. Portanto, o modo subjuntivo se faz presente na maioria dos dados.

Nos exemplos (69-75), as seguintes informações: “as mulheres demoram para namorar por serem mais conscientes de seus sentimentos”, “a situação não requer mais carros de combate e canhões”, “a suspensão de empregados no último trimestre”, “uma caída do dólar”, “Pedro Alonso López é o autor de um crime”, “Camilla conhece pessoalmente o príncipe Henrique” e “há diferenças entre Colômbia e Estados Unidos” não são confirmadas, já que

seus informantes não têm total certeza a respeito da realização das mesmas pelo fato de estarem ainda por se realizar. Em (72), por exemplo, há expectativa de que o dólar sofra uma queda nos últimos meses; assim como em (71) se pensa que no último trimestre haverá outros empregados despedidos.

Outro exemplo contundente de que estas orações trazem perspectivas em futuro está no dado em (75), em que se diz que “não renunciaremos território ao narcotráfico”. Tal posição leva a crer que também poderá não haver acordo com os Estados Unidos, em que aparece a construção em questão.

Sob a modalidade *irrealis*, essas orações impessoais evidenciam o caráter da pressuposição, opondo-se às anteriores “*es cierto que*”, que evidenciam o caráter da asserção. Essa hipótese é comprovada pelos dados, já que encontramos apenas três amostras com o uso do modo indicativo, nos exemplos abaixo:

76. “El atentado perpetrado por dos extremistas ocurrió en la oficina de corretaje. La testigo Maria Cristina de Los Angeles y Elias Contreras Muñoz, este último en calidad de sospechoso, participaron en la diligencia de reconocimiento. Elias Contreras quedó en libertad, pues se comprobó que no tenía ninguna relación con el caso. En fuentes judiciales se dijo que **es posible que** muy pronto el ministro en visita **procederá** a cerrar el sumario del proceso”.(UREP16J8.TXT)
77. “Reconoció que históricamente los extranjeros que tratan de obtener la radicación a veces no tienen toda la documentación, ya que les falta un papel o un dato y agregó que Coca-Cola y todas las multinacionales tienen funcionarios con radicaciones temporarias. **Es posible que** alguien **ha intercedido** por la radicación de Al Kassar”. (UREP11I8.TXT)
78. “Bueno, después de todo, **es posible que** quien autorizó este negocio para la Fiat **pensó**: ‘Si los cubanos no tienen pan, ¿para qué quieren Fiats?’”(VELH03K8.TXT)

Em (76), nos informa que “em fontes judiciais é dito que é possível que o ministro encerrará o processo”. Esse fato será possível de ocorrer no tempo futuro, codificado pelo modo indicativo salienta um comprometimento do informante com um prognóstico esperado.

No trecho (77), temos a informação de que “estrangeiros que tentam conseguir residência não têm toda a documentação”. Ao referir-se à residência de “Al Kassar” (um funcionário da empresa Coca-Cola), a utilização do modo indicativo parece reforçar a afirmação apesar de proibida de que “alguém intercedeu” por este funcionário.

Em (78), quem “autorizou o negócio da Fiat em um país em miséria pensou na inutilidade de carros para quem não tem pão”. Tal suposição é feita baseada no fato de que “os cubanos não têm pão”, este é o conteúdo que se afirma. Isso posto, se pergunta: “para que querem carro?”. Em indicativo, se trata da necessidade premente de comida em Cuba, e o emprego deste modo reforça o caráter *realis* do evento, que confirma a informação de que os cubanos passam fome.

É interessante frisar que, nos poucos dados encontrados com indicativo, um traz o verbo em futuro. O exemplo (76) confirma a hipótese geral que a construção “*es posible que*” introduz previsões de situações que estão para ocorrer em tempo vindouro. Por isso a utilização do futuro do indicativo nesse caso.

O baixo índice de emprego do indicativo, no entanto, comprova que os resultados desta expressão impessoal seguem a tendência geral, ou seja, a correlação do modo indicativo com traços assertivos e do subjuntivo com traços da pressuposição, sob o escopo da modalidade *irrealis*.

Devemos ainda destacar as regras prescritas pelos manuais. De acordo com os autores, a expressão “*es posible que*” pede o modo subjuntivo por tratar-se de uma expressão de apreciação ou juízo de valor, em que o informante não tem compromisso com o valor de verdade, apenas trata de uma possibilidade.

1.9 “Es necesario que”

Esta expressão indica sentimento ou juízo de valor e é utilizada pelo falante para expressar seu ponto de vista, sua atitude diante dos fatos que enuncia. A expressão formada pelo verbo “*ser*” seguido do adjetivo “*necesario*”, apresenta o modo subjuntivo, na oração que exerce a função de sujeito da oração principal.

O quadro 11 registra as ocorrências dos modos para construções com “*es necesario que*”.

<i>Modos</i>	<i>Dados</i>
Uso do Indicativo	00
Uso do Subjuntivo	91
Total	91

Quadro 11: Uso dos modos verbais: “Es necesario que”

Pelo quadro, verificamos que o modo subjuntivo com a expressão “*Es necesario que*” é amplamente usado por falantes nativos, quando se trata de linguagem jornalística dos anos 1998 a 1999.

Conforme hipótese para esse item, prevíamos a incidência do modo subjuntivo por tratar-se de uma expressão que carrega sentido de obrigação/necessidade, influenciada pela modalidade deôntica e *irrealis*.

As orações são desprovidas do determinante de primeira pessoa, ou seja, o falante não estabelece um compromisso com o conteúdo proposto ao utilizar a terceira pessoa.

De acordo com Terrel e Hooper (1974), este tipo de comentário pode ser chamado de subjetivo em que o sujeito da matriz é afetado psicologicamente pelo evento da proposição que lhe segue.

Recolhemos, a seguir, alguns exemplos de emprego jornalístico de “*es necesario que*”, com o sentido de exame da hipótese apresentada:

79. “Los planteamientos presentados por pediatras, sicólogos y educadores buscaron dejar en claro que **es necesario que** los adultos **trabajen** para que se pase de una cultura del maltrato a una del buen trato, gracias a la que los niños puedan desarrollarse de forma armónica e integral”.(COMU28J8.TXT)
80. **Es necesario que** el ciudadano **sienta** que su derecho a elegir será respetado y que el voto que deposite en la urna será sumado al candidato de su preferencia”. (VENA08J8.TXT)
81. “El Subdirector General de Salud, doctor Mario Medina dijo que ‘**es necesario que** se **tomen** medidas drásticas con los cultivos contaminados con cólera’”. (ASEF15E9.TXT)
82. “**Es necesario que** el sector empresarial venezolano **asuma** un gran reto en víspera del siglo 20 para convertir definitivamente a Venezuela en el país de mayor éxito económico, social y político de latinoamérica”. (VELH03K8.TXT)
83. “**Es necesario que** el futuro apicultor **adquiera** conocimientos elementales ya sea haciendo cursos o trabajando por un tiempo junto con un apicultor experimentado”.(ECUN26K8.TXT)
84. “Durante la lactancia, los cachorros reciben una gran cantidad de anticuerpos provenientes del calostro de su madre. Sin embargo, cuando ocurre el desdete -aproximadamente entre las 8 y 20 semanas de edad-, **es necesario que se vacune** al perrito, ya que es en este período que el cachorro empieza a crear sus propios anticuerpos”. (VENA06J8.TXT)
85. “**Es necesario que** los uruguayos todos **cuidemos** más de la vida y que el sector público coordine mejor su acción para evitar muertes que castigan a personas jóvenes y sus familias”. (UREP10J8.TXT)

O conteúdo proposicional das orações subordinadas é tratado como um fato e a intenção do falante é afirmar a informação que já é conhecida, fazendo um comentário subjetivo sobre a mesma (cf. Terrell e Hooper, 1974:488).

Os trechos acima identificam valores deônticos de eventos a fim de obter a realização da ação desejada, projetada no tempo futuro. Nos dados exemplificados, as ações pretendidas constituem necessidade básica de consenso geral de que os “os adultos trabalhem” para que não maltratem as crianças no trecho (79). Seu propósito é comentar este fato, imprimindo uma opinião avaliativa a respeito da informação proposicional.

Esse item especificamente codifica o traço de [+controle] com o intuito de ver o evento pretendido executado. A execução do evento depende da aceitação do interlocutor em desempenhar a ação imposta. Isto é, é preciso “vacinar os cachorrinhos” para que criem anticorpos e cresçam saudáveis em (84). Também se sabe que o apicultor experiente pode ajudar o apicultor que ainda não conhece a apicultura. Por essa razão, (83) traz o conselho ao futuro apicultor para ouvir o que os mais experientes têm a dizer e com isso possa exercer melhor o controle sob a produção de mel.

Convém chamar a atenção para o caráter “impessoal”, isto é, geral destes exemplos, cuja opinião é a necessidade geral de que: “os cidadãos sintam que o direito de voto será respeitado”, em (80); “tomar medidas drásticas com os cultivos contaminados com cólera”, em (81); “o setor empresarial assuma um grande desafio em véspera do século 20 de transformar a Venezuela no maior país da América Latina”, em (82); “o futuro apicultor adquira conhecimentos” em (83) e “vacinar o cão entre os 8 e 20 meses de idade” em (84).

A oração (85) é o único caso em que não há conjugação em terceira pessoa do verbo da subordinada. Neste caso, o autor se inclui no grupo dos sujeitos “uruguaios” pelo plural da primeira pessoa inclusiva em que se flexiona o verbo “cuidemos”, numa formação em que o sujeito gramatical “todos” não concorda com o verbo que lhe segue em primeira pessoa do plural. Este tipo de discordância é comum no espanhol oral ou escrito, e se deve à participação do emissor no enunciado com sujeito abrangente.

De modo geral, estas orações focalizam traços como a opinião + avaliação + situação presente, manifestando a característica de posicionamentos pessoais, ocorrendo preferencialmente em contextos factuais.

Tomando como base os manuais verificados neste trabalho, verificamos a coincidência total entre estes exemplos e as regras que prescrevem a ocorrência do subjuntivo como complemento de “*es necesario que*”.

2. Orações Independentes

Nessa seção tratamos de verificar as ocorrências dos modos verbais para as orações independentes construídas pelos advérbios “*seguramente*”, “*tal vez*” e “*quizá*”.

2.1 “Seguramente”

A primeira estrutura das orações independentes a ser analisada remete à cláusula estruturada com o advérbio “*seguramente*”. O quadro 12 indica o número de ocorrências dessa oração.

<i>Modos</i>	<i>Dados</i>
Uso do Indicativo	335
Uso do Subjuntivo	05
Total	340

Quadro 12: Uso dos modos verbais: “Seguramente”

Os resultados apresentados no quadro acima confirmam a hipótese do favorecimento do modo indicativo em orações com o advérbio “*seguramente*”. Postulamos uma correlação entre o indicativo justificado pelo caráter semântico desse item, com o qual o informante expressa certeza sobre estados/eventos no tempo passado, presente ou futuro, de acordo com seu comprometimento com o ato.

Primeiramente transcrevemos alguns dos exemplos com o modo indicativo, número expressivo de incidência nesse caso:

86. “No era fácil para los católicos cubanos mantener sus ritos después de la Revolución. Pero a pesar del ateísmo de los materialistas dialécticos, la Navidad siguió como feriado desde 1959 hasta que, en 1969, dejó de ser considerada como tal. La aproximación al Vaticano -más como jerarquía espiritual de la religión que como Estado independiente- iniciada recientemente, fue **seguramente** la que **determinó** que el 14 de diciembre el gobierno revocara aquella decisión y volviera a convertir el 25 en un feriado”.(URBR09J8.TXT)
87. “Si te gustan el cine y las computadoras, **seguramente viste** una película de 1995 llamada Hackers, que se centraba en la vida de varios jóvenes estadounidenses capaces de enfrentarse y desafiar a la autoridad y al mundo en general por medio de sus computadoras personales”.(GUSV1999)

88. “**Seguramente** la labor que tenemos por delante es la de hacer de nuevo, entre todos, un país coherente, un lugar para personas con fe”.(VEEU05A9.TXT)
89. “Mi padre se ha ido de viaje y **seguramente tengo** que ir a recogerle al aeropuerto”. (URNO019B.TXT)
90. “A lo lejos se encuentra un par de casitas, que **seguramente sirven** de morada a los llameros, esos hombres y mujeres solitarios que viven perdidos en la pampa interminable, acompañados únicamente por sus animales y rodeados por un grupo de montañas”. (PERE08B9.TXT)
91. Ocurrió lo peor: y el país, como el resto del mundo va a verse directa e indirectamente afectado en términos difíciles de predecir, dijo ayer el ministro de Minería JUAN HAMILTON, al conocer la noticia del inicio del conflicto en el Golfo Pérsico. Comentó que **seguramente** el gobierno **anunciará** hoy el paquete de medidas para que los recursos iniciales del fondo 200 millones de dólares, la mitad del máximo previsto duren el tiempo necesario”. (MXDB24C9.TXT)
92. “Esta página analiza brevemente la obra de don Miguel a partir de dos temas principales: nostalgia por la inmortalidad y valoración de la vida individual; también cuenta con datos fundamentales para conocer su biografía. **Seguramente** la página no **ganará** el premio al sitio del año, pero te puede servir como primer peldaño en la escalera que te lleve a recorrer 100 años de la Generación del 98”.(MXCGD8.TXT)

No trecho (86), se pensa que a aproximação com o Vaticano é o fator determinante da volta do feriado de Natal em Cuba. Essa informação oferece um único fator como causa para o fato anunciado em (86). Em (87), se imagina que se você é conhecedor de informática, já assistiu ao filme Hackers, obra indispensável a quem se interessa pelo assunto, em caso de condição inquestionável.

Nos próximos trechos (88) e (89), o conteúdo é de obrigação. “Seguramente” indica que o falante tem mesmo que realizar a ação. A locução “tengo que ir” é caso de modalidade imperativa, reafirmada pelo advérbio que a antecede, em (89). Já (90) traz uma informação certa, as casas avistadas só podem ter a função de abrigar os “llameros”.

Em (91), temos um comentário do falante sobre o anúncio de um pacote de medidas do governo e se afirma em (92) que o leitor aprenderá muito neste site sobre literatura espanhola e a Geração de 98, já que esse é o objetivo da página, e não ganhar prêmios.

Estas cláusulas revelam o comprometimento do informante com os conteúdos proferidos. Tanto no tempo passado (86-87), no presente (88-90) e no futuro (91-92) os

assuntos abordados são creditados pelo falante como verdadeiros, ou seja, já ocorreram, estão ocorrendo ou serão concretizados no tempo futuro.

Com esta amostra nos colocamos primeiramente diante da reflexão a respeito da nomenclatura “advérbio de dúvida e possibilidade” utilizada para o advérbio “*seguramente*”. Porto Dapena (1991:59), por exemplo, afirma que o advérbio “*seguramente*” é sinônimo de “*posiblemente*”, em comprovação à nomenclatura que o inclui como advérbio de dúvida ou possibilidade, com “*tal vez*” e “*quizá*”. Os outros autores abordados também reúnem este item aos outros, ainda que ditem regras diferentes para os itens abordados. No entanto, de acordo com os resultados obtidos, em que o número de frequência de uso do modo indicativo é relativamente maior que o subjuntivo, poderíamos dizer que o advérbio “*seguramente*” reflete matiz de certeza, e não de dúvida ou possibilidade como as outras partículas estudadas.

Abaixo estão os exemplos dos poucos casos de uso do modo subjuntivo:

93. “... en cambio una hermosa leyenda urankhaia, la de los trágicos amores de bo-khan, el primer chamán⁴⁶, y una doncella celeste, cuenta que el fruto del amor humano- divino fue un niño que su madre despechada abandonó bajo un árbol para que éste lo nutriera con su savia. Ese árbol era un álamo, y de él se dice que descende la raza de los chamanes...**Seguramente** este **sea** el origen del porqué el chamán asiático sube los siete peldaños simbólicos en un altar hecho con madera de álamo”. (ESUP1998.TXT)
94. “Más allá de que esta podría ser la primera vez que el equipo resulta ser el de la peor defensa del torneo, **seguramente no sea** el Peñarol que más goles recibió por un campeonato uruguayo. Actualmente suma 34 goles en contra en 21 partidos, a un promedio de 1,62 por encuentro, pero en dos oportunidades tuvo un mayor promedio de goles recibidos”. (UREP13J8.TXT)
95. “Lourdes Ambriz ha representado una Zerlina en Bellas Artes que seguramente, por la emoción que impregnó en el público no será olvidada: su actuación esplendió por las excelencias de su voz, su gran sensibilidad musical y su bella presencia escénica. El propio Mozart, en un juego de fantasía de quien escribe, **seguramente hubiese disfrutado** los pasajes relatados”. (MXSTC8.TXT)
96. “Como ingeniero primero y economista graduado en una prestigiosa universidad de los EE.UU. luego, como profesor de Economía en la Facultad de Ciencias Económicas de la UBA y creador del Instituto Di Tella (muy volcado a la economía), del que surgió luego la Universidad Di Tella, **seguramente hubiera pensado** más bien en llegar a ser ministro de Economía”. (ARLRB9.TXT)
97. “La Argentina dilapidó muchos miles de millones de dólares en materia de energía eléctrica. Si el sistema que ahora tenemos se

⁴⁶ Chefe religioso de tribos indígenas

hubiera implementado hace 20 años, **seguramente hubiéramos ahorrado** más de U\$S20.000 millones”.(ARLRB9.TXT)

No trecho (93) nos deparamos com uma possível explicação do motivo “porque o chefe religioso da tribo sobe sete degraus simbólicos de um altar feito de madeira de álamo”. Com o advérbio “*seguramente*” o falante credita veracidade a esta informação, no entanto, acreditamos que por se tratar de uma lenda ou tradição mitológica, o subjuntivo codifica esse caso.

Em (94) o informante não relata qual foi o time “que mais gols recebeu no campeonato uruguaio” mas acredita na possibilidade de que “não tenha sido o Peñarol”. Essa informação é dada com um matiz de veracidade devido ao uso do advérbio “*seguramente*”, na seqüência o jornalista informa a média de gols do Peñarol nas últimas partidas.

Na informação do trecho (95) temos dois usos de “*seguramente*”. Uma delas com o uso do modo indicativo em que o informante relata “a emoção do público ao ver a cantora Lourdes Ambriz, não será esquecida devido à bela apresentação”. Logo em seguida, o advérbio vem codificado pelo modo subjuntivo, já que o informante traz a informação de que “o próprio Mozart teria desfrutado das passagem apresentada pela cantora”, marcado como possibilidade caso o grande compositor clássico estivesse vivo e presente no espetáculo citado.

No exemplo seguinte (96) também encontramos um matiz de hipótese em que o informante relata todos os cargos exercidos por “Di Tella”, no entanto utiliza o modo subjuntivo para informar que tem quase total certeza, que não pode ser comprovada, de que “Di Tella tivesse pensado ser ministro da economia”.

E no último exemplo (97), relacionamos o uso do modo subjuntivo devido a presença da conjunção “si” que expressa possibilidade “se o sistema tivesse sido implantado há 20 anos teriam economizado vinte milhões”, do que se deduz que o sistema não foi implantado há 20 anos, em caso de condição impossível em (97), ou hipótese improvável, em (95) e (96).

Diante desses resultados, concluímos que, de maneira geral, o modo indicativo é mais freqüente que o subjuntivo com “*seguramente*”. Esse fenômeno não vem ao encontro das regras prescritas como as do autor Borrego *et al.* (1986:179-80) que postula a utilização de ambos os modos para esta construção. A variação proposta pelo autor se contrapõe à afirmação de Porto Dapena (1991:56-9) e Álvarez (1987:99) que não admitem alternância modal já que, segundo os autores, apenas o modo indicativo pode ser utilizado nessa construção, que se comporta diferentemente dos demais advérbios de possibilidade

analisados.

Convém salientar que o advérbio “*seguramente*” é tratado, pelos três autores analisados nesta pesquisa, como advérbio de dúvida e juntamente com advérbios como “*acaso*”, “*quizá*” e “*tal vez*” funcionam como modalizadores que os incluem na mesma regra. Diferentemente desta análise, a frase “Seguramente o governo anunciará um pacote de medidas para que os recursos iniciais do fundo 200 mil dólares” em (91), é um exemplo de possibilidade certa tendo em vista que “este pacote será anunciado em futuro próximo”. Esta idéia contradiz a afirmação de Porto Dapena.

Há que frisar também que em todos os exemplos jornalísticos investigados, e na determinação das obras consultadas, “*seguramente*” ocorre em posição anterior ao verbo que modaliza, diferentemente dos outros advérbios analisados.

2.2 “Quizá”

Antes de iniciar a análise e apresentar a frequência de uso do advérbio de possibilidade e probabilidade “*quizá*”, convém salientar que foram encontrados um total de 727 casos com este advérbio.

Esboçamos em um primeiro quadro 279 casos em que o advérbio aparece posposto ao verbo. Nestas amostras o uso do modo indicativo é exclusivo, conforme verificamos no quadro 13:

<i>Modos</i>	<i>Dados</i>
Uso do Indicativo	279
Uso do Subjuntivo	00
Total	279

Quadro 13: Uso dos modos verbais: “Quizá” (Posposto ao verbo)

Organizamos o quadro acima em função de o advérbio “*quizá*” apresentar características diferentes dependendo da ordem em que se coloca na oração, conforme vemos na escolha modal, por exemplo.

Segundo autores pesquisados, os advérbios de dúvida ou possibilidade como “*quizá*”, “*tal vez*” e “*seguramente*”, se vão colocados detrás do verbo, exigem obrigatoriamente o modo indicativo. O exame do item “*seguramente*”, anteriormente citado, confirma esta idéia.

As construções verificadas nos dados jornalísticos em que o verbo se encontra antes do advérbio levam o modo indicativo em todos os casos analisados. Vejamos alguns dos muitos exemplos encontrados:

98. “Las personas que imaginan que ser gobernantes es divertido **piensan quizá** en la imagen sonriente del líder ante una muchedumbre que lo vitorea”. (VENT002D.TXT)
99. “En las diversas ramas de la ciencia **se cumple, quizá** como en todo, la regla de San Mateo: ‘al que tiene poco quitarle lo poco que tiene; al que tiene más, darle aún más’”. (MXSTE8.TXT)
100. “... el viejo e intrincado problema de la libertad entusiasma poco a los ideólogos de la dominación, y éste **es quizá** su punto más vulnerable”.(ARDA03B9.TXT)
101. “Hablando de levantar la cabeza, eh... yo sé que **es quizá** una frivolidad hablar de esto, pero mucha gente estará esperando que comentemos de los fantasmas...”. (VENT002A.ASC)
102. “**Hay, quizá**, algo de falta de atención en algunos momentos en la defensa”. (PEAD017A.ASC)

Conforme os exemplos acima, os verbos que antecedem o advérbio de dúvida “*quizá*” estão todos no modo indicativo. Convém salientar que todas as amostras aqui verificadas encontram-se no indicativo, e parece que as considerações sobre a impropriedade da classificação “advérbio de dúvida e possibilidade” se confirmam também aqui. Isto porque a palavra aparece como um mero apêndice que introduz um dos muitos argumentos que poderiam corroborar a idéia que se afirma, de que a “regra de São Mateus se cumpre”, em (99) e de que “as pessoas pensam que é divertido ser político” porque eles aparecem sorrindo, em (98). Assim o advérbio adquire sentido de certeza mais do que de dúvida.

Embora tal afirmação seja questionável, um fator que parece confirmar a idéia dos autores consultados é a ordem destes elementos na oração. Isto é, expusemos a situação de “*quizá*” posposto ao verbo, em que o indicativo aparece na totalidade dos dados. Passamos agora a verificar o mesmo advérbio em outra posição.

Vejamos no quadro 14 as ocorrências de cada modo com “*quizá*” em posição anterior ao verbo:

<i>Modos</i>	<i>Dados</i>
Uso do Indicativo	271
Uso do Subjuntivo	177
Total	448

Quadro 14: Uso dos modos verbais: “Quizá” (Anteposto ao verbo)

Os resultados não demonstram o emprego preferencial do modo subjuntivo devido à presença do advérbio “*quizá*”, pelo contrário, verificamos a predominância do modo indicativo. Há quase equiparação numérica entre uma e outra forma verbal, conforme atestam os dados.

Segundo Givón (1995), o advérbio “*tal vez*” traduz a incerteza epistêmica e instaura um escopo de modalidade *irrealis* acerca do conteúdo proposicional. Nesse sentido o falante não tem compromisso com a informação veiculada pela proposição devido à modalização deste advérbio.

No entanto, no espanhol, muitos advérbios como “*quizá*” e “*tal vez*”, que será verificado em seguida, permitem a codificação das informações através da alternância de desinências para codificar diferenças pragmáticas.

Passamos primeiramente à análise das orações codificadas com o modo indicativo para que possamos fazer as relações com as hipóteses propostas para esse item.

Com os casos ora em análise, como veremos nos exemplos (103-109), na seqüência, o uso do advérbio “*quizá*” imprime um matiz de incerteza a estas orações, já que a incerteza está ancorada na modalidade *irrealis* do advérbio “*quizá*”.

Temos como hipótese de que além da interferência das modalidades epistêmica e deôntica na codificação dos modos, a intenção e avaliação do falante com respeito à probabilidade de que se cumpra a ação também interfere na escolha do modo. A observação de algumas construções que envolvem graus variados de conhecimento compartilhado de mundo do falante sobre o assunto codificado na sentença revela as inferências derivadas pragmaticamente.

Consideramos os exemplos que se seguem com o modo indicativo:

103. “Interesante el caso de Pinochet, que deja algunas moralejas. La más importante, **quizá**, es que los dictadores de viejo cuño, de los que quedan pocos -Kadafy, Castro, el heredero del totalitario régimen norcoreano- antes deberán morir, que entregar el poder. ¿Cómo correr el riesgo de un proceso penal por sus crímenes?” (GUSV1998)
104. “Gracias a la forma más directa de hacer periodismo, la entrevista, Bertha Zacatecas interroga a Miguel Aceves Mejía; a Paz Aguila, una de las integrantes del llamado ‘Mejor dueto de América’ , **quizá** a muchos lectores no **les dice** nada el nombre, pero fue una de las bases de interpretación del bolero y la música romántica en nuestro país”. (MXCTF8.TXT)
105. “Cada cual tiene sus boleros como se tiene a sí mismo, y nadie es intercambiable. La música amada no es solo una ondulación que se desdobra en el aire: es también un tiempo pasado; es una

- escena, un encuentro que viene otra vez. Es toda una época que insiste en buscarnos; **quizá es** el tiempo viejo de la juventud, cuando uno creía que la gente merecía el mundo”. (PEETK8.TXT)
106. “**Quizá** algunos **pueden** pensar que un nuevo gobierno va a traer nuevos recursos a la Universidad y yo creo que por el contrario, el nuevo gobierno le va a pedir mucho a la Universidad, que no está acostumbrada a que le pidan y que no ha trabajado.” (UREP17J8.TXT)
107. “Siendo de alguna... Hablando de... de esa temática y de la... la técnica de la acuarela, dicen, **quizá son** los que más óleo utilizan, u otras técnicas, que es la técnica más difícil, ¿está de acuerdo? (VENT002D.TXT)
108. “<H1> ... Hemos frivolidado la relación de pareja entre 2 hombres.
<H2> **Quizá** porque **es** un tema que siempre ha resultado muy tabú para la sociedad, y que actualmente eh... la gente homosexual es como que... no tuviera sexo fuera del ghetto o del ambiente, o donde se puede expresar libremente; porque no le puede comentar en la actualidad libremente a un vecino o a un amigo... que tiene una pareja que es un...del mismo sexo”.(AENT001D.ASC)*
109. “Es probable que haya sido arrojado al basural, donde los roedores, los perros y oportunas fogatas perfeccionaron el rito antropófago. La suerte de las dos valijas es previsible. Dentro de una de ellas estaba el ejemplar de Manual de Historia. Qué habrán hecho con él no se sabe: **quizá fue quemado**, quizá sus páginas **yacen** desperdigadas entre los montones de, desvanecidas por tantos soles y tantas lluvias”. (MXEI03C9.TXT)

Tendo por base os exemplos acima, não podemos deixar de pensar sobre as motivações de natureza cognitiva que levam o falante a escolher uma forma ou outra forma na codificação de suas informações com o advérbio “*quizá*”.

Assim no trecho (103) tanto emissor quanto receptor estão certos de que ditadores como “Kadafy e Castro morrem antes de entregar o poder”, e “*quizá*” indica um possível exemplo de que sobram poucos ditadores como Pinochet. O uso do indicativo parece confirmar a expectativa do falante de que seu interlocutor tenha algum conhecimento sobre o poder que exercem esses ditadores e concorde com as idéias do jornalista em questão.

Utilizando-se da nomenclatura de Palmer (1986), consideramos que a modalidade epistêmica favorece o modo indicativo, já que as evidências captadas pelos sentidos permitem ao informante elementos externos que lhe garantem a realidade quase total dos fatos.

Da mesma forma, observamos que em trechos como (104) e (105) o falante expressa

sua informação através de evidências. As informações “o nome Miguel Aceves Mejía não significa nada aos leitores” e “a música amada é um tempo velho da juventude, quando as pessoas acreditavam que mereciam o mundo” refletem a opinião de um dos interlocutores embasado naquilo que não suscita dúvida para o leitor, em manifesto particular a respeito de como capta a realidade a sua volta. De todas as evidências compartilhadas por falante e ouvinte, o emissor se decide por enunciar alguma das que julga mais proeminente – assim analisamos os textos apresentados.

Correa (2003), num estudo contrastivo entre português e espanhol, trata da interface da pragmática com outros módulos gramaticais, salientando a interferência das modalidades propostas por Palmer (1986) em que o modo indicativo codifica as orações epistêmicas e o modo subjuntivo, as deônticas.

O fato de que o advérbio “*quizá*” seguido pelo modo indicativo parece revelar-se como um indicador de certeza de um estado/evento pode ser assinalado como algo concretizado ou que se concretizará. Dentre vários eventos a serem assinalados, o emissor escolhe um, julgado por ele como evidente.

Podemos pensar talvez em duas dimensões de pensamento e da experiência do falante, posto que possui dois recursos consideráveis para a incerteza: a dúvida, com o subjuntivo e a pressuposição de conhecimento partilhado e da realização de determinado fato.

A incerteza determina a não existência do evento, uma vez que a dúvida motiva o uso do subjuntivo. No entanto, a incerteza motivada pelo indicativo permite que vejamos o evento como algo concretizado ou que se concretizará desde nosso ponto de vista, concluindo que a pressuposição do falante engendrada pelo contexto desempenha papel fundamental na escolha modal.

Nessa perspectiva, os verbos aproximam o falante do conteúdo proposicional, identificando envolvimento, ou tomada de posição sobre a expectativa de que “algumas pessoas podem pensar que um novo governo vai trazer novos recursos à Universidade”, em (106), mas que o enunciador contradiz tal prerrogativa ao emitir opinião de que “o governo vai pedir muito à universidade”.

Assim como o favorecimento do uso do indicativo se dá em (107-108) em que as informações assinalam que “a técnica da aquarela é a que mais óleo utiliza” e de que “o tema da relação entre dois homens sempre resultou um tabu para a sociedade” são tomadas pelos informantes como fatos concebidos, segundo a opinião particular e suas evidências.

Diferentemente dos demais exemplos, o trecho (109) codifica no tempo passado o fato “do exemplar de História ter sido queimado”, revelando que evidências pessoais do falante

assinalam uma forte possibilidade de que isso tenha ocorrido. Novamente o advérbio “*quizá*” demonstra a falta de provas concretas, inclusive porque o emissor supõe que “*quizá* foi queimado” ou “*quizá* jazem desvanecidas”, isto é, o emissor supõe as causas dos destroços.

Notamos através dos exemplos a influência da pragmática na morfologia verbal. A influência de elementos como o grau de conhecimento de mundo do falante, o contexto, a situação e as intenções do falante são matizes transpostos às estruturas morfológicas, caracterizando as escolhas modais de um ou outro modo.

Continuamos nossa análise passando agora para a verificação de orações codificadas com o uso do modo subjuntivo, em oração independente com “*quizá*” anteposto.

Considere os trechos a seguir que manifestam o traço de incerteza implícito às estratégias lingüísticas em destaque:

110. “Las últimas hipótesis, decía antes, de la policía, son, que **quizá esté** fuera de España”. (VENT013A.TXT)
111. “En una entrevista concedida hoy, Palacios Alcocer dijo que las recientes victorias conseguidas en elecciones estatales dejaron a los militantes del partido con la moral en alto y con grandes esperanzas para las elecciones del año 2000. Restó importancia a los riesgos de división durante el proceso para seleccionar al candidato durante los próximos meses. **Quizá** algunas personas **salgan**, eso pasa en todos los partidos, pero una ruptura importante, definitivamente no agregó”. (MXDY04C9.TXT)
112. “Sólo lo salvó su capacidad pictórica: allí donde describe sin pretensiones sociológicas, sin ánima redentora, logra apuntes originales del modo de ser del mexicano. Tal vez algunos de estos relatos, **quizá** alguno de estos fragmentos, **resulten** incómodos, crueles o cínicos: pero nunca está de más observarnos con sinceridad ante el espejo.(MXCTE8.TXT)
113. “Y en la iglesia de la Catedral, las pálidas estatuas de los santos se están sacando el corazón. Todo es posible en Cajamarca a esa hora. El día se está soltando pese a la lluvia de anoche. **Quizá sea** la última, pues ya llega la primavera”. (UREP17J8.TXT)
114. “Las posibilidades están ahí, ofrecen un panorama mucho más interesante de cómo hacer música hoy en día y además te permite introducir las cosas que quieras, no hay en este momento limitaciones, **quizá aparezcan** dentro de cierto tiempo, cuando se empiecen a desgastar los planteamientos actuales”. (MXDTC8.TXT)
115. “Una experiencia curiosa ya mencionada fue la cruce de dos cereales distintos. El triticales es un cereal resultado de la cruce de trigo y centeno, rico en proteínas. **Quizá señale** tendencias repetibles en el futuro”. (GULH24C9.TXT)

116. “El Servidor de la Gente Muerta es una lista de celebridades interesantes que **quizá estén** muertas o sobre las que se ha corrido la gran cortina de manera discreta”. (ESPE30L8.TXT)

Nestes casos o modalizador “*quizá*” traduz a incerteza epistêmica e isenta o falante de comprometimento com a afirmação de que: “alguém está fora da Espanha”, “algumas pessoas saem do partido”, “alguns fragmentos escritos resultam incômodos, cruéis e cínicos”, “ser a última chuva”, “haver a tendência a repetir o cruzamento de cereais”, “as pessoas estarem mortas”, respectivamente, nos trechos (110) a (116).

Nas orações expressas com desinências de modo subjuntivo, o falante codifica suas informações através da modalidade deôntica, ou seja, do facultativo, uma hipótese que não se concretiza por não ter certeza sobre a veracidade do que está sendo dito. O hipotético contrapõe-se ao factual, identificado nos exemplos com o modo indicativo, anteriormente citado.

Notamos ainda que exemplos como (114) e (115), ancorados na modalidade deôntica, são intrinsecamente futuros uma vez que os fatos são possíveis de serem completados no futuro.

Os casos verificados em ambos os modos refletem o envolvimento do falante e os graus variados de conhecimento de mundo sobre o assunto codificado na sentença motivando a escolha modal das orações com “*quizá*” e permitindo a codificação destas informações através da mudança de desinências modo-temporais. Estas ocorrências revelam a interação entre a estrutura sintática e a pragmática.

2.3 “**Tal vez**”

A intenção de revelar baixo grau de comprometimento com as informações proferidas são realizadas pela presença de advérbio “*quizá*” incluindo estas informações no campo da possibilidade. Sob esse aspecto os informantes não são responsáveis em considerar a veracidade ou a falsidade dos fatos proferidos.

O advérbio “*quizá*”, assim como “*tal vez*”, é usado por falantes quando esses não estão seguros do que estão dizendo ou não querem se comprometer com a verdade da proposição.

Assim como no advérbio anterior, apresentamos primeiramente um quadro com 289 casos em que o advérbio aparece posposto ao verbo. Nestas amostras o uso do modo indicativo é exclusivo, conforme verificamos no quadro 15:

<i>Modos</i>	<i>Dados</i>
Uso do Indicativo	289
Uso do Subjuntivo	00
Total	289

Quadro 15: Uso dos modos verbais: “Tal vez” (Posposto ao verbo)

Da mesma forma que o advérbio tratado anteriormente, “*quizá*”, o advérbio de dúvida “*tal vez*”, segundo os autores analisados, Porto Dapena (1991:56-9), Borrego *et al.* (1986:179-80) e Álvarez (1987:99), exige o modo indicativo sempre que o verbo preceda a partícula ou locução indicadora de modalidade.

Álvarez (1987:99) entende que o uso do subjuntivo neste caso é redundante porque a noção de dúvida que é expressa está inerente em “*tal vez*”.

De acordo com Gregory (2001:118 *apud* Travis, 2003:59), o subjuntivo não é redundante, mas a escolha do modo expressa maior grau de certeza por parte do falante, para o indicativo, ou menor, para o subjuntivo.

Vejamos alguns exemplos extraídos do *corpus*:

117. “**Hay, tal vez**, algo de humour americano en esta afirmación; pero, en el fondo, yo no pido mucho más”. (CHRA08J8.TXT)
118. “**Recuerdo, tal vez**, de la vieja bohemia santiaguina, de sus calles obscuras y el débil alumbrado del gas”. (CHRA08J8.TXT)
119. “Rawls **es, tal vez**, el pensador más discutiblemente liberal de la lista que hemos examinado”. (ARLRB9K8.TXT)
120. “Para eso **necesitamos, tal vez**, imaginar algo como lo que imaginaron los norteamericanos en su Corte Suprema que es un organismo que constituye una referencia para determinar cuando una legislación o una decisión judicial viola la intención éticomoral de la constitución”. (MXCHL8.TXT)
121. “El monumento, obra de Antoine Bourdelle, **tiene tal vez** la más bella estatua ecuestre de Buenos Aires. Y por una de esas casualidades, Ana de Alvear, Anita, había hecho con su familia lo que él acababa de hacer con la suya”. (ARCL21J8.TXT)

Notamos, em ambos advérbios de dúvida tratados nesta pesquisa, a mobilidade posicional característica destes itens lexicais no espanhol, ou seja, podem ser utilizados tanto antes quanto depois do verbo. Percebe-se a utilização de dois caminhos opostos: a imposição

sintática em construções em que os advérbios estão pospostos ao verbo e a interferência pragmática caso estes advérbios estejam antepostos ao verbo.

Vemos “*tal vez*” posposto como um adendo que poderia ser omitido, porque tais enunciados parecem significar dúvida quanto às situações expostas. Em (119), por exemplo, há certeza sobre a posição de “Rawls ser o pensador mais liberal da lista”. Em (121), o jornalista afirma que o “monumento é a mais bela estátua equestre de Buenos Aires”. Nestes casos, “*tal vez*” não apresenta matiz de dúvida ou possibilidade, pois o tom assertivo afirma as situações enunciadas.

Seguindo nossa análise, no quadro 16 podemos verificar o número de ocorrências dos modos verbais na análise do advérbio “*tal vez*” quando aparece antes do verbo.

Vejamos os resultados:

<i>Modos</i>	<i>Dados</i>
Uso do Indicativo	340
Uso do Subjuntivo	105
Total	445

Quadro 16: Uso dos modos verbais: “*Tal vez*” (Anteposto ao verbo)

Similarmente ao advérbio “*quizá*”, o número de ocorrências com o modo indicativo também é maior que o subjuntivo, sendo que as orações encabeçadas pelo advérbio “*tal vez*” seguidos de indicativo apresentam uma porcentagem um pouco maior de uso que o advérbio “*quizá*”, seguido de subjuntivo.

Assim como os exemplos tratados com o advérbio “*quizá*”, este advérbio também admite a alternância dos modos a fim de que o locutor possa expressar seu conhecimento de mundo, seu julgamento a respeito dos acontecimentos e codificar as sentenças através dessas escolhas modais. Tal fato gera sentenças de estruturas sintáticas diferentes, segundo o estatuto factivo ou hipotético do que diz o falante.

Consideramos os trechos que seguem com a escolha modal indicativa:

122. “La Araucanía hicieron entrega al Ministro Secretario General de la Presidencia, Juan Villarzú un documento que contempla prioridades, propuestas y compromisos para el desarrollo integral de la Región. Este documento tuvo su origen en una reciente encuesta del Ministerio de Planificación, cuyos resultados dejaron al descubierto que La Araucanía es la única región del país, donde la pobreza está actualmente en aumento. Por supuesto que estos resultados tuvieron el efecto de un balde de agua fría en la región, pero, simultaneamente - y **tal vez** esto

- es lo más importante - están provocando un intenso debate...”
(CHAR05J8.TXT)
123. “**Tal vez** el rock **es** la más elástica de las corrientes musicales, pues no sólo es capaz de amalgamar expresiones muy distintas, sino que cada nueva tecnología le proporciona una dimensión diferente en el manejo del espacio y el tiempo”.
(MXCHE8.TXT)
124. “Tengo la cara agria, por eso **tal vez dicen** que soy un dictador”. (ARCL24J8.TXT)
125. “Los grandes fracasos de la economía chilena, en 1982, y de la economía mexicana, en 1994, y Brasil en 1998, **tal vez se produjeron** por el control artificial e irreal de la tasa de cambio.
(ECTE17L8.TXT)
126. “Concluyen que **tal vez** la Naturaleza **ignoró** a la isla y pasó de largo, pues no tienen una obra lo suficientemente importante para denotar su existencia”.(MXDTB8.TXT)
127. “Lo que pasó no fue culpa mía. Yo solamente estaba jugando al invisible y, como me había encerrado en el armario de las escobas y de los tarros tanto rato **tal vez me quedé** dormido y no **desperté** sino al otro día, cuando la Domitila sacó la escoba para barrer”. (ARDA04B9.TXT)
128. “**Tal vez** no **hubo** pasión tan condenada por los filósofos como la envidia”. (PEEC012A.TXT)

Os resultados apresentados para o advérbio “*tal vez*” seguido pelo modo indicativo têm as mesmas características do advérbio “*quizá*” analisado na seção anterior.

Nestes casos acima, a incerteza se manifesta através do item lexical “*tal vez*”. A atitude do falante é determinada por certos aspectos pragmáticos, tais como a pressuposição do conhecimento partilhado, além das evidências captadas através dos sentidos, ancorada na modalidade epistêmica, e tomados como fatos provavelmente concretos, ou seja, o grau de comprometimento do falante com a realização das ações é maior que as orações codificadas com o modo subjuntivo.

Os três primeiros exemplos estão codificados no tempo presente. No trecho (122) o emissor afirma que o efeito “balde de água fria dos resultados do documento entregue ao ministro é o mais importante”. Sem comprometer-se com o conteúdo proferido através do uso do advérbio, o falante codifica sua informação com o modo indicativo através das evidências salientes com o evento e acreditamos que pressupõe o conhecimento do fato por seu interlocutor.

No exemplo seguinte (123) a informação de que “o rock é a mais elástica das correntes musicais” é captada por evidências exteriores porque o rock amalgama várias tecnologias.

Em (124), a opinião subjetiva a respeito da conduta e da aparência revelam a relação com a modalidade epistêmica das evidências que o próprio informante capta a respeito dos fatos, em que as pessoas dizem “ser ditador por ter a cara azeda”.

Os próximos trechos estão codificados no tempo passado, garantindo a confirmação de que os estados/eventos foram realizados e/ou são conhecidos pelos falantes.

No trecho (125), o falante expressa que “o fracasso da economia de alguns países se deve ao controle artificial da taxa de câmbio”, falando sobre a situação financeira de alguns países latino-americanos.

Através do modo indicativo codifica-se uma informação sobre as quais há evidências reais, já que estes acontecimentos puderam ser acompanhados pelas pessoas. Enunciados como passado, há argumentos concretos a respeito do assunto que pode confirmar sua veracidade.

No exemplo (126) o fato de “a natureza ter ignorado a ilha” deve-se à constatação de que não há nenhuma obra da natureza na referida ilha.

Em (127), o conteúdo expresso pelo emissor de “ter dormido no armário” justifica-se pelo fato de “Domitila lhe acordar no outro dia ao pegar uma vassoura”. A probabilidade desse fato ter ocorrido é, no contexto do relato em que se insere, grande devido ao uso do modo indicativo.

E no exemplo (128), o emissor destaca que “não houve paixão tão condenada pelos filósofos quanto a inveja”. Essa informação é codificada com o modo indicativo recordando opiniões sobre a inveja de diversos pensadores, como a de Aristóteles, por exemplo. O falante tem evidências sobre o assunto e provavelmente reconhece o conhecimento compartilhado sobre o mesmo.

Nestas construções em que o indicativo codifica as informações, o conhecimento dos informantes é codificado através da modalidade epistêmica, modalidade do plausível.

Caso contrário, se as orações estão expressas com desinências de modo subjuntivo, o falante codifica suas informações através da modalidade deôntica, ou seja, do facultativo, uma hipótese que não se concretiza por não ter certeza de que o que está sendo dito é verdadeiro ou não.

Consideramos então diferenças de codificação das informações com a escolha de desinências modais subjuntivas:

129. “Quizás hayas oído que he estado muy enfermo. Mi pobre corazón. **Talvez**, en breve **pueda** ir a Buenos Aires, luego de un año de ausencia”. (ARCL24J8.TXT)
130. “Luego, **tal vez haga** una serie de TV sobre la Segunda Guerra Mundial con Tom Hanks”. (PERE08B9.TXT)
131. “Buenos Aires **tal vez asista**, hoy por la tarde, al puntapié inicial de un debate histórico”. (ARLRB9J8.TXT)
132. “**Tal vez** el año próximo **suceda** todo lo contrario, porque así son las cosas en esta América del Sur”.(URBR04J8.TXT)
133. “Y... **Tal vez me equivoque** y **vaya** al banco local”. (ARCL16J8.TXT)
134. “Tal vez, piensa el muchacho mientras camina de vuelta a su casa, su padre acepte dejarlo encargado del puesto. **Tal vez**, incluso, le **enseñe** su oficio”. (PEEC012A.TXT)
135. “Si algunos científicos admiten no poder encontrar todas las respuestas, entonces **tal vez haya llegado** la hora de hablar”.(URBR09J8.TXT)

No trecho (129) o falante expressa sua vontade de que “possa ir a Buenos Aires em breve” relacionada à modalidade deôntica que está ligada ao volitivo, ou seja, o ato de querer “visitar Buenos Aires”, que poderá se realizar em futuro breve.

Em (130) o evento “fazer um série de TV” é incerto para o falante, mas ele expressa sua vontade de que fazer uma série de TV sobre a Segunda Guerra Mundial com o ator Tom Hanks, mas não pode afirmar com certeza se isso será concretizado.

Assim como os demais exemplos, “assirtir hoje pela tarde ao pontapé inicial de um debate histórico, em (131), “suceder tudo ao contrário no próximo ano”, em (132), “equivocar-se e ir ao banco”, em (133) e “o pai ensinar um ofício ao filho” em (134), revelam a projeção futura dos fatos mencionados, para tanto se usa o modo subjuntivo. A interpretação de futuridade e, por conseguinte, de incerteza epistêmica, indentificada na conexão dos eventos compreende o eixo da modalidade *irrealis*.

Em (135), não temos a presença do tempo futuro codificado na sentença. O emissor expressa “que talvez tenha chegado a hora de falar”, sem comprometimento de que esse fato se realize, podendo ser observado um tom de dúvida neste caso.

Convém salientar também o fato de que sob o traço de futuridade encontram-se os índices mais elevados de aplicação do modo subjuntivo com o advérbio “*tal vez*”. A localização da futuridade está mais presente com este item lexical disposto na estrutura lingüística que o advérbio “*quizá*”.

Antes de concluirmos essa análise, vejamos o exemplo seguinte contrastando ambas as modalidades num mesmo contexto.

136. “**Tal vez** por eso en ciertas regiones de la Araucanía **se acondiciona** para los muertos una canoa con provisiones y muda y para el viaje por las aguas de la muerte... **Y quizá sea** la razón para la construcción de la pequeña y simbólica barca en la que el chamán guía al espíritu desprendido a la "otra orilla", en tanto las plañideras inspiradoras recitan el recorrido para que el muerto no se extravie, y el espíritu del viento avisa de su próximo arribo”. (ARLRB9J8.TXT)

A oração inicial, em que o advérbio “*tal vez*” faz parte, alude a um evento estritamente factual e pode acrescentar um certo grau de evidência dos acontecimentos. Através da modalidade epistêmica e da escolha modal indicativa, o locutor transmite a informação de que em “certas regiões da Araucanía são utilizadas canoas para acomodar as pessoas mortas”. Por outra parte, na segunda oração, “Y quizá sea la razón...”, em que o advérbio “*quizá*” faz parte, através do uso da desinência do subjuntivo, o locutor codifica um evento que pode ser factual, mas não tem evidências sobre o mesmo.

Convém salientar que as inferências realizadas com respeito às cláusulas analisadas são tomadas mediante nossa análise com relação à hipótese proposta, podendo ser interpretada pragmaticamente de maneira distinta por outras pessoas, já que os processos da cognição do falante não estão disponíveis ao pesquisador.

Outra hipótese que pretendíamos averiguar quanto à análise desse grupo era a de que prevíamos maior incidência do uso do modo subjuntivo, por tratar-se de advérbios de dúvida. No entanto, nossa hipótese foi refutada, tendo em vista que a maioria dos dados encontrados estão codificados no modo indicativo.

Os manuais gramaticais arrolam contextos determinados para o emprego do modo subjuntivo e contextos que prevêm o modo indicativo, assim como os exemplos verificados nesta análise. Nestes contextos a escolha do modo verbal está atrelada a um valor atitudinal do falante. Ao subjuntivo corresponde a atitude de incerteza, de possibilidade, de hipótese; e ao indicativo uma atitude de certeza, e de evidências compartilhadas por falante e ouvinte.

3. Orações Subordinadas Adverbiais

Nesta seção tratamos das cláusulas subordinadas adverbiais cuja função é a de complemento circunstancial introduzidas por partículas que expressam lugar, modo, tempo, causa, finalidade, etc.

As partículas adverbiais abordadas nesta pesquisa são: “*para que*”, “*a fin de que*”, “*después de que*”, “*cuando*”, e a concessiva “*aunque*”.

3.1 “Para que”

As primeiras orações a serem analisadas referem-se às cláusulas adverbiais de finalidade. Os itens testados são “*para que*” e “*a fin de que*”.

Segundo Ruano (1997:185-8), o elemento “*para que*” é o mais comum utilizado entre as orações finais.

Givón (1993:287-301) menciona algumas relações de significado das cláusulas adverbiais. Nas orações finais, o elemento semântico de finalidade intrínseco ao item está sob o escopo da modalidade *irrealis* indicando projeção futura do estado/evento da oração subordinada em relação ao conteúdo expresso na oração principal. A possível realização dos eventos expressos nas cláusulas finais é projetada para o futuro em decorrência da futuridade inerente ao item “*para que*”.

Considerações acerca da modalidade, especificamente da modalidade *irrealis*, são centrais para o entendimento da noção de futuridade. Futuro não se circunscreve somente à categoria gramatical de tempo, mas está relacionado com a modalidade. Nos termos de Givón (1984:285), o futuro é um tempo claramente *irrealis*, tratando de estados ou eventos hipotéticos, possíveis, incertos, que ainda não ocorreram. Nesse sentido, as noções de futuridade e incerteza confluem e caracterizam a modalidade *irrealis*, sob a qual o modo subjuntivo é de ocorrência provável.

Prevemos como hipótese central de nossa análise para as orações adverbiais com os conectores “*para que*” e “*a fin de que*”, o favorecimento do modo subjuntivo devido à relação entre a modalidade *irrealis* e o valor intrínseco de futuridade.

No quadro abaixo podemos observar as escolhas modais dos falantes nativos nos dados do discurso escrito jornalístico com a partícula “*para que*”. Vejamos:

<i>Modos</i>	<i>Dados</i>
Uso do Indicativo	00
Uso do Subjuntivo	1558
Total	1558

Quadro 17: Uso dos modos verbais: “Para que”

Todas as ocorrências com a expressão “*para que*” apresentam o modo subjuntivo nos dados de jornais eletrônicos. Vejamos algumas construções:

137. “Me hace sentir bien poder ayudar a los volantes o meter una buena habilitación a un compañero **para que llegue** al gol”.(ARDA03B9.TXT)
138. “En los meses próximos se desencadenarán acontecimientos decisivos para el futuro de la nación, lo que representa una oportunidad **para que** los chilenos **ejercemos** el respeto mutuo, la confianza, la conversación y la cooperación en la común causa democrática, más allá de las opciones ideológicas o políticas de cada uno”. (ARLRB9J8.TXT)
139. “En otras palabras deberá tener como única función la de establecer un diálogo con los delincuentes que permita concientizarlos **para que abandonen** la violencia y la delincuencia”. (ASEF15E9.TXT)
140. “Sigmund Freud solía decir que la educación es tarea imposible. **Para que** los niños y niñas **sean** educados deben mentir: decirle a la abuela que la sopa estuvo deliciosa aunque les parezca un brebaje espantoso: así la mamá queda bien, la abuela estará complacida. Todos quedan bien (mintiendo).(ECUN12K8.TXT)
141. “Además, hizo un llamado a todas las entidades del sector público **para que actúen** bajo un marco de buena fe y honradez”. (ECUN08L8.TXT)
142. “Desde el sábado tengo que ir con mis hijos hasta Las Malvinas **para que** mi tía me **dé** un poco de agua, útil para preparar los alimentos y el aseo personal, dijo la afectada”. (ECUN08L8.TXT)
143. “Lo que no nos gusta es que nos vengan a decir qué hacer. Peleamos **para que** no nos **quiten** nuestro territorio”. (ECUN15J8.TXT)

Conforme verificamos nos dados descritos acima, o modo subjuntivo segue todos os nexos “*para que*”.

A intenção do sujeito de que se realize o evento expresso nas orações finais são projetados para o futuro, cujo mecanismo lingüístico possui valor intrínseco de futuridade. As informações “chegar ao gol”, “exercer o respeito mútuo, a confiança”, “abandonar a violência e a delinquência”, “as crianças se tornarem educadas”, “atuar sob um marco de fé e honra”,

“dar um pouco d’água” e “tomar o território”, transcritas nos trechos (137-143), respectivamente, são ações impressas pelos sujeitos na cláusula subordinada com referência à possível realização no futuro.

Os resultados mostram a conexão entre o modo subjuntivo e o traço de futuridade. Em português também Perini (2002) afirma ser essa uma das poucas expressões em português do Brasil em que o subjuntivo se conserva tanto na língua escrita quanto na falada.

Em outro trabalho realizado sobre o emprego do modo subjuntivo⁴⁷, contrastamos a língua espanhola e portuguesa e a constatação de Perini (1996) de que mesmo com uma tendência ao anulamento do subjuntivo e preferência pelo modo indicativo, ainda existem expressões que determinam a regência verbal no subjuntivo, como as orações iniciadas pela preposição “para”. Verifica-se que essa tendência também ocorre com a língua espanhola.

3.2 “A fin de que”

A outra oração a ser analisada refere-se à expressão “*a fin de que*”. Assim como a anterior, esta também indica um estado/evento com possibilidade de realização em tempo futuro.

Vejamos no quadro 18 abaixo, o número de ocorrências de cada um dos modos para essa expressão:

<i>Modos</i>	<i>Dados</i>
Uso do Indicativo	03
Uso do Subjuntivo	82
Total	85

Quadro 18: Uso dos modos verbais: “A fin de que”

Assim como as amostras analisadas anteriormente com o conector “*para que*”, os exemplos do item “*a fin de que*” também apresentam o traço de futuridade corroborando nossa hipótese proposta para estes casos.

Diferentemente dos exemplos anteriores com “*para que*” encontramos três orações codificadas com o modo indicativo.

Selecionamos para análise alguns dos casos que aparecem com o modo subjuntivo e

⁴⁷ SILVA, Iandra Maria da. O emprego do subjuntivo na aprendizagem da segunda língua: um estudo contrastivo entre português e espanhol. In *Linguística Contrastiva: Teoria e Prática*. Londrina: Moriá, 2004. p. 89-100

listamos abaixo:

144. “Los rostros de los niños de las ciudades y campos del Irak bombardeado reflejan, como en un reproche infinito, la mirada del Niño de Belén, de Jesús, el que nos nació y va a nacer por nosotros y para nuestra salvación, **a fin de que consigamos** la paz verdadera, la que dura sin fin”.(ESAB22L8.TXT)
145. “Por todo este panorama, Cecilio Adorna argumenta que los niños son a la vez nuestro motivo para luchar **a fin de que desaparezcan** los peores aspectos de la guerra y nuestra mayor esperanza de tener éxito en esta empresa”. (COMU28J8.TXT)
146. “En caso de que no se tenga un terreno al aire libre se pueden construir cajones de 1 metro de ancho y 4 de largo (dependiendo del área de la terraza), con 30 centímetros de profundidad **a fin de que** la hortaliza **pueda** desarrollar un buen sistema radicular, esto es, la raíz”. (ECUN17L8.TXT)
147. “Enfatizó que en este convulso fin de siglo, el primer mandatario promueve iniciativas y reformas para enfrentar con buen éxito retos y oportunidades **a fin de que** los mexicanos **logremos** vivir con una economía fuerte, una democracia y una sociedad justa y unida”. (MXRR10B9.TXT)
148. “Se debe tratar de poner especies de cordeles o hileras para amarrar a estas, desde los tallos, las planta de tomate, pimiento, pepino, melón, **a fin de que** los frutos **crezcan** más sanos y libres de enfermedades, plagas y hongos que se transmiten cuando estos permanecen en el suelo. A eso se llama tutorio de las plantas”. (ECUN08L8.TXT)
149. “De acuerdo al diputado Raúl Mijango, del FMLN, los delincuentes deberían, antes que ser deportados, de ser juzgados en los Estados Unidos.ARENA ha propuesto también la firma de un tratado de extradición con los Estados Unidos, **a fin de que** los delincuentes que han cumplido allá parte de su condena, **puedan** terminar de cumplirla en cárceles salvadoreñas tras su deportación”. (ASEF15E9.TXT)
150. “¡Felicitaciones! Mucha información interesante...me gustaría que mostraran algunas de las maravillas de Lara, como sus distinto y variados paisajes (desiertos, bosques) a través de fotos, **a fin de que** todos las **puedan** disfrutar y conocer a través de este medio”. (VECR09K8.TXT)

Em números, os dados acima instauram a correlação entre o traço de futuridade e a escolha do modo subjuntivo com as expressões “*a fin de que*”.

Os conectores “*a fin de que*” focalizados nos trechos acima evidenciam a particularidade das cláusulas finais de se referirem a eventos no tempo futuro, em que as informações: “conseguir a paz verdadeira”, “desaparecer os piores aspectos da guerra”,

“desenvolver um bom sistema de raiz”, “viver com uma economia forte”, “os frutos crescer mais sãos”, “terminar de cumprir a pena em prisões salvadorenhas”, “desfrutar e conhecer as maravilhas de Lara” (144-150), traduzem o desejo dos falantes com referência à concretização destes eventos.

Ao contrário do item verificado na seção anterior, encontramos três casos com o modo indicativo, que seguem listados abaixo:

151. “... al ministro del ramo las dificultades por las que atraviesa la agricultura regional y las modificaciones estructurales, que a juicio del suscrito, son necesarias en las políticas e instrumentos que maneja el Ministerio de Agricultura, **a fin de que pueden** contribuir de mejor forma a la superación del deterioro que esta actividad presenta”. (CHRA05J8.TXT)
152. “El problema del alto costo del interferón⁴⁸, también fue considerado en el Congreso de Cannes y se trabaja para su reducción, **a fin de que**, a corto plazo, **se convierte** en un remedio al alcance de cuantos lo necesitan”. (COTI29J8.TXT)
153. “...el desconocimiento y el menosprecio de los derechos del hombre han originado actos de barbarie ultrajantes para la conciencia de la humanidad, y que se ha proclamado, como la aspiración más elevada del hombre, el advenimiento de un mundo en que los seres humanos, liberados del temor y de la miseria, disfruten de la libertad de palabra y de creencias, y que es esencial que los derechos humanos sean protegidos por un régimen de derecho, **a fin de que** el hombre no **se ve** compelido al supremo recurso de la rebelión contra la tiranía y la opresión”. (ECTE17L8.TXT)

Os dados (151) a (153) trazem uma construção não muito usual em castelhano. Em (151), o uso do indicativo faz parte de uma perífrase modal “pode contribuir para” que parece explicar seu emprego. No seguinte, o “curto prazo” para o qual se faz previsão talvez explique a ocorrência do indicativo em (152). No trecho seguinte (153), o mundo hipotético do sonho é enunciado como possível e real: assim vemos os poucos dados de “*a fin de que*” com indicativo.

3.3 “Después de que”

⁴⁸ Um tipo de droga utilizada para o tratamento da Hepatite C.

Dentre as orações adverbiais temporais, analisamos os conectores “*después de que*” e “*cuando*”.

As cláusulas adverbiais temporais codificam uma conexão temporal entre a oração principal e a subordinada, relacionadas a uma seqüência temporal de precedência de um estado/evento.

<i>Modos</i>	<i>Dados</i>
Uso do Indicativo	143
Uso do Subjuntivo	36
Total	179

Quadro 19: Uso dos modos verbais: “Después de que”

Nossos resultados indicam a correlação entre o subjuntivo e o tempo futuro. De acordo com nossa expectativa para as temporais, partimos da hipótese de que o modo subjuntivo em contextos que indicam o traço de futuridade e o modo indicativo para os contextos referentes às ações concretizadas no tempo presente ou passado.

Os dados com o modo subjuntivo referem-se a contextos em que a expressão “*después de que*” está atrelada a fatos futuros e os dados em indicativo, a fatos passados.

Vejamos exemplos com o modo indicativo:

154. "Acaba de aparecer una información firmada por un prestigioso periodista que afirma que el Dioni no estuvo solo cuando cometió el famoso hurto de los trescientos millones..., **después de que** el Dioni **está** en la calle, de que ya se ha celebrado el juicio, de que todo ha quedado un poco en aguas de borraja... pues cometió un desliz y del que después se ha arrepentido". (PECM23K8.TXT)
155. "...A Héctor Gamaliel Alarcón le salió el tiro por la culata. **Después de que apeló** la pena de 40 años de prisión que le impuso el Tribunal Sexto de Sentencia, la Sala Cuarta anuló el fallo y ordenó que se repitiera el juicio". (GUSV1999.TXT)
156. "El Gobierno de Colombia autorizó ayer a un grupo de civiles a reunirse, horas **después de que prohibió** a todos los funcionarios públicos contactos con organizaciones rebeldes". (VENA08J8.TXT)
157. "**Después de que** en 1996 se **dieron** importantes transformaciones a la Constitución Política de los Estados Unidos Mexicanos, se sentaron las bases de una normatividad que pretendía que los comicios fueran creíbles y legitimados a través de la ciudadanización de las instancias electorales". (MXDB23B9.TXT)
158. "La policía encontró el cadáver de Gary Moisés Castañeda, de

- 15 años, 22 días **después de que fue secuestrado** del colegio Monte Alto, donde estudiaba. El hallazgo ocurrió”. (GTSV1998.TXT)
159. “La aclaración del gobierno de Quito ocurrió **después de que** el presidente peruano Alberto Fujimori **dijo** el martes que su país ha suspendido las compras de armamento y reducirá progresivamente el gasto militar, tras la firma de la paz con el Ecuador”.(PECM23K8.TXT)
160. “Tres días **después de que** el director de la Policía Nacional Civil (PNC), Angel Conte, **aseguró** que el país estaba en cero secuestros, ayer por la tarde, las fuerzas de seguridad rescataron a Edgar Alexander Púrez Rodríguez, de 23 años de edad, quien permanecía atado de pies y manos en el interior de una vivienda en México”.(GUSV1999.TXT)

Eventos já concluídos, no caso dos exemplos (154-160) não apresentam traço de futuridade e, portanto, retém o indicativo, modo correlacionado à modalidade *realis*. Nestes casos, o nexos “*después de que*” faz menção a ações que pertencem à experiência do locutor, referência a ações passadas, reais e verdadeiras, confirmando a hipótese de que o *realis*, codificado pelo indicativo, é justificado pelo contexto de fatos já concluídos, ou em seqüência, como é o caso do trecho (154) em que o informante situa sua informação no tempo presente “Dione está na rua depois do furto”. A habitualidade revela um hábito que alcança o domínio do *realis*, pelo evento descrito já ter ocorrido alguma vez.

Nos exemplos seguintes “a apelação da pena de 40 anos de prisão”, “a proibição a todos os funcionários públicos de contatos com organizadores rebeldes”, “importantes transformações na Constituição Política dos Estados Unidos Mexicanos”, “o seqüestro de Gary Moisés Castañeda”, “a suspensão das compras do armamento” e “a afirmação do diretor da Polícia de que não há mais seqüestros” em (155-160), respectivamente, o modo indicativo codifica informações reais que ocorreram no tempo passado e estão salientes na mente dos informantes.

Consideremos agora os exemplos que se seguem, em que os informantes utilizam o modo subjuntivo para codificar suas informações:

161. Malan estimó que no se completarían paquetes de financiamiento hasta **después de que** Brasil **anuncie** en detalles medidas fiscales que el presidente brasileño, Fernando H. Cardoso, adelantó en líneas generales, pero que dará a conocer con precisión el 20 de octubre.(UREP11J8.TXT)
162. “Jorge González, dijo que los restos encontrados en un atáud ‘son posiblemente los de Tania’. La confirmación se haría **después de que se desentierre** totalmente el esqueleto”.

(ARCL21I8.TXT)

163. Incluso se busca que estén presentes la mayor cantidad de presidentes latinoamericanos que asistieron a la firma del acuerdo de paz, especialmente de los países garantes del protocolo de límites (Argentina, Brasil, Chile y Estados Unidos). Esta cumbre se realizaría **después de que** Ecuador **cumpla** con ratificar el Tratado de Comercio y Navegación y el Acuerdo de Integración Fronteriza, precisó el canciller. (PECM23K8.TXT)
164. “NationsBank Corp. eliminará 6.000 empleos en el estado norteamericano de la Florida **después de que culmine** el proceso de adquisición de Barnett Banks, dijo el viernes el portavoz de la compañía”.(PYDD03A8.TXT)
165. “Para él, es muy importante que sea una persona que tenga libertad de criterio tal que gobierne para todos **después de que gane** las elecciones, que no lo haga sólo para un partido. (MXDB23B9.TXT)
166. Para recurrir al juicio de amparo contra el Impuesto, los interesados tienen 30 días hábiles a partir de la fecha en que entró en vigor el decreto. Otra opción es solicitarlo 15 días **después de que hayan realizado** el primer pago del Impuesto o que la autoridad lo haya exigido. (MXDJ03B9.TXT)
167. Muchos fanáticos de los Yankees consideraron a Maris un traidor por haber roto el récord de uno de los héroes de Manhattan. En 1998, dos peloteros de diferentes orígenes, Mark McGwire de casi 35 años de edad y Sammy Sosa quien cumplirá 30 años **después de que** la temporada **finalice**, están ambos a punto de romper el récord impuesto por Maris. (ASEF15E9.TXT)

O verbo das cláusulas subordinadas introduzidas pela conjunção “*después de que*” requer o subjuntivo se a ação descrita pelo verbo ainda não ocorreu. O subjuntivo é mantido sob o escopo do traço de futuridade, domínio da realização de eventos potenciais.

A interpretação de futuridade e de incerteza epistêmica, identificada nos contextos acima revelam a modalidade *irrealis*. Sob o escopo desta modalidade, o falante não pode afirmar se o conteúdo proposicional é verdadeiro ou falso tendo em vista que ele está projetado para um tempo futuro.

A referência a eventos hipotéticos, instaura nos trechos (161-167) a possibilidade de realização e de não-realização destes fatos. No exemplo (161) a informação “anunciar em detalhes medidas fiscais” está projetada no tempo futuro com o conector “*después de que*” seguido pelo verbo codificado no modo subjuntivo. Essa codificação confirma o traço de futuridade.

Assim, temos nos trechos seguintes, as informações: “a afirmação de que os restos

mortais são de Tania”, “a reunião dos presidentes da Argentina, Brasil, Chile e Estados Unidos”, “a celebração da reunião”, “o ato de governar para todos”, “solicitar o primeiro pagamento do imposto” e “cumprir 30 anos” serão concretizadas mediante a realização dos eventos da oração subordinada, codificados pelo modo subjuntivo, por apresentarem escopo de possibilidade de realização. Logo, estes estados/eventos dependem basicamente das ações hipotéticas, “desenterrar o esqueleto” em (162), “ratificar o Tratado de Comércio e Navegação” em (163), “culminar o processo de aquisição de Barnett Banks” em (164), “ganhar as eleições” em (165), “realizar o primeiro pagamento do imposto” em (166) e “finalizar a temporada” em (167). Portanto, essas orações se referem a uma situação que se dará posteriormente a outra.

Esses resultados confirmam a hipótese da compatibilidade do modo subjuntivo com o traço de futuridade. Essa projeção futura cria um distanciamento do falante com o conteúdo proposicional, tornando a informação potencial. Em oposição, o uso do indicativo se restringe a fatos conhecidos e experienciados pelo falante.

3.4 “Cuando”

Finalizando a análise das orações adverbiais, propomos agora a verificação do conector temporal “*cuando*”.

Considerações acerca da modalidade, especificamente da modalidade *irrealis*, são centrais para o entendimento da noção de futuridade. Futuro não figura somente a categoria gramatical de tempo, mas se intersecciona com a modalidade; o futuro é hipotético e incerto por natureza. Nos termos de Givón (1995), o futuro é um tempo claramente *irrealis*, tratando de estados ou eventos hipotéticos, possíveis, incertos, que ainda não ocorreram. Nesse sentido, as noções de futuridade e incerteza confluem e caracterizam a modalidade *irrealis* sob a qual o modo subjuntivo é provável de ser realizado.

Convém lembrar a premissa givoniana de que o subjuntivo é mais provável de aparecer com cláusulas adverbiais temporais que estão inerentemente sob o escopo da modalidade *irrealis* (Givón, 1995:124).

Os resultados apresentados para o item selecionado foram extraídos da verificação de uso do modo indicativo relacionado com o fator tempo. Conforme veremos na análise, os dados confirmam nossa expectativa da relação do modo subjuntivo com o traço de futuridade. Observe no quadro abaixo as ocorrências para cada modo:

<i>Modos</i>	<i>Dados</i>
Uso do Indicativo	1516
Uso do Subjuntivo	159
Total	1675

Quadro 20: Uso dos modos verbais: “Cuando”

Os resultados evidenciados no quadro 20 confirmam nossa expectativa da correlação entre o modo subjuntivo e o traço futuridade. Considere os exemplos que se seguem com o modo indicativo:

168. “Creen que al chico de 8 años lo asesinaron tres vecinos. Aunque los ladrones que mataron de un balazo a un nene de 8 años **cuando asaltaron** la casa de Ingeniero Budge aún no están identificados, la Policía tiene prácticamente la certeza de que se trata de tres vecinos del barrio”.(ARLRB9.TXT)
169. Después de la crisis petrolera del 73 **cuando** el barril **tocó** los 30 dólares -el doble de hoy- la Argentina apenas elevó su stock de reservas de petróleo. (ARCL21J8.TXT)
170. “**Cuando iniciaron** las campañas políticas, El Faro publicó un Editorial en el que solicitaba a los candidatos actuar con seriedad y presentar planes concretos de gobierno, debatir los problemas reales del país y trabajar sobre una campaña digna y a la altura de la población”.(ASEF15E9.TXT)
171. “El magistrado adquirió cierta notoriedad hace más de un año, **cuando fue agredido** por dos desconocidos a la salida de sus clases en la Facultad de Derecho de la Universidad de Buenos Aires (UBA)”. (ARDA03B9.TXT)
172. “**Cuando** les **digo** que un maestro que recién empieza cobra \$300 (con suerte), tengo que repetirles la cifra varias veces porque creen que entendieron mal”.(ARCL21J8.TXT)
173. “El mendocino quiere ver que se hacen cosas. Si le cuesta pagar los impuestos, necesita señales. Pero todo anda mal **cuando** los hospitales se **empiezan** a quedar sin abastecimiento”. (ARDA03B9.TXT)
174. “Nosotros hacemos todo lo posible por ganar. Además, los jugadores somos los primeros en lamentarnos **cuando nos quedamos** afuera de una competición”.(ARCL21J8.TXT)

Os dados mostram a conexão entre o modo indicativo e a modalidade *realis*, identificada nos contextos de tempos mais próximos da experiência do falante, da localização de eventos mais salientes, mais facilmente acessados, por estarem no tempo presente ou passado, ou seja, situações factuais vivenciadas pelos falantes.

Conforme havíamos previsto, os resultados confirmam que o número de ocorrências codificadas com o modo indicativo está relacionada ao tempo passado como nos trechos (168) a (171) e no tempo presente, nos trechos (172) a (174).

Em (168) “o assassinato de uma criança de 8 anos” ocorreu “quando assaltaram a casa do engenheiro Budge”. Em (169) “a Argentina aumentou seus estoques de petróleo quando o barril chegou a 30 dólares”. No trecho seguinte, “o jornal Faro publicou um editorial quando iniciaram as campanhas políticas”. Em (171) “o magistrado adquiriu certa notoriedade quando foi agredido por desconhecidos”.

Nos próximos exemplos, temos no trecho (172), o fato de ter que “repetir a cifra” várias vezes, porque os ouvintes acham que ouviram mal quando lhes é dito o quanto ganha um professor em começo de carreira. Em (173) infere-se o fato de que “tudo anda mal” a partir do momento em que “os hospitais começam a ficar sem abastecimento”. E em (174) “os jogadores são os primeiros a se lamentarem” com o fato de “ficar fora de uma competição”.

Diferentemente, os exemplos abaixo apresentam o traço de futuridade ligado ao recurso lingüístico do conector “*cuando*”. A conjunção adverbial “*cuando*” guia as inferências acerca da seqüência temporal entre eventos. Considere os trechos que se seguem com o modo subjuntivo:

175. “La visita de los dos políticos salvadoreños está muy bien planeada. Estarán aquí **cuando** Clinton **llegue** al país, el 8 de marzo”.(ASPG05C9.TXT)
176. “Hasta ahora no hay cifras oficiales sobre la cantidad de gente que eligió Mendoza. Según Juan Antonio Ruano, director de promoción turística, recién se sabrán los porcentajes **cuando concluya** la temporada”. (ARDA03B9.TXT)
177. “Sacar el zapallo, quitarle la cáscara y hacer un puré grueso trabajando con el tenedor. Echarlo nuevamente en la olla y, **cuando levante** otra vez el hervor, agregar las batatas en cubitos. Probar y salar”.(ARVI02B9.TXT)
178. “Corach remarcó que **cuando** Brasil **ordene** sus finanzas, los ministros de Economía del Mercosur deberán reunirse con el objeto de encuadrar las mecánicas a seguir en el bloque regional. En declaraciones efectuadas”. (ARBF19A9.TXT)
179. “Sembrar en una pequeña maceta con tierra, semillas de poroto y, **cuando comiencen** a germinar, colocarla dentro de una caja de zapatos en la que se ha practicado un orificio en uno de sus extremos. La caja se cierra con su tapa”. (MXDI03B9.TXT)
180. “El Sub-20 buscará esta noche su tercera victoria consecutiva Mar del Plata (Especial).- Con el desafío de alcanzar un mejor rendimiento futbolístico, el seleccionado argentino Sub-20 buscará esta noche su clasificación para la ronda definitoria del

Campeonato Sudamericano por el Grupo A, **cuando** desde las 22:10 **enfrente** a Perú en el estadio mundialista de esta ciudad”.(ARLRB9.TXT)

181. “Tú porque eres joven, pero **cuando seas** más mayor llevarás pastillas por todos los bolsillos”.(ARAF19A9.TXT)

O dado em (175) focaliza uma hipótese acerca do fato de que “os políticos salvadorenhos estarão em Salvador quando Clinton chegar ao país no dia 8 de março”. Neste enunciado, se faz referência a uma ação futura.

No trecho (176) “quando terminar a temporada, será possível saber quantas pessoas votaram em Mendoza”. No trecho (177) temos a transcrição de uma receita em que deverá ser colocado novamente “o purê de abóbora na panela quando levantar fervura”. Em (178) “os ministros de economia do Mercosul deverão reunir-se quando o Brasil ordenar suas finanças”. No exemplo seguinte (179), “as sementes de feijão devem ser semeadas quando começarem a germinar”. Assim como nos exemplos (180) em que “o futebol Sub-20 argentino buscará sua classificação quando enfrentar o Peru”. Em (181) “o indivíduo levará remédios nos bolsos quando for maior”, em exemplo que traz o futuro “llevarás” subordinando a principal em subjuntivo.

Mediante estas amostras, observamos que o modo subjuntivo é mantido sob o escopo do traço de futuridade, domínio da realização de eventos potenciais. A projeção futura distancia o falante do conteúdo proposicional, tornando a informação potencial, hipotética, incerta.

A interpretação da futuridade e da incerteza é identificada nestas cláusulas temporais, apontando o traço de projeção futura da modalidade *irrealis* manifestado intrinsecamente pelo conector “*cuando*”. Sob o escopo desta modalidade, não é possível afirmar a veracidade nem a falsidade dos eventos codificados acima. A referência a eventos futuros reflete apenas a possibilidade da realização dos mesmos.

Nestes termos, teríamos o significado de que o falante opera a escolha do modo verbal motivada pelo contexto de futuridade que privilegia o uso do subjuntivo e contexto com ausência desse traço inibe seu emprego, favorecendo a intervenção do modo indicativo.

Trabalhos como o de Pimpão (1999) ressaltam essa correlação entre o tempo e a modalidade, proposto por Givón (1995), em que passado e presente estão sob o escopo da modalidade *realis* e o futuro, modalidade *irrealis*.

Baseados no Princípio da Marcação (cf. Givón, 1995), prevíamos o modo indicativo

como item não-marcado, sendo favorecido tanto em contextos do tempo presente como do tempo passado. Nossa hipótese se confirma, pois são mais recorrentes nos contextos estipulados e esses resultados podem ser uma pista de que estes itens são comuns também em espanhol.

Com relação aos manuais gramaticais, encontramos nos três livros analisados a regra de utilização de ambos os modos. Os autores arrolam contextos determinísticos para o emprego do modo subjuntivo ao se referirem a ações ou situações futuras, tomando um momento do passado como ponto de referência temporal e para o emprego do modo indicativo correlacionado a ações identificadas no tempo passado.

O critério exposto por Álvarez (1987) também alude ao contraste “experiência x antecipação”, relacionando o subjuntivo à atitude de incerteza, de possibilidade, de hipótese; e ao indicativo, uma atitude de certeza, devido à experiência dos fatos. A teoria proposta pelo autor nos remete ao contraste utilizado em nossa hipótese sobre oposição das modalidades *realis-irrealis*, evidenciados por eventos concretos e hipotéticos.

3.5 “**Aunque**”

A concessiva “*aunque*” é empregada quando a informação da cláusula subordinada expressa um contraste com o conteúdo proposicional da cláusula principal.

De acordo com Medrano (1999b:148) “*las oraciones concesivas expresan, semanticamente, un obstáculo o impedimento para que la acción del verbo de la matriz no se realice, pero no impide su realización*”.

O espanhol permite, desde uma perspectiva pragmática, a alternância dos modos subjuntivo e indicativo na construção concessiva “*aunque*”. Assim como o conector “*tal vez*” e “*quizá*” já analisados, a língua espanhola permite a permeabilidade da codificação de informações dependentes de fatores pragmáticos numa mesma estrutura sintática em que o falante pode, neste caso, com o subjuntivo, codificar um estado/evento que pode ser tanto factual como hipotético e, com o indicativo, alude a um estado/evento factual.

A experiência do falante determina se uma oração é factual ou hipotética e, portanto, depende dele a escolha do modo na codificação de suas informações. Segundo Flamenco García (1999:3826) a escolha do modo subjuntivo ou indicativo depende da atitude do falante acerca do grau de expectativa do cumprimento dos fatos.

De acordo com a hipótese que postulamos para este conector, levamos em consideração dois fatores: se o falante considera o fato expressado pela concessiva como real ou não e se pressupõe que o ouvinte também o conhece. Nessa perspectiva, o uso de desinências do indicativo codifica as informações factuais introduzindo ao interlocutor uma nova informação. Caso contrário, com as desinências modo-temporais subjuntivas, o falante passa a codificar as construções hipotéticas, dando a entender que a informação proferida já é de conhecimento do interlocutor, ou seja, de conhecimento compartilhado.

Segundo Lunn (1989) quando “*aunque*” introduz uma oração codificada pelo indicativo, a informação é classificada como verdadeira e relevante.

A utilização do subjuntivo em contextos de informação compartilhada também é aceita por autores como Correa (2003) em estudo contrastivo entre português e espanhol, e Studerus (1995) num artigo sobre a relação do modo verbal com fatores como o conhecimento compartilhado, verdades gerais, noções de habitualidade, etc.

Vejamos no quadro abaixo o número de ocorrências dos modos verbais:

<i>Modos</i>	<i>Dados</i>
Uso do Indicativo	1050
Uso do Subjuntivo	406
Total	1456

Quadro 21: Uso dos modos verbais: “*Aunque*”

Os resultados nos mostram preferência pelo modo indicativo, enquanto o modo subjuntivo apresenta uma baixa frequência de uso.⁴⁹ Convém lembrar que não há o favorecimento de um ou outro modo nesta análise, mas diferenças pragmáticas codificadas através da alternância das desinências de modo.

Quando da verificação das escolhas modais realizadas com o conector “*aunque*”, levamos em consideração aspectos como os traços propostos como “factual” x “hipotético”, “conhecimento de informação” x “informação nova”.

Com a grande quantidade de casos encontrados no *corpus*, podemos refletir acerca das escolhas em diferentes contextos. Observe a presença do modo indicativo nos exemplos que se seguem:

182. “El agricultor Alfonso Vanegas manifestó que está de acuerdo con que los militares prediquen la palabra de Dios para que la

⁴⁹ Convém esclarecer que, dos dados analisados com o conectivo “*aunque*”, não foram contados os dados seguidos pelo infinitivo.

- humanidad respete sus postulados, **aunque admitió** que es la primera vez que observa a miembros de las Fuerzas Armadas uniformados en un acto evangélico”. (ECUN02L8.TXT)
183. “Bolívar fue un luchador que nunca se rindió **aunque perdió** más batallas que las que ganó; suya es esta penetrante frase: ‘El arte de vencer se aprende en las derrotas’.(COTI29J8.TXT)
184. “**Aunque** Anchieta **evangelizó** en Argentina y Uruguay, fue Brasil el escenario de su doctrina, convirtiendo a numerosos indios de aquel inmenso país. Dejó escritas numerosas obras, falleciendo el 9 de junio de 1597, a la edad de 63 años. Recibió sepultura en la ciudad de Bahía”. (ESC704A9.TXT)
185. “En el mismo sentido, todos aseguran que, de forma paralela al incremento de pacientes, se está observando un mayor número de chicos afectados por la anorexia, **aunque** aún no se **ha perdido** la proporción de un paciente varón por cada diez niñas afectadas”. (ESAB22L8.TXT)
186. “Colombina tiene en la actualidad cerca de 2.000 empleados en todo el territorio nacional. **Aunque** algunos de ellos **han optado** por tomar sus vacaciones durante esta época, la mayoría está trabajando en esta temporada”. (COEE05A9.TXT)
187. “Lo que no hago, sin embargo, es vivir la política como mi profesión. Por esto, **aunque declaro** que no soy político, todo lo que exprese lo diré desde mi responsabilidad política como chileno. Es, por lo tanto, desde esa posición que quiero hacer algunas reflexiones sobre el lenguaje, las emociones y la ética, y al hacerlo, hablar desde mi experiencia y entendimiento como biólogo”. (CHME20K9.TXT)
188. “Asimismo, indicó que se espera que el número de usuarios aumente, pues en esta época de crisis económica y por la proximidad de la Noche Buena existen varias personas que recurren a un préstamo para comprar regalos. ‘Esperamos en esta etapa del año atender 100 personas por día **aunque** ese número **puede** aumentar, debido a que la crisis está afectando sobremanera a varios sectores’, anotó”. (ECTE16L8.TXT)

Os trechos acima codificam o rompimento do emissor com a expectativa esperada por seu receptor devido à presença do conector “*aunque*” e identificam valores epistêmicos acerca dos eventos codificados, indicando forte compromisso por parte do falante com o valor de verdade das informações proposicionais.

Construções como as transcritas acima localizam o concessivo “*aunque*” na modalidade *realis*, codificando informação no tempo passado (182) a (186) e no tempo presente (187) e (188) ou seja, eventos factuais que já ocorreram e estão salientes na memória do falante, favorecendo o modo indicativo.

Em (182), a atitude segura do falante em “admitir que é a primeira vez que observa membros das Forças Armadas em um ato evangélico” é codificada com o modo indicativo

traduzindo o grau de comprometimento com a verdade do conteúdo veiculado pela proposição, já que o falante conhece a situação e a apresenta como um fato objetivo. Neste caso o falante pode pensar que seu interlocutor desconhece tal informação ou considera pertinente informá-la.

No trecho (183) o falante assume a veracidade do fato histórico de que “Bolívar perdeu mais batalhas que ganhou”. Assume um compromisso com a verdade dos fatos, de experiência comum a outras pessoas que conhecem a história da América Latina. Também traz informação histórica (184), em que o dado novo de que “o Brasil foi o cenário da evangelização de Anchieta”. Posto que “Anchieta evangelizou em Argentina e Uruguai”, a informação da subordinada rompe com a expectativa do interlocutor de que o cenário possa ser um destes dois países. Tanto em (183) como (184) trazem personagens históricos em exemplos em passado.

No trecho seguinte, o informante expressa sua firme crença na informação de que “não se perdeu a proporção de um paciente homem para cada dez meninas afetadas pela anorexia” mesmo que esteja aumentando o número de meninos afetados. A informação rompe com a expectativa do interlocutor contida no conteúdo da prótase em (185).

Em (186), a informação: “os empregados optaram por tirar suas férias em determinada época” rompe com a expectativa seguida na apódose de que “a maioria está trabalhando na temporada” e assume a verdade da proposição. As orações (185) e (186) trata de fatos presentes em que o pretérito perfeito composto é utilizado.

Em (187), o falante assume “que não é político”, se comprometendo com o valor de verdade dessa afirmação. A expectativa do receptor de que o falante “seja político” é rompida com o indicativo.

E no trecho (188) o falante informa que “na época do Natal esperam atender 100 pessoas por dia” comprometendo-se com a veracidade e o grau de expectativa do cumprimento do fato de que “esse número possa aumentar”.

Faz-se relevante salientar além da interface entre modalidade *realis* (codificada nos tempos passado e presente nos exemplos anteriores) e a localização do conector “*aunque*”, foram encontrados um percentual muito grande da utilização do modo indicativo seguido de verbos como: *citar, especificar, expresar, reafirmar, decir, declarar, asegurar, manifestar, resaltar, apuntar, añadir, negar, adelantar, aclarar, admitir, agregar*, entre outros, como é o caso dos exemplos (182) e (187) ilustrados nessa pesquisa. Esses verbos “de língua” aparecem em contextos em que o falante reafirma posições diante de eventos que pressupõe serem desconhecidos por seu interlocutor.

São apresentados e discutidos a seguir os exemplos codificados com o modo subjuntivo. Vejamos:

189. “Ya llevamos practicamente un año y medio discutiendo acciones y se ven pocas acciones a pesar de que el Primer Ministro de Japón y el Vicepresidente de Estados Unidos las señalaron. ‘Pero nosotros queremos que se tomen acciones políticas y si no las toman los países industrializados, las naciones emergentes como Chile, **aunque hagamos** todas las reformas, no podrán enfrentar las crisis”. (CHME19K8.TXT)
190. “Escoge bien a tus amigos. ‘Dime con quién andas y te diré quién eres”, es el discurso. Les decimos que **aunque no quieran** las malas amistades terminarán influyéndolos. Claro que esto no se nos aplica, nosotros tenemos que ser amigos de fulano porque nos conviene para un negocio o para conectarnos, porque tiene más dinero y su amistad es más placentera”. (ECTE12L8.TXT)
191. “Guayaquil es una ciudad que ha logrado ubicarse en el camino del desarrollo. No puede empañar su imagen de modernización por culpa de un comercio desordenado, **aunque éste sea** producto de la demanda de la temporada”. (ECTE17L8.TXT)
192. “Dicen que, cuando un individuo es acusado de cometer crímenes internacionales y en concreto, crímenes contra la humanidad, no queda inmune de esta acusación **aunque sea** un jefe de Estado. El señor Pinochet, viajaría en el mejor de los casos, y si todo estuviera en regla, con un pasaporte diplomático de senador. (ARCL21J8.TXT)
193. “Vivir en una sociedad significa relación e interdependencia entre todos los miembros que pertenecemos a ella, por lo tanto lo que hacemos o dejamos de hacer siempre tendrá un efecto en nuestra vida cotidiana. Somos por naturaleza seres "políticos" **aunque no entendamos** adecuadamente o no nos **guste** el término”. (ASPG05C9.TXT)
194. “La poesía metafísica es ilegítima. ¿Cómo así, si la metafísica es legítima y la poesía es un producto tan intelectual como la metafísica? Porque la poesía no es un producto exclusivamente intelectual. Su base es el sentimiento, **aunque se exprese** con la inteligencia. La inteligencia sólo debe servir para expresar el sentimiento”. (ESAT12A9.TXT)
195. “Es como el que va a la universidad, con deseos y ganas de graduarse, pero no lo consigue porque no es buen estudiante. Pero si a ese muchacho no le gusta lo que va a hacer como por ejemplo: médico o abogado, por mucho que estudie y **aunque se llegue** a graduar, nunca va a ser un buen médico o abogado. Para llegar a serlo se necesita que le guste”. (COEE05A9.TXT)
196. “<H1> ¿El lunes de resaca de los Carnavales?
<H2> Sí, no te hablé el año pasado...Me tengo que pintar los labios, **aunque esté** muy feo, pero es que los tengo sequísimos”. (ESAT12A9.TXT)

Opondo-se à evidência das informações factuais verificadas com a codificação do modo indicativo, de acordo com nossa hipótese, prevemos que o modo subjuntivo codifica os eventos hipotéticos. Em (189) o falante informa a respeito de um fato que conhece (fato real) e por alguma razão pensa que seu ouvinte também o conhece, focalizando a hipótese de que “Chile não poderá enfrentar a crise mesmo que se façam todas as reformas”.

No dado em (190), o falante pensa que o fato de que “as más amizades terminam influenciando” é conhecido por seu interlocutor. Poderíamos dizer também que há um interesse do falante em marcar a ação do conteúdo proferido como hipotético ou como uma suposição, um enunciado que não possui caráter temporal e pensando como uma situação possível.

Na próxima oração em (191), o falante afirma que “o comércio desordenado é produto da demanda da temporada” e o uso do subjuntivo nos leva a pensar que o interlocutor tem conhecimento desse fato.

Em (192), o falante expressa sua opinião de que os “chefes de estado não ficam imunes a acusações de crimes contra a humanidade”. Essa informação codificada com o modo subjuntivo não refuta o conhecimento do interlocutor, e acredita-se, portanto, ser aceita pelo ouvinte como informação já conhecida.

Em (193) a informação “não entendemos adequadamente e não gostamos do termo ‘político’” é tomada pelo informante como conhecimento compartilhado entre seus interlocutores, fato corroborado pela utilização da primeira pessoa do plural.

No próximo trecho (194), temos um suposto diálogo entre dois falantes cujo tema é a poesia. Ao proferir “que a poesia se expressa com a inteligência” o uso do modo subjuntivo dá a entender que seu interlocutor já tem conhecimento desta informação óbvia, ainda que o tema em questão é “o que deve ser poesia”.

No trecho (195) a desinência de subjuntivo também codifica um evento hipotético projetado no tempo futuro, expresso por “llegar a serlo” e “nunca va a ser”. A informação proferida é uma comparação entre quem “vai para a universidade com desejo de graduar-se mas não estuda” e “quem não gosta do curso que vai fazer e não consegue graduar-se mesmo que estude muito”. Cremos que essa comparação é um fato conhecido e aceito pela grande maioria dos interlocutores.

E em (196) temos a transcrição de uma conversação entre duas informantes. Ambas reconhecem a situação dos lábios da informante (2) e por esse motivo, acreditamos que a mesma utiliza o modo subjuntivo para codificar a informação, que não é nova, de que “os

lábios estão feios”. Talvez possamos arriscar dizer que a opção de codificar no modo subjuntivo modaliza a expressividade do fato proferido, tornando mais “suave” sua argumentação.

De maneira geral verificamos a confirmação da compatibilidade do modo subjuntivo com o traço “hipotético” e “informação já conhecida”. Ao contrário, com o indicativo, os dados referem-se a fatos reais, vivenciados ou concretizados no tempo passado ou presente. Nestes casos encontramos a presença dos traços “factual” e “informação nova” em que os falantes se comprometem com o valor de verdade das orações.

Tendo como base os resultados dessa análise podemos contrastá-los com as regras encontradas nos manuais verificados nesta pesquisa.

Conforme verificamos na seção 3.5 do capítulo IV, os autores atribuem regras similares à utilização dos modos com o concessivo “*aunque*”, ou seja, depois deste conector, tanto o indicativo como o subjuntivo pode ser utilizado quando a oração subordinada expressa um fato que não é uma nova informação para o ouvinte. No entanto, quando há conhecimento compartilhado o subjuntivo tende a ser usado.

Borrego *et al.* (1986) e Porto Dapena (1991) apresentam características peculiares ao tratar destes usos. Ambos trazem uma série de exemplos e justificam diferentes contextos de uso com o traço “atitude do falante”. Ambos autores mencionam a importância dos tempos verbais na utilização de “*aunque*” relacionado com o grau de expectativa do falante⁵⁰.

Segundo os autores, existe uma correlação temporal quando a oração subordinada leva o verbo em subjuntivo em que o presente e o pretérito perfeito expressam uma hipótese possível e exigem que o verbo esteja no tempo presente ou futuro do indicativo na oração subordinada, como no caso dos exemplos (190) e (194) ilustrados nessa pesquisa: “Les decimos que aunque no quieran las malas amistades terminarán influyéndolos”, “Su base es el sentimiento, aunque se exprese con la inteligencia”, respectivamente.

Álvarez (1987) também faz referência à relação temporal de maneira simplificada, mencionando que o “*uso de uno u otro tiempo depende exclusivamente de que la acción introducida por “aunque” sea, en el caso del presente, no experimentada o dudosa, y en el imperfecto, puramente hipotética*” (Álvarez, 1987:67).

No tratamento de “*aunque*”, o autor faz menção à regra sintática em que o uso do indicativo se dá quando este conector pode ser substituído sem mudança de significado por “*pero*”, por tratar-se de uma coordenada adversativa e porque se usa somente em contextos

⁵⁰ Em Borrego *et al.* (1986) encontramos a presença do fator tempo em todas as explicações nas regras de uso do conector “*aunque*”.

experimentados.

A estrutura básica apresentada por Álvarez (1987) refere-se ao contraste “experiência” versus “não experiência” em que o indicativo codifica os eventos experimentados pelos falantes enquanto o subjuntivo é usado quando o falante não tem experiência pessoal da ação.

O funcionamento da partícula “*aunque*” assemelha-se aos traços postulados pelos outros autores citados em se tratando do caráter informativo ou não da prótase. No entanto, Álvarez não faz menção ao traço da pressuposição de que o ouvinte conheça ou desconheça os fatos.

O componente pragmático intervém nas cláusulas concessivas em decorrência da alternância dos modos indicativo e subjuntivo em que a atitude do falante e o seu compromisso com a veracidade dos fatos é tomada como fator principal na escolha do modo.

A série de relações que o falante estabelece entre o conteúdo proposicional e o que o rodeia, como o próprio falante, com o ouvinte, com a realidade representada e com o código lingüístico utilizado salienta o fator pragmático presente nos contextos de uso do conector “*aunque*”.

As amostras se mostram relevantes, sendo que a atitude e a avaliação do falante diante do conteúdo proposicional são fatores de escolha do modo, confirmando o rompimento do subjuntivo com a subordinação sintática, já que o conhecimento compartilhado e inferências feitas pelo ouvinte a respeito do conhecimento do ouvinte são fatores que também interferem na escolha modal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise modal verificada nesta pesquisa tratou de dar um panorama contrastivo entre regras normativas e uso, permitindo o estudo dos modos sob diversos enfoques.

Apresentamos resultados do uso dos modos verbais, motivado pelo contexto sintático-semântico e pelo contexto pragmático da intenção comunicativa. Esses resultados indicam, primeiramente, que a caracterização sintática que define o modo subjuntivo como o modo da subordinação não é o único fator distintivo, nem tampouco definitivo para a explicação modal.

Estamos de acordo com Lunn (1995) de que o sistema de modo é um dispositivo através do qual o falante pode avaliar o valor de informação das orações e tomar uma posição avaliativa com respeito às mesmas.

Constatamos como contexto favorável ao uso do modo subjuntivo, o traço de futuridade, vinculado à modalidade *irrealis*. Conforme Givón (1995) o futuro é um tempo *irrealis* e a predominância de subjuntivo em seqüência a “*es posible que*”, “*para que*”, “*a fin de que*” confirma essa hipótese.

Outros critérios também foram igualmente constatados, como o favorecimento do modo indicativo com o traço da asserção e pressuposição; e do subjuntivo, com o traço da não-asserção, da pressuposição (em orações de comentário) e da modalidade deôntica indutora da modalidade *irrealis*.

Dentre as cláusulas analisadas, os itens das orações substantivas afirmativas apresentam-se como um contexto favorável à retenção do modo indicativo, focalizando um critério sintático-semântico de escolha do modo, com “*pensar que*”, “*saber que*”.

Com as cláusulas negativas, não observamos resultados similares entre os itens analisados. Constatamos o favorecimento do modo subjuntivo com a expressão “*no creer que*” em confirmação com a hipótese da correlação entre o traço da não-asserção e as orações negativas. Essas orações codificadas com o modo subjuntivo focalizam um caráter de dúvida ao conteúdo proposicional, com “*no creer que*”.

Diferentemente, o item “*no pensar que*” apresenta variação de uso e para os casos codificados com o modo indicativo, constatamos a presença do traço assertivo em contraste ao traço não-assertivo codificado pelo modo subjuntivo. Em outras palavras, as orações

seguidas pelo modo subjuntivo evidenciam a dúvida do falante com respeito à informação proferida e com o indicativo, o falante afirma o conteúdo exposto.

Com o item “*no saber*” observamos o oposto dos outros itens. A pressuposição, presente nas orações afirmativas, apresenta o evento expresso como garantido, como ocorrido em um tempo específico. O *realis* demonstra evidências para assegurar a veracidade do evento. A negação assegura a falsidade do evento, portanto, o uso do modo indicativo, encontrado na maioria dos casos analisados e, o *irrealis* é fracamente asserido por não ter evidências fortes para defender a informação proposicional, encontrado nas poucas amostras com o modo subjuntivo.

Os resultados verificados com as expressões “*es cierto que*” também indicam um contexto favorável ao uso do modo indicativo correlacionado ao traço da asserção inerente ao item, e o favorecimento do subjuntivo devido à presença da pressuposição do comentário “*es posible que*”.

A outra expressão verificada, pertencente à classe das substantivas, é o item “*es necesario que*”. Outro contexto favorecedor do modo subjuntivo se explica pelo traço da futuridade da modalidade deôntica, evidenciados neste item.

Das cláusulas independentes, o item “*seguramente*” também se mostra relevante como condicionante do emprego do modo indicativo corroborando a relação entre asserção e indicativo.

Para os dois outros itens, os advérbios de dúvida “*quizá*” e “*tal vez*”, convém lembrar que uma das características dessas conjunções é a de que as estruturas morfossintáticas dessas orações permitem, no espanhol, a alternância de modo indicativo/subjuntivo que codificam diferenças pragmáticas, segundo se trate de um evento factual ou hipotético, através da mudança de desinências modo-temporais.

A utilização do modo indicativo para codificar essas expressões remete ao fato de que o falante trata de eventos factuais. A presença do traço de futuridade é um fator favorável à retenção do modo subjuntivo com estes advérbios.

A possibilidade da utilização de ambos modos ocorre apenas quando o advérbio está anteposto ao verbo. Caso contrário, verificamos a utilização obrigatória do modo indicativo quando o advérbio aparece posposto ao verbo.

Seguindo a análise dos contextos verificados nesta pesquisa, também podemos tecer considerações a respeito das cláusulas adverbiais. Essas orações carregam inerentemente a modalidade *irrealis*, facilitando o contexto do uso do modo subjuntivo, como é o caso por exemplo das construções adverbiais finais, que formam um contexto favorecedor ao uso do

subjuntivo, já que apresentam o traço de futuridade presente no contexto.

Os itens “*para que*” e “*a fin de que*” ilustram essa característica. São conectores vinculados à modalidade dos eventos potenciais, ainda não-realizados e retêm obrigatoriamente o modo subjuntivo.

Os advérbios temporais “*después de que*” e “*cuando*” também salientam essa característica, e mostram resultados com presença numérica marcante de subjuntivo.

Os dados analisados com esses conectores mostram conexão entre o modo indicativo e a modalidade *realis*, identificada nos contextos de tempos mais próximos da experiência do falante, referência a ações passadas, reais. O número de ocorrências codificadas com o modo indicativo apresenta uma ligação com os tempos presente ou passado, ou seja, eventos já concluídos ou em conclusão. A referência a eventos futuros, hipotéticos, é feita através da codificação com o modo subjuntivo.

O último item analisado “*aunque*” também permite a alternância de modo subjuntivo/indicativo, podendo codificar eventos factuais e hipotéticos com diferentes desinências modais.

De acordo com os resultados, constatamos que o conhecimento da informação pelo interlocutor, e a factualidade do evento garantem o favorecimento do modo indicativo. Em contraste o caráter hipotético da modalidade *irrealis* e a característica de informação nova garantem a presença do modo subjuntivo. A experiência do falante é o determinante dos traços factual e hipotético e, portanto, depende dele a escolha do modo na codificação de suas informações.

Os resultados desse estudo indicam que não existe um critério único, seja pragmático, semântico ou sintático, que explique todas as aparições de subjuntivo ou que dê conta da variação modal em determinados contextos. Por isso se impõe uma consideração particular para cada tipo de construção, estabelecendo contextos específicos em que o subjuntivo é obrigatório como o caso das orações finais e contextos em que cabe a variação modal, e ainda contextos em que apenas a distinção de caráter pragmático pode justificar a seleção de modo, como no caso da concessiva “*aunque*” e dos advérbios “*quizá*” e “*tal vez*”.

Preferimos entender o modo, portanto, como parte de um processo de significação, processo totalmente flexível, em outras palavras, “*lo que el hablante quiere decir*” (Bell,1990:104)

Para concluir a análise dos resultados, apresentamos na tabela 6 abaixo a relação dos autores citados e o percentual para cada uma das orações investigadas nos dados jornalísticos, a fim de facilitar a visualização e estabelecer comparações.

Orações	Autores			Corpus
	BORREGO	DA PENA	ALVAREZ	Dados dos jornais
“Creer que” – O. S. S. A. – verbo de atividade mental	Ind. e Subj.	Ind.	Ind.	Ind.
“Pensar que” - O. S. S. A. – verbo de atividade mental	Ind. e Subj.	Ind.	Ind.	Ind.
“Saber que” - O. S. S. A. – verbo de atividade mental	Ind.	Ind.	Ind.	Ind.
“No creer que” - O. S. S. N. – verbo de atividade mental	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.	Subj.	Subj.
“No pensar que” - O. S. S. N. – verbo de atividade mental	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.	Subj.	Ind. e Subj.
“No saber que” - O. S. S. N. – verbo de atividade mental	Ind. e Subj.	Ind. e Subj. ⁵¹	Ind. e Subj. ⁵²	Ind.
“Es cierto que” - O. S. S. – verbo copulativo + substantivo	Ind.	Ind.	Ind.	Ind.
“Es posible que” - O. S. S. – verbo de apreciação	Subj.	Subj.	Subj.	Subj.
“Es necesario que” - O. S. S. – verbo de apreciação	Subj.	Subj.	Subj.	Subj.
“Seguramente” - Or. independente de possibilidade	Ind. e Subj.	Ind.	Ind.	Ind.
“Quizá” (Anteposto ao verbo) - Or. independente de possibilidade	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.	Ind. e Subj. ⁵³	Ind. e Subj. ⁵⁴
“Quizá” (Posposto ao verbo) - Or. independente de possibilidade -	Ind.	Ind.	Ind.	Ind.
“Tal vez” (Anteposto ao verbo) - Or. independente de possibilidade	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.	Ind. e Subj. ⁵⁵	Ind. e Subj. ⁵⁶
“Tal vez” (Posposto ao verbo) - Or. independente de possibilidade	Ind.	Ind.	Ind.	Ind.
“Para que” - O. S. A. Final	Subj.	Subj.	Subj.	Subj.
“A fin de que” - O. S. A. Final	Subj.	Subj.	Subj.	Subj.
“Después de que” - O. S. A. Temporal	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.
“Cuando” - O. S. A. Temporal	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.
“Aunque” - O. S. A. Concessiva	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.	Ind. e Subj.

Tabela 6 – Resumo do uso dos modos das orações verificadas nos manuais e jornais de língua espanhola

⁵¹ Conforme vimos na seção 1.6, Porto Dapena, a alternância só é possível quando o verbo está na primeira pessoa e as duas orações estão codificadas no passado.

⁵² Conforme vimos nas regras expostas na seção 1.6, Álvarez postula o uso do indicativo quando da utilização do tempo presente. Caso esteja em outros tempos, ambos os modos são aceitos.

⁵³ Segundo o autor, existe preferência na fala culta pelo subjuntivo.

⁵⁴ De acordo com os dados existe preferência pelo modo indicativo, em oposição ao que Álvarez (1987) entende por norma culta.

⁵⁵ Segundo o autor, existe preferência na fala culta pelo subjuntivo.

⁵⁶ De acordo com os dados existe preferência pelo modo indicativo, em oposição à norma culta estipulada por Álvarez (1987).

O confronto entre uso e norma nos permitiu observar o sistema modal codificado em níveis prescritivo e funcional.

Através da observação da tabela 6 podemos notar que existem diferenças entre as regras que veiculam os autores para determinados contextos e os usos na imprensa escrita de fala hispânica.

Entre as cláusulas afirmativas, expressões como: “*creer que*”, e “*pensar que*”, e a independente “*seguramente*” apresentam variação no manual de Borrego *et al.* (1986), diferenciando-se dos outros manuais, e dos dados jornalísticos. Para as negativas, essa variação é prevista pelos manuais de Porto Dapena (1991) e novamente de Borrego *et al.* (1986), ao contrário, as amostras jornalísticas não atestam a variação de uso, sendo que os autores consultados parecem pactuar de tendência variacionista mais do que o *corpus* consultado.

Nessa análise podemos verificar a categorização presente no manual de Álvarez (1987), cujas regras parecem estar mais de acordo com os usos utilizados pela imprensa escrita. Essa categorização da imprensa jornalística pode se dar devido ao fato de que a modalidade escrita está de acordo com as regras prescritivas. Álvarez parece ater-se a esse uso, e só prevê variação, não confirmada pelos dados, com a expressão “*no saber que*”.

Os resultados obtidos com a verificação desses manuais parecem apontar na direção de uma regularização do paradigma de modo verbal vinculado a fatores pragmáticos, em que o julgamento do falante é significativo na codificação das informações. Nesse contexto, podemos constatar que a subordinação não é critério distintivo e básico da categoria modal no verbo espanhol, levando-se em consideração que a proposição subordinada pode aparecer com formas indicativas e subjuntivas, expressando diferentes valores, sendo esses explicados não apenas pela subordinação sintática, mas por questões de significação.

Nos casos em que há a possibilidade de utilização de ambos os modos, há a possibilidade de assumir valores pragmáticos, e desta forma os falantes podem tomar uma posição avaliativa com respeito à proposição, desmistificando a identificação do subjuntivo com a subordinação sintática figurada pela tradição gramatical.

Neste sentido, esta pesquisa visa contribuir para o estudo do modo verbal em perspectiva experimental que pode ser útil ao trabalho didático e à reelaboração de manuais como os aqui analisados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCOS LLORACH, Emilio. Cantaría: modo, tiempo y aspecto. In: *Estudios de gramática funcional del español*. 3ª ed. Madrid: Gredos, 1970, p.106-119.
- _____. Aditamento, adverbio y cuestiones conexas. In: *Estudios de gramática funcional del español*. 3ª ed. Madrid: Gredos, 1984, p.307-342.
- _____. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1994.
- ALVAREZ, Jesús Fernández. *El Subjuntivo*. 7ª ed. Madrid: Edi-6, 1987.
- BELL, Anthony. Mood in Spanish: a discussion of some recent proposals. *Hispania*, vol.63, 1980, p.377-390.
- BELLO, A. *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos*. Madrid: Arco/Libros, 1988 (1847).
- BORREGO, J.; ASECIO, J. G.; PRIETO, E. *El subjuntivo: valores y usos*. Madrid: Sociedad General Española de Librerías, 1986.
- BYBEE, J. & FLEISHMANN, S.. *Modality in grammar an discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- BYBEE, Joan L.. Irrealis as a grammatical category. *Anthropological linguistics*, vol.40, nº 2, 1998, p. 257-271.
- CARRETER, Fernando Lázaro. *Diccionario de términos filológicos*. 2 ed. Madrid, 1962.
- CASTRONOVO, Brian J. La categoría verbal de modo en la tradición gramatical española. In Bosque, I. *Indicativo y subjuntivo*. Madrid: Taurus, 1990, p.66-80.
- CHAFE, Wallace. The realis-irrealis distinction in Caddo, the northern iroquoian languages, and english. In: *Modality in grammar an discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- CORREA, Paulo Antonio Pinheiro. A interface da pragmática com outros módulos da gramática: um estudo contrastivo Português-Espanhol. In: *Hispanista*, n.12. Disponível em www.hispanista.com.br/revista. Acessado em 12/11/2003
- CRUMLISH, Christian. *O dicionário da internet: um guia indispensável para os internautas*. São Paulo: Editora Campus, 1998.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. *et al.* Pressupostos teóricos fundamentais. In *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 29-55.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental Spaces. Aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge University Press, 1985.

FLAMENCO GARCÍA, Luis. Las construcciones concesivas y adversativas. In: Bosque, I. & V. DEMONTE. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Real Academia Española/Espasa Calpe, 1999, p. 3805-3878.

GILI GAYA, Samuel. *Curso superior de sintaxis española*. Barcelona: Vox, 1993.

GIVÓN, Talmy. *Syntax – a functional-typological introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

_____. *Syntax – a functional-typological introduction*. 2 vol. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.

_____. *English grammar. A function-based introduction*. 2 vol. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.

_____. *Functionalism and grammar*. Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

GODOY, Elena; DIAS, Luzia Schalkolski. La oposición modal de los pretéritos perfecto compuesto y simple del español: una perspectiva cognitiva. In: *Anuario brasileño de estudios hispánicos*. vol. 13, Embajada de España en Brasil – Consejería de Educación. Brasília: Thesaurus Editora, 2003, p. 53-65.

GOLDIN, Mark. A psychological perspective of the spanish subjunctive. *Hispania*, vol. 57, 1974, p. 295-300.

GREGORY, Amy E. A cognitive map of indicative and subjunctive mood use in spanish. *Pragmatics and cognition*, vol. 9, nº 1, 2001, p. 99-133.

HERNANDEZ ALONSO, César. *Gramática funcional del español*. Madrid: Gredos, 1984.

HOOVER, Paul J.. On assertive predicates. *Syntax and Semantics*, vol. 4. Ed. John P. Kimball. New York: Academic, 1975, p. 91-124.

_____. Emergent grammar. In: *Berkeley Linguistics Society*, nº 13, 1987, p. 139-157.

_____. Emergent grammar and the a priori grammar postulate. In *Linguistics in context: Connecting Observation and Understanding*, D. Tannen (ed) Norwood, N. J.: Ablex. P., 1988, p. 117-134.

JOHNS, Tim. Microconcord: a language learner's research tool. *System*, 1986, p.151-62.

KING, Larry. *The semantic structure of spanish: meaning and grammatical form*. Amsterdam: Benjamins, 1992.

- LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar*. Vol. 1: Theoretical Prerequisites. Stanford:Stanford UP, 1987.
- LUNN, Patrícia V.. Spanish mood and the prototype of assertability. *Linguistics*, vol.27, 1989, p. 687-702.
- _____. The Evaluative Function of the Spanish Subjunctive. In: BYBEE, J. & FLEISHMANN, S. *Modality in grammar an discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, vol. 1, 1977.
- MARINER BIGORRA, S. Triple noción básica en la categoría modal castellana. In: RFE, LIV, 1971, p.209-252.
- MEDRANO, Jorge Murillo. La selección modal en oraciones subordinadas sustantivas del habla culta costarricense: un análisis pragmático. *Filología y Lingüística*, vol. 25, nº 2, 1999^a, p. 209-229.
- _____. Subjuntivo e indicativo en las oraciones circunsuncionales. *Kañina, Artes y Letras*. Univ. Costa Rica, vol. 23, nº 3, 1999b, p. 143-155.
- MEJÍAS-BIKANDI, Errapel. Assertion and speaker's intention: a pragmatically based account of mood in spanish. *Hispania*, vol. 77, nº 4, 1994, p. 892-902.
- MOURA NEVES, Maria H. de. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NAVAS RUIZ, Ricardo. El subjuntivo castellano: teoría y bibliografía crítica. In Bosque, I. *Indicativo y subjuntivo*. Madrid:Taurus, 1990, p.107-141.
- ONIEVA MORALES, Juan Luis. *La gramática de la Real Academia Española*. Madrid: Playor, 1999.
- PALMER, F. *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- PERINI, Mário A.. *Gramática descritiva do português*. São Paulo:Ática, 1996.
- _____. *Gramática descritiva do português*. 4^a ed, São Paulo:Ática, 2002.
- PIMPÃO, Tatiana Schwochow. *Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática*. Florianópolis:UFSC, 1999. Dissertação de Mestrado.
- PORTO DAPENA, José Álvaro. *Del indicativo al subjuntivo: valores y usos de los modos del verbo*. Madrid: Arco/Libros, 1991.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1973.
- RUANO, Maria Ángeles Sastre. *El subjuntivo en español*. Salamanca: Ediciones Colegio de España, 1997.

- SERRANO, María José. Sobre un cambio sintáctico en el español canario: del indicativo al subjuntivo y condicional. *Hispania*, vol. 78, nº 1, 1995, p. 178-192.
- SHAWL, James R.. Syntactic aspects of the spanish subjunctive. *Hispania*, vol. 58, nº 2 , 1975, p. 323-329.
- SILVA, Iandra Maria da. O emprego do subjuntivo na aprendizagem da segunda língua: um estudo contrastivo entre português e espanhol. In *Linguística Contrastiva: Teoria e Prática*. Londrina: Moriá, 2004, p. 89-100.
- SILVA-CORVALÁN, C.. The gradual loss of mood distinctions in Los Angeles Spanish. In: *Language Variation and Change* 6(3), 1994, p. 255-272.
- SMEAD, Robert N.. En torno al modo en oraciones pseudo-escindidas y exclamativas: Patrones entre monolingües y bilingües. *Hispania*, vol. 77, nº 4, 1994, p.842-854.
- SPERBER, Dan., WILSON, D.. *Relevance: Communication and cognition*. Cambridge: Harvard University Press, 1986.
- STUDERUS, Lenard. Some unresolved issues in spanish mood use. *Hispania*, vol. 78, nº 1, 1995, p. 94-105.
- TAVARES, Maria Alice. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações. Um estudo funcionalista*. Florianópolis:UFSC, 2003. Tese de Doutorado.
- TERRELL, Tracy; HOOPER, J. A semantically based analysis of mood in spanish. *Hispania*, vol. 57, 1974, p. 484-494.
- TRAVIS, Catherine. The semantics of the spanish subjunctive: its use in the natural semantic metalanguage. *Cognitive Linguistics*, vol. 14, nº 1, 2003, p. 47-69.
- WIERZBICKA, Ana. *Lingua Mentalis:the semantics of natural language*. Sydney: Academic Press, 1980.

Anexo 1 - Periódicos Eletrônicos

JORNAIS EM LÍNGUA ESPANHOLA UTILIZADOS NESTA PESQUISA

País	Jornal	Código	Endereço eletrônico
Argentina AR	La Voz del Interior	VI	http://www.intervoz.com.ar
	Clarín	CL	http://www.clarin.com.ar
	Diario Los Andes	DA	http://www.losandes.com.ar/
	La Razón	LR	http://www.larazon.com.ar
	Ambito Financiero	AF	http://www.ambitofinanciero.com/
	Brief	BF	http://www.intermedia.com.ar/brief
Chile CH	El Mercurio	ME	http://www.mercurio.cl
	El Rastro	RA	
	El Chileno	CH	
	Araucanía	AR	http://actualidad.raucania.cl
Colômbia CO	El Mundo	MU	http://www.elmundo.com
	El Tiempo	TI	http://www.eltiempo.com/
	El Espectador	EE	http://www.elespectador.com
Ecuador EC	El Universo	UN	
	El Telégrafo	TE	http://www4.telegrafo.com.ec/
Paraguai PY	El Día	DD	http://www.infonet.com.py/eldia
Peru PE	La República	RE	http://www.larepublica.com.pe
	El Mundo del Comercio	CM	http://www.comercio.com.pe/
	Arrequipa al Dia	AD	http://www.ucsm.edu.pe/~arequipa
	El Sol Interactivo	SI	http://www.el-sol.com.pe/index.htm
	El Correo	EC	http://www.correoperu.com.pe
	Encuesta	ET	http://www.asesor.com.pe/laencuesta
	Gestión	GE	http://www.gestion.com.pe
Uruguai UR	El País	EP	http://www.web2mil.com/elpais/
	La Noticia	NO	http://artigas.chasque.apc.org/lanoticia/
	Brecha	BR	http://www.brech.com.uy
Venezuela VE	El Universal	EU	http://www.eud.com/
	Notitarde	NT	
	El Nacional	NA	http://www.el-nacional.com/
	La Hora	LH	http://www.lahora.com/
	Cielo Rojo	CR	http://www.barquisimeto.com/cielorojo/
México MX	Diario de Yucatán	DY	http://www.yucatan.com.mx/
	El Correo de Hoy	RR	http://www.correodehoy.com.mx/
	El Debate	DB	http://www.debate.com.mx/
	El Siglo de Torreón	ST	http://www.siglo21.com.mx/
	Diario Nuevo de Casas Grandes	CG	http://www.diario.com.mx/dcg/
	La Crónica de Hoy	CH	

	Diario de Chihuahua	DC	http://www.diario.com.mx/dch/
	El Universal	EU	http://www.el-universal.com.mx/net1/home
	El Imparcial	EI	http://www.imparcial.com.mx/notas/secciones
	El Sur de Campeche	SC	
	Diario de Querétaro	DQ	http://www.oem.com.mx/editoras/queretar.
	El Diario de Tampico	DT	
	Diario de Juárez	DJ	
El Salvador SV	El Faro	EF	http://www.elfaro.net/index.htm
	La Prensa Gráfica	PG	http://www.laprensa.com.sv
Guatemala GT	Siglo Vientiuno	SV	http://www.sigloxxi.com/main.html
	Prensa Libre	PL	http://www.prensalibre.com
	La Hora	LH	http://www.lahora.com.gt/dia/lahora.htm
Espanha ES	ABC	AB	http://www.abc.es/
	El Mundo	MU	http://www.el-mundo-es/index.html
	Urgente Online Press	UP	http://www.urgenteonline.ipf.es/
	Diario de Noticias	DN	http://www.noticiasdenavarra.com
	El País	EP	http://www.elpais.es
	Sport	ST	
	Canarias 7	C7	http://www.canarias7.es/
	Diario de Las Palmas	DP	http://www.editorialprensacanaria.es/laspalmas
	El Periódico	PE	http://www.elperiodico.es
Asturianos	AT	http://www.asturianos.com/	

Anexo 2

Dados gerais dos jornais

Países	Jornais coletados
Argentina	22
Bolívia	08
Chile	21
Colombia	08
Equador	08
Paraguai	05
Peru	13
Uruguai	08
Venezuela	20
México	55
Costa rica	05
Cuba	02
El Salvador	04
Guatemala	05
Honduras	05
Nicarágua	05
Panamá	06
Porto rico	04
República Dominicana	08
Espanha	29
Total	241

